



**Do Modelo e Concepção de Jogo à
Análise da *Performance* no Futebol:
O Treino enquanto indutor da
Operacionalização de um modo de
Jogar Específico.**

Estudo de caso na Equipa de Sub-19 do Futebol Clube do Porto

Pedro Ribeiro

Porto, 2008





Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
Pedro Ribeiro



Do Modelo e Concepção de Jogo à Análise da *Performance* no Futebol: O Treino enquanto indutor da Operacionalização de um modo de Jogar Específico.

Estudo de caso na Equipa de Sub-19 do Futebol Clube do Porto

Monografia de Licenciatura realizada no âmbito da disciplina de Seminário,
Opção de Futebol, ministrada no 5º Ano da Licenciatura em Desporto da
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Trabalho Realizado por: Pedro Ricardo Torres Ribeiro

Trabalho Orientado por: Professor Doutor Júlio Manuel Garganta Silva

Porto, 2008



Provas de Licenciatura

Ribeiro, P. (2008). *Do Modelo e Concepção de Jogo à Análise da Performance no Futebol: o Treino enquanto indutor da Operacionalização de um modo de Jogar Específico. Estudo de Caso da Equipa de Sub-19 do Futebol Clube do Porto*. Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: MODELO DE JOGO, ANÁLISE DO JOGO, SCOUTING, TREINO, FORMAÇÃO



Dedicatória

A todos, que como eu, vivem intensamente este Mundo do Futebol...

A todos que me auxiliaram na realização deste trabalho...





Agradecimentos

Ao Professor Doutor Júlio Garganta pela forma cuidada e preocupada com que guiou este trabalho. Pelos conhecimentos que me transmitiu. Pelos ensinamentos de vida. Pelo apoio...Um muito obrigado, Professor.

A todos os Professores da Faculdade, em especial aos Professores do Gabinete de Futebol, por tudo que me ensinaram.

Um agradecimento particular à Professora Doutora Ana Luísa Pereira pelas sugestões e pela disponibilidade evidenciada.

Ao Futebol Clube do Porto como instituição, mas em especial, aos entrevistados, João Luís Afonso e Luís Castro, pela atenção, preocupação e disponibilidade. Ao Patrick Greeveraars, Frasco, José Tavares e ao Rui Silva. Sem eles a realização deste trabalho teria sido impossível. Muito obrigado.

Aos meus queridos pais, por serem os meus melhores amigos. Por serem os meus ídolos. Pelo apoio, postura, paciência, amor e carinho...Pela presença na minha vida! O meu profundo obrigado.

À Joana, por tudo! Por sempre acreditares, pela paciência demonstrada, pelo apoio incondicional, por seres quem és! Obrigado.

A todos os meus amigos, em especial, ao André e João Pedro! Ao meu Mister, João Pedro Coelho, pela presença, amizade e por tudo que me ensinaste. Ao Hélder Baptista, pela amizade e pelos conselhos sempre sábios. Ao Rui Machado pelo apoio e presença constante. Ao Fernando Festa, Tiago, Carina e Ana Raquel pela ajuda e pelo companheirismo.

A todos que contribuíram para que este trabalho se tenha constituído como uma realidade, o meu sincero obrigado.





Índice

Dedicatória	V
Agradecimentos	VII
Índice	IX
Índice de figuras:.....	XIII
RESUMO.....	XV
ABSTRACT	XVII
RÉSUMÉ	XIX
1. Introdução	1
1.1. Objectivos do estudo	5
1.2. Hipóteses do estudo	6
1.3. Estrutura do trabalho	6
2. Revisão da Literatura	9
2.1. Natureza e enquadramento do Jogo de Futebol.....	11
2.2. Factores de Rendimento: importância da dimensão táctica	15
2.3. Modelação do Jogo de Futebol.....	19
2.3.1. Conceito de Modelo.....	20
2.3.2. Jogo e Modelação: relação de inter-dependência.....	22
2.3.3. Modelação Táctica do Jogo de Futebol.....	25
2.3.3.1. Futebol: Sistema que engloba muitos outros Sistemas	26
2.3.3.2. Organização do Jogo: condição essencial na Modelação do Jogo de Futebol.....	29
2.3.4. Modelo e Concepção de Jogo	31
2.3.4.1. Papel do Modelo e Concepção de Jogo no processo de Formação em Futebol.....	35
2.3.4.2. O Treinador enquanto mentor do Modelo e Concepção de Jogo.....	36



2.3.4.3. O Jogador enquanto sujeito activo na assimilação, interpretação e operacionalização da Concepção de Jogo	39
2.4. Análise do Jogo	45
2.4.1. Observação, Notação e Análise do Jogo ... faces da mesma moeda	46
2.4.2. Análise Quantitativa <i>versus</i> Análise Qualitativa: processos independentes ou complementares?	47
2.4.3. Importância da Análise do Jogo no Futebol	50
2.4.4. Âmbitos da Análise do Jogo.....	53
2.4.5. Análise da própria equipa: condição imprescindível para a gestão e construção do processo de treino e de jogo.....	54
2.4.6. <i>Scouting</i> : análise da equipa adversária.....	56
2.5. O Treino enquanto indutor de um Jogo Específico.....	59
3. Metodologia	63
3.1. Amostra.....	65
3.2. Construção das Entrevistas.....	67
3.3. Procedimento.....	68
3.4. Corpus de Estudo.....	69
3.5. Análise do Corpus de Estudo - Análise do Conteúdo	69
3.6. Delimitação dos objectivos como orientação da pesquisa	71
3.7. Definição do Sistema Categorical.....	71
3.8. Justificação do Sistema Categorical	73
3.9. Definição de Unidades de Análise.....	76
4. Apresentação e Discussão do conteúdo das entrevistas	79
C1 – Factores de Rendimento Desportivo.....	81
C2 – Modelação do Jogo de Futebol.....	85
MC2.1 – Relação com o processo de Formação	85
MC2.2 – O Modelo de Jogo	87
MC2.3 – Modelação do “jogo” no escalão de Sub-19.....	90



MC2.4 – Conceção de Jogo do Treinador.....	94
MC2.5 – Jogador como sujeito activo no processo de Modelação.....	95
C3 – Análise do Jogo de Futebol	99
MC3.1 – Futebol de Alto Rendimento versus Futebol de Formação.....	99
MC3.2 – A análise da própria equipa	101
MC3.3 – A análise das equipas adversárias (<i>Scouting</i>) e o processo de Formação	105
C4 – Treino	115
MC4.1 – Formação: Necessidade de se impor o “jogo”	115
MC4.2 – Relação entre Modelo de Jogo e Análise do Jogo.....	116
5. Conclusões	121
6. Sugestões para futuros estudos.....	127
7. Referências Bibliográficas.....	131
8. Anexos.....	I
Guião para a Entrevista ao Coordenador do Gabinete de Scouting (FC Porto).....	III
Guião para a Entrevista ao Coordenador do Departamento de Futebol Juvenil (FC Porto)	V
Anexo 1	IX
Anexo 2	XXI





Índice de figuras:

Figura 1 - Definições de Modelo (Retirado de Garganta, 1997).....	21
Figura 2 – O Jogo enquanto objecto de estudo (Retirado de Garganta, 1997).....	24
Figura 3 - Evolução desejável do processo de Análise de Jogo em Futebol (Retirado de Garganta, 1997).....	48
Figura 4 – Vantagens da realização da Análise do Jogo (Retirado de Oliveira Silva, 2006).....	52
Figura 5 – Interacção entre o processo de treino e o processo de análise e observação do jogo (Retirado de Garganta, 1997).....	61





RESUMO

A estruturação e aplicação do processo de Treino assumem-se como constrangimentos de grande importância para que jogadores e equipas de Futebol alcancem o êxito desportivo.

Neste contexto, o Modelo de Jogo tem-se revelado como um referencial nuclear para enquadrar a prestação competitiva, enquanto que a Análise do Jogo tem contribuído para aferir a distância que separa o processo idealizado do processo efectivado.

Nesse sentido, definiu-se para este estudo, um objectivo geral: perceber a importância atribuída por um clube a aspectos como o Modelo de Jogo, Concepção de Jogo do Treinador e Análise do Jogo (da própria equipa da equipa adversária) na relação com a Operacionalização em Treino, tendo em vista a construção de um Jogo Específico.

Para o efeito realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental, aliada a um estudo de caso na Equipa de Sub-19 do Futebol Clube do Porto. Neste, para além da realização de um período de observação aos treinos e jogos da equipa, procedeu-se também a entrevistas ao Coordenador do Departamento de Formação Juvenil, Luís Castro, e ao Coordenador do Departamento de *Scouting*, João Luís Afonso.

Da análise dos resultados, efectuada com base no cruzamento de informação proveniente da revisão da literatura e a recolhida durante o período de observação dos treinos, bem como do conteúdo das entrevistas, foi possível concluir que: (1) o Modelo de Jogo se assume como o aspecto central que baliza o processo de Treino; (2) a Análise do Jogo se constitui como um importante auxiliar de controlo do processo, quer para o Futebol de Alto Rendimento, quer para o Futebol de Formação; (3) entre Modelo de Jogo e análise do jogo da própria equipa existe uma relação de conformidade e de interdependência funcional; (4) a análise da própria equipa, o *Scouting* das equipas adversárias e a concepção de Jogo do Treinador funcionam sempre como apoios, ou como “acrescentos estratégicos”, ao Modelo de Jogo.





ABSTRACT

The construction and application of the Training process, assumes major value difficulties for players and Soccer teams to achieve sports success.

In this context, the Game Model has been considered a notable reference to competition and the Match Analysis assume a major role to understand the gap between the idealized and the concrete playing performance.

To approach this purpose, a general goal was defined: to understand the importance given by a Club to the Model and Game Conception as well as the Match Analysis (of both, own and adversary teams) related with the training process in order to build a specific way of playing.

A documental research was made as well as a case study with the Under-19 Team of Futebol Clube do Porto. Despite observing their training and matches, interviews were also attained to the Youth Football Department Coordinator, Luís Castro, and Scouting Department Coordinator, João Luís Afonso.

The result analysis was based in the information taken from referenced books and other data acquired during the period of training and interviews.

As conclusion, it can be assumed that: (1) Game Model takes major importance in the Training process; (2) match analysis is of extreme importance to help controlling the process, for the Top Level Soccer, as well as in Young Squads; (3) there is an interdependent relation between the Game Model and the game analysis of the team; (4) the own team analysis, the scouting of the opponents and the coach conception of game always work as backups or strategic supports to the Game Model.





RÉSUMÉ

La structuration et l'application du processus d'Entraînement s'assument comme des contraintes de grande importance mais nécessaires pour que les joueurs et les équipes de Football atteignent succès sportif.

Dans ce contexte, le Modèle de Jeu se révèle comme un référentiel nucléaire pour encadrer la prestation compétitive, tandis que l'Analyse du Jeu contribue pour déterminer la distance qui sépare le processus idéalisé du processus accompli.

Dans ce sens, il a été défini un objectif général pour cette étude: comprendre l'importance donnée par le club à des aspects comme le Modèle de Jeu, la Conception de Jeu de l'Entraîneur et l'Analyse du Jeu (de l'équipe elle-même de l'équipe adverse) dans la relation avec l'opérationnalisation dans l'Entraînement, en vue de la construction d'un Jeu Spécifique.

Afin d'accomplir cet effet, une recherche bibliographique et documentaire a été réalisée, alliée à une étude de cas dans l'Équipe de Sub-19 du Futebol Clube do Porto. Dans celle-ci, en plus de la réalisation d'un cycle d'observation des entraînements et des jeux de l'équipe, des interviews ont aussi été réalisées au Coordinateur du Département de Football de jeune, Luís Castro, et au Coordinateur du Département de *Scouting*, João Luís Afonso.

Dans l'analyse des résultats, effectuée à partir du croisement d'informations résultat de la révision de la littérature et rassemblée pendant le cycle d'observation des entraînements et des interviews, il a été possible de conclure que: (1) le Modèle de Jeu s'assume comme l'aspect central qui balise le processus d'Entraînement ; (2) l'Analyse du Jeu se constitue comme une aide importante pour le contrôle du processus, soit pour le Football de Haut Niveau, soit pour le Football de Formation; (3) entre le Modèle de Jeu et l'analyse du jeu de l'équipe elle-même il existe une relation de conformité et d'interdépendance fonctionnelle; (4) l'analyse de l'équipe elle-même, le *Scouting* des équipes adversaires et la conception de Jeu de l'Entraîneur fonctionnent toujours comme des aides, ou comme des « ajouts stratégiques », au Modèle de Jeu.





1. Introdução





1. Introdução

Modelo de Jogo, Análise do Jogo, *Scouting*, Operacionalização, são termos que entram, cada vez mais, no quotidiano do treino e da competição em Futebol.

Tomando como referência Castellano Paulis e Hernández Mendo (2002), o Futebol, século e meio depois da classe universitária britânica o ter separado do Rugby, tem vindo a adquirir um poder algo inesperado, até para as mentes mais optimistas.

Este, através de um conjunto de regras e características muito próprias, coadjuvadas pela sua natureza expansiva, congrega a atenção e a paixão de uma parte significativa da população mundial.

Para balizar a grandeza do Futebol e tomando como referência a audiência televisiva, Morris (1982) constatou que de todos os acontecimentos da história humana, aquele que mais audiência atraiu, até 1982, tenha sido um jogo de Futebol – a final do Campeonato do Mundo entre a Argentina e a Holanda, em 1978.

Considerando que desde então já passaram cerca de trinta anos, e como a sociedade e os seus valores estão em constante mudança, seria natural que entretanto esta visão acerca do futebol fosse perdendo importância, em detrimento de um outro fenómeno. No entanto, parece-nos que não. De facto, esta perspectiva mantém-se actual, uma vez que, mais do que manifestações políticas, congressos mundiais, notícias de catástrofes ou guerras, o desporto, e mais concretamente o Futebol, continua a denotar uma visibilidade social que, dificilmente, outro qualquer fenómeno consegue obter.

Futebol é conhecimento e segundo Gaiteiro (2006) o conhecimento jamais atingiu um nível tão alto de elaboração e de subtilidade. Ora, este conhecimento congrega as “chaves” que levam ao sucesso desportivo. Assim, na procura de decifrar o que poderá estar na base do sucesso no Futebol, têm sido estudadas as mais variadas “parcelas” referentes a este jogo tão apaixonante.

Se acorrermos às bibliotecas da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto ou da Faculdade de Motricidade Humana, ou ainda de outras



Faculdades que também se dediquem à investigação acerca do Futebol, poderemos encontrar vários estudos que tentam dissecar o Futebol, em várias das suas facetas. Nesse sentido, constata-se a existência de pesquisas centradas em aspectos de ordem fisiológica, energética, psicológica, tática, estratégica, sociológica, escorados por diferentes ciências, perspectivas e teorias, incluindo a cibernética, a teoria do caos, a teoria dos sistemas dinâmicos, a anatomia, a biomecânica, entre outros.

Concordamos portanto com Castellano Paulis e Hernández Mendo (2002), quando referem que o futebol cultiva em si um poder de fascínio, pese embora este tenha deixado de se considerar ser apenas um jogo.

Como consequência da expansão do conhecimento relativo ao Futebol, aquele conjunto de expressões com que começamos a introdução, neste momento, constituem-se como algo “normal” na esfera do Futebol e mais concretamente na sua esfera relativa à investigação.

Modelo de Jogo, Análise do Jogo e *Scouting*, são estudados e só o são porque aparentam ter cota parte de influência no processo de treino. No fundo, o que estes estudos procuram entender são os meios, ou as formas, para se alcançar o máximo rendimento competitivo, no que respeita a uma equipa desportiva. E o treino parece ter um papel preponderante nesse aspecto.

Reparemos nas ideias dos autores que se seguem, que fundamentam a relação desses aspectos com o processo de treino: para Oliveira e Graça (1994) o Modelo de Jogo é um corpo de ideias acerca de como queremos que o nosso jogo seja praticado; segundo Garganta (1996) o estudo dos jogadores e das equipas, ou seja, a análise do jogo tem vindo, ano após ano, a constituir-se como um argumento de crescente importância nos processos de preparação desportiva; para Castelo (1996), dentro da Análise do Jogo, especificamente falando do *Scouting*, este revela ter uma enorme importância para a preparação do jogo contra uma determinada equipa; Franks, Goodman e Miller (1983) referem a extrema importância que a Análise do Jogo tem na consolidação das ideias de jogo (entenda-se Modelo de Jogo) e consequentemente na forma como “dão ao treino” informação relevante para o alcançar da forma de jogar que se pretende.



No fundo, estas ideias são uma pequena parte visível da literatura existente, e como tal, podemos afirmar ser importante reflectirmos sobre estes assuntos. Nesse sentido, pensamos que a pertinência do estudo é evidente.

Especificando e particularizando, de forma a caminhar no sentido do tema do estudo a que nos propusemos dar expressão, entendemos que o processo de treino se constitui como a base do sucesso de uma equipa de Futebol. Assim, pretende-se compreender a lógica de construção, aplicação e controlo de tal processo, de forma a poder descortinar os constrangimentos que poderão influenciar a eficácia dos jogadores e das equipas na competição.

1.1. Objectivos do estudo

Face ao enunciado o objectivo geral a que nos propomos atingir é:

- Perceber a importância atribuída, pelo clube, a aspectos como o Modelo de Jogo, Concepção de Jogo do Treinador e a Análise do Jogo (da própria equipa da equipa adversária) na relação com a Operacionalização em Treino, tendo em vista a construção de um Jogo Específico de uma equipa.

Em função deste os objectivos específicos neste caso serão então:

- Entender se o Modelo de Jogo é considerado pelo clube como a base orientadora do Treino do processo de treino, na Formação;
- Indagar se a Concepção de Jogo do Treinador terá influência na definição e estruturação do Modelo de Jogo Adoptado pelo clube;
- Averiguar se o Treinador realiza análise da própria equipa, em treino e em jogo, e se relaciona essa informação com a implementação do Modelo de Jogo preconizado para a equipa;
- Verificar se existe algum tipo de relação entre Scouting (observação da equipa adversária) e a forma como se operacionaliza o Treino;



- Apurar se o Modelo de Jogo e a Análise do Jogo são considerados, no que se refere à forma como se configura, aplica e controla o Treino.

1.2. Hipóteses do estudo

Assim, como hipóteses a comprovar teremos:

- A dimensão táctica constitui-se como a dimensão mais importante para o rendimento desportivo, na Formação;
- O Modelo de Jogo constitui-se como o elemento balizador de todo o processo de treino;
- A Concepção de Jogo do Treinador tem influência na forma como se estrutura e fundamenta o Modelo de Jogo Adoptado pelo clube;
- A análise da própria equipa é uma ferramenta importante para possíveis correcções ao “jogo” da equipa;
- O Treinador realiza análises das equipas adversárias e existe uma transferência da informação recolhida para situação de treino, como complemento de ordem estratégica;
- Modelo de Jogo e Análise do Jogo são aspectos considerados na estruturação do processo de Treino, na Formação.

1.3. Estrutura do trabalho

No intuito de cumprir com os objectivos definidos e de comprovar as hipóteses recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica e documental, de forma a sustentar o tema e filtrar a informação que melhor se enquadra com a problemática seleccionada.

Depois de sustentada a problemática, realizaremos um estudo de caso na Equipa de Sub-19 do Futebol Clube do Porto. De forma a responder afirmativamente a estes pressupostos realizaremos entrevistas de carácter



semi-aberto às duas pessoas que consideramos terem maior importância na definição destes aspectos, no Futebol Clube do Porto (FCP). Portanto, entrevistaremos o Coordenador do Departamento de Formação Juvenil, Luís Castro (LC) e o Coordenador do Gabinete de *Scouting*, João Luís Afonso (JLA). Em paralelo com este facto, realizaremos um acompanhamento a dois microciclos de treino durante o mês de Outubro.

Assim, o presente estudo estruturar-se-á de acordo com os seguintes pontos:

- O primeiro, a “introdução”, tem como objectivos: apresentar e justificar a pertinência do estudo, delimitar o problema e definir os seus objectivos e hipóteses;
- O segundo ponto consistirá numa revisão da literatura, relacionada com o tema em causa;
- O terceiro ponto será a descrição da metodologia adoptada;
- No quarto ponto, a análise e discussão do conteúdo das entrevistas;
- No quinto ponto, apresentar-se-ão as conclusões do estudo;
- No sexto ponto serão fornecidas sugestões e recomendações para futuros estudos;
- No sétimo ponto, serão indexadas todas as referências bibliográficas;
- No oitavo ponto, serão anexados, os guiões das entrevistas e as transcrições das mesmas.





2. Revisão da Literatura





2. Revisão da Literatura

2.1. Natureza e enquadramento do Jogo de Futebol

“(...) o Futebol não é apenas um jogo desportivo colectivo, ou um espectáculo desportivo, mas também um meio de educação física e desportiva, um campo de aplicação da ciência e uma disciplina de ensino.”

Garganta (1997)

Segundo Garganta (2004) o Futebol desperta paixões, suscita críticas, inspira artistas, podendo mesmo dizer-se que o melhor dele está nos muitos mundos que contém e naquilo que este poderá dar ao Mundo.

Futebol é também, para Santos (2006), uma modalidade em fortíssima expansão, nos dias que correm, podendo mesmo, de acordo com Ponce e Pino Ortega (2003, cit. por Santos, 2006), ser considerada a modalidade desportiva mais famosa.

Pegando nestas ideias, num rol de muitas outras que, no fundo, expressam “a mesma paisagem”, muitas perguntas podem ser feitas e outras tantas inquietações surgem de forma natural. O Futebol, antes de mais, é um mundo muito vasto no qual emergem um turbilhão de emoções, sensações, dúvidas, inquietações, certezas e indefinições. Um mundo que pode e deve ser analisado nas suas mais variadas abrangências.

A profundidade do Futebol é tão grande, que tudo o que se passa no jogo, com todos os seus intervenientes, é analisado ao pormenor (Joyce, 2002).

No sentido de responder a estas inquietações, têm-se realizado inúmeras tentativas para descrever a estrutura do rendimento no Futebol (Garganta & Gréhaigne, 1999). Essas tentativas mais não são, que investigações, que têm como intuito descobrir o que o Futebol esconde (Sousa, 2005).

Assim, o Futebol não se trata apenas de um espectáculo desportivo com grande representatividade na sociedade, mas também porque congrega em si um campo de aplicação da ciência e de uma disciplina de ensino (Garganta, 1997).



Para Santos (2006) são várias as disciplinas científicas que concorrem para a abordagem e análise deste fenómeno, isto apesar de Castelo (2006) referir que diferentes disciplinas vêm e constroem diferentes objectos de estudo. Neste caso, os autores parecem contradizer-se, o que de facto não se constitui, uma vez que é na complementaridade destas disciplinas que está a abrangência deste fenómeno.

Como refere Carvalhal (2000), quando abordamos um fenómeno temos de ter em atenção a sua abrangência, uma vez que esta é tão verdadeira pelo que propõe, como falsa pelo que exclui.

Assim, e não sendo nossa intenção descrever pormenorizadamente características acerca do jogo de Futebol, tentaremos explicar um conjunto de ideias de forma a caminharmos para um melhor entendimento deste.

Futebol é um fenómeno social representado por pessoas e visto por pessoas (Garganta & Pinto, 1998).

Frade (2006) considera-o até um fenómeno antropológico total. Ou seja, o futebol é jogado, vivido e visto por pessoas, por isso quando pensamos num jogo de Futebol, a primeira imagem que nos surge é imediatamente a de um espectáculo efectivo onde duas equipas, com objectivos antagónicos, competem entre si numa relação de confronto permanente.

Aquando de um jogo de futebol, sempre que uma equipa consegue destabilizar a outra estamos perante uma situação de perturbação (Hughes, Dawkins, David & Mills, 1997). Ou seja, uma equipa a defender quando recupera a bola e consegue criar problemas de desorganização à outra, cria um sistema de perturbação, a esta última.

Garganta (1997) parece concordar ao afirmar que, entre essas duas equipas, existe uma relação constante de adversidade-rivalidade desportiva que Teodorescu (1984) caracteriza como sendo uma relação de adversidade típica não hostil, denominada de rivalidade desportiva.

A este propósito, Garganta e Gréhaigne (1999) referem que esta rivalidade desportiva despoleta, entre os intervenientes acções ou relações de oposição/cooperação.



Parecendo-nos acertado afirmar a existência deste tipo de relações, concordamos com Castelo (1994) quando este acrescenta que a relação dialéctica e contraditória de ataque *versus* defesa, é traduzida na forma de redes de comunicação (cooperação) e contra comunicação (oposição), dentro das duas equipas em confronto.

Portanto, percebendo este tipo de relações e que de umas estão dependentes as outras (Garganta & Gréhaigne, 1999), a essência dos jogos desportivos colectivos está precisamente no confronto entre duas equipas e na relação de cooperação que daí se gera dentro dos elementos da própria equipa, tendo em consideração a procura do objectivo de jogo – a vitória (Gréhaigne, 1992).

Garganta e Pinto (1998) parecem dispor de pensamentos idênticos e referem que, tendo em consideração a especificidade que o jogo de Futebol acarreta em si, é possível distinguirmos uma equipa relativamente a outra, em situação de jogo, não apenas pelo equipamento ser diferente mas também porque estas revelam comportamentos congruentes com o objectivo de jogo em cada situação e contraditórios, uma em relação à outra.

Por conseguinte, concordamos com este conjunto de opiniões acerca da relação de cooperação/oposição que existe num jogo de Futebol, uma vez que nos parece ser um dado concreto crer que uma equipa quando está em fase de ataque revela comportamentos condizentes com essa fase específica (procurará a obtenção do golo), da mesma forma que a equipa contrária revelará um padrão antagónico, estando em situação de defesa e tendo como objectivo impedir essa tentativa de obtenção do golo.

Surge-nos então uma inquietação: será que o Futebol se esgota apenas nesta relação de oposição/cooperação?

Neto e Matos (2008) entendem que não e caracterizam o Futebol com um conjunto de factores, para além das referidas relações de forças (cooperação e oposição constantes): interdependência, indeterminação, variabilidade, imprevisibilidade, aleatoriedade, diferenciação de objectivos.



Gréhaigne, Billard e Laroche (1999), apontam mais duas características importantes na caracterização da natureza do jogo de futebol: reversibilidade e emulação.

Castelo (1996), Guilherme Oliveira (2004) e Queiroz (1986) sustentam a mesma opinião, nos seus trabalhos.

Assim, sendo nossa intenção, com este trabalho, procurar entender o que poderá estar na base do sucesso competitivo e considerando ser um dado adquirido que o Futebol é um jogo de confronto entre duas equipas, no qual rapidamente se passa de uma situação favorável a uma outra desfavorável o que poderá estar então na origem do sucesso ou insucesso? Parece-nos uma pergunta pertinente.

De acordo com Garganta (1997) os factores de rendimento poderão estar na base de uma possível resposta a esta inquietação.

Neste âmbito importa perceber: se os factores de rendimento são assim tão importantes; se há algum que se destaque em relação a outro(s); se o segredo do alto rendimento estará suportado em todos eles ou apenas em alguns; e nesse sentido, em quais se suportará mais.



2.2. Factores de Rendimento: importância da dimensão táctica

“O que nos ocupa aqui não tem a ver com a justaposição de «factores» disciplinarmente isolados, mas com a interacção destes no seio de um sistema global homo, constituído precisamente por essas próprias interacções.”

Morin (2002: 27, cit. por Freitas, 2005)

A procura da vitória pelas duas equipas em confronto, num jogo de futebol, acontece em todas as modalidades de índole colectiva. Nesse sentido, o jogo de Futebol caracteriza-se por considerar em si características muito especiais. Neste, por exemplo, uma equipa pode dispor de muitos indicadores positivos (como oportunidades de golo, posse de bola, entre outros) e não ganhar e ao invés a equipa com muito menor índice de indicadores positivos pode ganhar (Lago & Martín, 2007). Portanto, estamos perante uma característica que não é comum a muitos outros desportos.

A vitória é o grande objectivo do desporto, de uma forma geral, e o Futebol não é excepção, independentemente desta ser alcançada, ou não, em função de maior ou menor posse de bola ou oportunidades de golo. Devido à especificidade da modalidade (Savelsbergh & van der Kamp, 2005; Garganta & Pinto, 1998), esta comporta factores de rendimento que terão cota parte de importância no sucesso competitivo de uma equipa (Garganta, 1997).

De acordo com Garganta (1997), embora os factores de rendimento estejam sempre presentes, alguns têm maior preponderância em detrimento de outros.

Tendo por base a literatura referente à teoria do treino desportivo, geralmente são considerados quatro os factores/dimensões de rendimento: físicos, técnicos, tácticos e psicológicos (Garganta, 1997; Castelo, 2002).

Contudo, vários autores citados por Santos (2006) referem-se a outros factores de rendimento: cognitiva e sociopsicológica (Schoch, 1987); teórica e moral (Teodorescu, 2003); sócio/psicológica (Bangsbo, 2004); estratégia e conhecimentos teóricos sobre o jogo (Castelo, 2006a).



Para o nosso estudo, a opinião de Garganta (1997) e Castelo (2002) parece ser a mais adequada e lógica, apesar de facilmente podermos concordar que factores como os morais, sociológicos, teóricos, entre outros poderão também influenciar o rendimento de uma equipa. No entanto, neste trabalho quando nos referirmos a factores/dimensões do rendimento estaremos a reportar-nos a factores tácticos, técnicos, físicos e psicológicos.

Nesta ordem de ideias, parece-nos que mais importante que denominações deveremos procurar reflectir acerca da forma como eles se articulam. Reparemos na opinião dos autores consultados.

De acordo com Tavares (1994), na Formação de jovens atletas, a presença destes quatro factores, parece ser determinante, mas considera que o mais é importante é conotá-los e considerá-los sempre como uma globalidade.

Queiroz (1986) confirma isso mesmo, sustentando que deverá existir sempre uma indivisibilidade das componentes (entenda-se factores/dimensões) de rendimento desportivo.

No entanto, apesar de se encontrarem opiniões reconhecendo que as dimensões do rendimento desportivo devem estar interligadas, estas parecem ser constantemente separadas. Por exemplo a dimensão técnica parece ser uma das esquecidas, de acordo com Raya Pugnaire e Roales Nieto (2002).

Wrzos (1984) entende que estas se encontram interligadas uma vez que considera, por exemplo, que a táctica subsiste sempre considerando uma determinada estratégia sendo que a técnica intervém de forma a interligar estes dois aspectos. Ou seja, utilizando apenas a dimensão táctica e a técnica, este autor refere a importância de não as dissociarmos, uma vez que de uma está intimamente dependente a outra.

Por exemplo, Tani (2001) remete-nos para outro prisma, afirmando que no desporto de rendimento está enraizada a crença de que a excelência no desempenho desportivo pode ser obtida mediante a melhoria na condição física, crença essa sustentada na Fisiologia do Exercício. Não se constituindo como a sua opinião acerca destes factos, constitui-se como uma conclusão retirada dos seus estudos.



Contrapondo um pouco esta ideia Prieto (2001) afirma que um bom jogador de futebol é muito mais que um bom atleta, enquanto Guilherme Oliveira (1991: 32), corrobora da mesma opinião do autor referido acima, ao levantar um conjunto de questões: “Será que no futebol ganha quem salta mais? Quem corre durante mais tempo? Quem é mais rápido? Ou será que normalmente ganha quem joga melhor futebol e quem marca mais golos?”.

O mesmo autor, e de forma a responder a este conjunto de questões, entende que os factores/dimensões do rendimento desportivo devem ser consideradas em conjunto, não se negligenciando nenhum deles, mas que contudo a dimensão táctica, terá uma preponderância maior relativamente às demais. Resende (2002) assume uma postura parecida, e refere que uma concepção metodológica não pode separar a componente táctica das restantes componentes, embora se constitua como globalizante destas.

Opinião concordante tem ainda Garganta (1997) para o qual a dimensão táctica funciona como um pólo de atracção, isto apesar de referir que em termos de investigação e produção bibliografia os factores energéticos, biomecânicos e as características fisiológicas dos jogadores têm tido preponderância em termos de volume de investigações.

Teodorescu (1984) considera os jogos desportivos colectivos como desportos de preponderância táctica e Freitas (2005) refere que a dimensão táctica se assume como coordenadora de todo o processo de treino. Portanto, opiniões em consonância com as anteriores.

Garganta, Marques e Maia (2002) partem do mesmo pressuposto, afirmando que apesar do rendimento desportivo ser multidimensional, a dimensão táctica, no desporto em geral mas no futebol em particular, parece condicionar bastante a prestação de jogadores e das respectivas equipas.

Parece-nos pois, por demais evidente, a importância que tem sido dada à componente táctica no futebol actual, e por isso no nosso estudo tentaremos comprovar se esta, de facto, se constitui como a mais importante das quatro dimensões do rendimento desportivo.

Assim, entendendo que o todo não é igual à soma das partes que o constituem (Morin, 1991; Capra, 1996), mais importante que técnicas ou



táticas estereotipadas é definir princípios de acção ou regras de funcionamento e este facto, na opinião de Garganta e Pinto (1998), reporta-nos para a Modelação do Jogo de Futebol.



2.3. Modelação do Jogo de Futebol

“Operacionalizar uma filosofia é dar corpo à inteligência, à imaginação e à criatividade. É a responsabilidade de uma ligação umbilical entre o exercício, a referência ideológica e o seu inventor.”

(Faria, 2006, cit. por Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006)

Tendo por base a categorização do jogo de Futebol, realizada no ponto anterior, chegamos então à Modelação do Jogo de Futebol.

É um facto que, de alguns anos para cá, começou-se a recorrer com frequência a conceitos como modelo e modelação, no âmbito das Ciências do Desporto (Lucas, Garganta & Fonseca, 2002). Nesse sentido, não é de estranhar que expressões como modelo de jogo, modelo de jogador, modelo de preparação façam parte do vocabulário diário de treinadores e investigadores (Garganta, 1997).

Assim, neste capítulo, tentaremos perceber de que forma os autores se têm referido à Modelação e quais as características que assumem como preponderantes a esse respeito.

Para Perl (2004) a Modelação assume um papel extremamente importante para decifrar o presente de uma determinada situação e poder assim, dessa forma, tentar prever o futuro dessa mesma situação. No fundo, o que este autor quer dizer é que a Modelação assume um papel de intervenção activa para o regulamento dos comportamentos, por exemplo de uma equipa, de forma a esta, no presente estar bem, e no futuro poder ainda estar melhor.

Gréhaigne (1989, cit. por Garganta, 1997: 120) diz-nos que “(...) a modelação do jogo permite fazer emergir problemas, determinar os objectivos de aprendizagem e de treino e constatar os progressos dos praticantes, em relação aos modelos de referência”.

Para Alves (2004, cit. por Santos, 2006) a modelação é uma tendência evolutiva dos processos de treino sendo que Bompa (1999) acrescenta que esta vai, progressivamente, constituir-se como um dos princípios mais importantes no treino, existindo um movimento de há alguns anos para cá que tem como objectivo ligar o processo de treino à modelação.



Lucas e Garganta (2002) concordam afirmando que, cada vez mais, o processo de treino terá de ter como base um Modelo de Jogo e um Modelo de Jogador.

Miguel Araújo e Garganta (2002) consideram que a Modelação deverá ser considerada Tática e que esta se assume, hoje em dia, como um dos factores que mais parece condicionar a prestação dos jogadores e das equipas.

Neste trabalho, iremos considerar a Modelação uma Modelação Tática, encontrando justificação para esta posição em diversos autores (Prieto, 2001; Guilherme Oliveira, 1991; Resende, 2002; Garganta, 1997; Castelo, 1996; Garganta, Marques & Maia, 2002).

Assim numa primeira instância, e antes de avançarmos mais sobre as características mais específicas da Modelação em relação com o Futebol, importa definir o conceito de Modelo de forma a, posteriormente, podermos relacionar Modelo – Modelação – “Jogo”.

2.3.1. Conceito de Modelo

Considerando a literatura referente a este tema podemos verificar que são inúmeras as definições de Modelo.

De acordo com Garganta (1997: 117) “O sentido original da palavra *modelo* é *paradeigma*, que exprime o que se deve copiar, ou o que se impõe necessariamente, do mesmo modo que o molde ou a matriz impõe à matéria uma forma pré-determinada.”.

Modelo pode ser considerado também uma representação simplificada da realidade (Godinho, Melo, Mendes & Barreiros, 2000).

Já Castelo (1996: 379) entende que modelo é “(...) um ensaio, uma aproximação, uma maquete mais ou menos abstracta que representa os aspectos fundamentais, apresentados de uma forma simplificada de uma ou varias situações, permitindo assim, uma melhor interpretação das variáveis que esta em si encerra”.



A este propósito Le Moigne (1990) refere que modelos são criações antecipativas fundamentadas numa concepção da realidade.

Bompa (1999) refere que modelo é uma imitação, uma simulação da realidade.

Já para Faria (1999) o modelo representa, antes de mais, a concepção de jogo do treinador ou seja a forma como quer a sua equipa a jogar.

Assim, de forma a concretizar mais pormenorizadamente este conceito, e servindo-me de Garganta (1997), apresentamos em baixo um conjunto de definições acerca da noção de Modelo (Figura 1):

Autor	Data	Definição
Walliser	1977	representação dum sistema real, mental ou física, expressa sob a forma verbal, gráfica ou matemática
Richards	1980	estrutura composta por símbolos, isomórfica com a estrutura ou processo que pretende representar
Queillet	1981	representação à escala de um conjunto complexo de grande dimensão (sentido físico do termo)
Parlebas	1981	é uma representação simplificada da rede de interacções, de tipo causal ou descritivo, entre os elementos de um sistema
Bompa	1983	imitação, simulação da realidade, constituída por elementos específicos do fenómeno que se observa ou investiga
Minsky	1985	M é um modelo de A na medida em que M é útil para responder a certo tipo de questões acerca de A
Epstein	1986	representação artificial, pela qual se extraem da complexidade do real alguns factores que são abstraídos e considerados pertinentes
Rosado	1986	representação operacional (sobre a qual se pode actuar) e analógica (preservando a estrutura) de um fenómeno e que não precisa de ser exactamente uma réplica dele
Soares	1987	instrumento de trabalho que medeia entre o sujeito que quer conhecer e o objecto que tem de ser conhecido
Pereira	1988	representações operacionais dos fenómenos, que não são exactamente réplicas superficiais destes, mas em que há uma semelhança de estrutura
Le Moigne	1990	representação artificial inteligível, simbólica, de situações sobre as quais se pretende intervir
Anshell et al.	1991	representação visual ou gráfica entre variáveis identificáveis
Dic. Língua Portug.	1992	esquema teórico em matéria científica, representativo de um comportamento, de um fenómeno ou conjunto de fenómenos
Durand	1992	toda a representação ou transcrição abstracta de uma realidade concreta, qualquer que seja a sua forma ou linguagem utilizada (literal, gráfica ou matemática)
Geymonat & Giorello	1992	invenção, expediente, espécie de "máquina imaginária" que o homem constrói artificialmente, mas que pode ser referida ao sector da realidade que é o objecto de estudo
Matos	1994	descrição de elementos considerados fundamentais numa situação, ignorando deliberadamente os elementos tidos como secundários
Bayer	1994a	representação abstracta duma realidade concreta
Nigg	1994	ensaio para representar a realidade
Marina	1995	programa de acção que unifica dados e relações dinâmicas entre esses dados, ligando um conjunto de referências

Figura 1 - Definições de Modelo (Retirado de Garganta, 1997)



De facto a pluralidade de definições de Modelo é enorme. Nesse sentido, sempre que consideramos, neste trabalho, a definição Modelo reportamo-nos, sobretudo à perspectiva de Le Moigne (1990), ou seja, a uma criação antecipativa fundamentada numa concepção da realidade que se pretende modelar.

2.3.2. Jogo e Modelação: relação de inter-dependência

Jogo e Modelação, dois conceitos tão específicos e que parecem, em simultâneo, tão distantes. Será que ao invés desta distância existe alguma relação entre eles?

Vários autores têm-se debruçado sobre este aspecto. Por exemplo, Marina (1995, cit. por Garganta, 1997: 113) refere que “Treinar é modelar através dum projecto (...)”, sendo que através do processo de treino podemos intervir ao nível da qualidade de jogo da equipa e mais concretamente dos jogadores (Santos, 2006).

Portanto, Modelar e Treinar parecem ser consideradas como aspectos similares. Assim, tendo noção que existe uma relação de dependência entre treino e competição, Garganta (1997) refere que, o como se quer jogar é o como se deve treinar, daí o processo de treino desportivo ter como objectivo primário desenvolver a prestação desportiva de forma a esta ser aplicada na competição. Competição esta que serve também de avaliação/comparação do processo na sua globalidade.

Teodorescu (1984) refere que o elemento primário de que deriva o Futebol, enquanto jogo desportivo colectivo, é o jogo sendo que este deve constituir, em treino, o núcleo de todo o processo (Queiroz, 1986). A partir destas palavras não é pois de estranhar que Guilherme Oliveira (1991) refira que se o jogo é o espelho exequível do treino então, para o jogo ser JOGO, o treino não pode ser mais nada que não jogo.

Portanto, a ideia de jogo terá um papel importante na forma de treinar e quanto mais coerente for, mais lógica poderá ter o processo de treino (Tavares,



2003), sendo que o nível de prestação do praticante ou da equipa é o espelho do como se treina (Castelo, 2002).

Assim, de acordo com Garganta (1997), com o treino deverá procurar-se que as transferências das aquisições sejam máximas, sendo que a questão que se coloca é como perspectivar o jogo em situação de treino (Santos, 2006).

Uma possível resposta é nos dada por Guilherme Oliveira (2004), que refere o princípio da especificidade como solução para este tipo de situação. Para o autor, mas em 1991, só se poderá chamar Especificidade à especificidade se existir um conjunto de relações entre várias componentes: táctico-técnicas, psico-cognitivas, físicas e coordenativas.

Desta forma, sendo o Futebol uma modalidade com características muito específicas também a preparação para a competição – entenda-se, o treino – terá de ter essa especificidade (Resende, 2002). No fundo, interligando a especificidade e o “Jogo” que se pretende atingir, este só o consegue ser efectivamente se esta (a Especificidade) estiver presente de forma constante em situação de treino.

Assim, em função destes dados, pensamos poder referir que o “Jogo” tem influência na Modelação, assim como ao invés a Modelação também terá influências no “Jogo” que se pretende criar.

Se a forma como queremos jogar é a forma como devemos treinar então a Modelação terá um papel preponderante nessa construção. Assim, pela especificidade do treino em Futebol, preconiza-se que se treine os aspectos que se reportam directamente ao jogo para que, na competição, estes apareçam como sendo algo que caracterize a forma de jogar da equipa.

Se no jogo há necessidades físicas, técnicas, tácticas, psicológicas, elas são consequência de uma determinada organização de jogo de uma equipa (Faria, 1999) e será em situação de treino que poderão ser exercitadas. Todas e não apenas algumas.

A este respeito, Garganta (1997) acrescenta que, se se pretende que exista uma relação de reciprocidade e de interdependência entre treino e competição, então o centro do treino deverá ser sempre o jogo. Santos (2006) corrobora esta opinião.

Assim, no sentido de comprovar a importância do jogo para o treino, Teodorescu (1984) afirma que a representação do conteúdo de jogo e do sistema de relação dos elementos que o compõe é extremamente importante uma vez que ao dizer respeito à lógica interior permite o aperfeiçoamento de uma forma constante quer do treino quer do jogo.

Daí que, segundo Garganta (1997), a elevação do jogo a objecto de estudo se constitua como um passo importante, uma vez que o conhecimento da sua lógica terá implicações na forma de o trabalhar, ou seja no treino.

A Figura 2 representa, esquematicamente, a importância de termos o jogo como objecto de estudo.

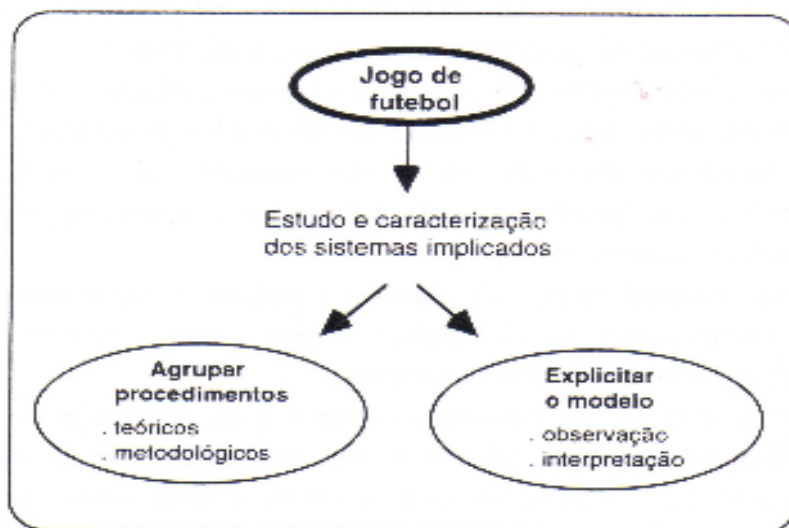


Figura 2 – O Jogo enquanto objecto de estudo (Retirado de Garganta, 1997)

Pela análise da figura, podemos constatar que o Jogo tem um papel importante na consecução da Modelação. E o inverso será que acontece? A Modelação terá importância na análise e construção de um “jogo” específico?

Tendo por base a opinião de vários autores, (Parlebas, 1976; Deleplace, 1979; Dugrand, 1989; Gréhaigne, 1989; Godik & Popov, 1993; McGarry & Franks, 1995; Hughes, 1996a; Smith et al., 1996) citados por Garganta, em 1997, a resposta é claramente sim, na medida em que a Modelação tem servido fundamentalmente para configurar a lógica interna dos jogos desportivos colectivos com base na organização das acções de jogo.



Garganta (1997) entende ainda que esta pode ser utilizada para promover a identificação de relações entre os eventos de jogo e os factores que afluem para a efectividade das equipas, ou seja, na configuração de padrões de jogo que estejam associados aos factores de sucesso e insucesso nas equipas.

Assim a modelação do jogo de Futebol de uma equipa, irá condicionar e orientar o processo de planeamento e de periodização (Santos, 2006) no caminho da construção de um “Jogo” para essa equipa. Neste caso, quanto maior for o grau de correspondência entre os modelos utilizados e o “Jogo”, melhores e mais eficazes serão os seus efeitos (Queiroz, 1986).

Face ao exposto, Santos (2006) entende que se torna evidente a necessidade de modelar o jogo, tornando-o único e específico, quando comparado com o de outras equipas. Por conseguinte, perante estes factos, pensamos poder constatar que existe uma relação de interdependência funcional entre Jogo e Modelação na qual uma se constitui como importante na construção da outra (Modelação na construção do Jogo) e outra, na qual o objecto de estudo, o “Jogo”, pode ser estudado através da Modelação.

2.3.3. Modelação Táctica do Jogo de Futebol

Depois de ter ficado patente a importância da Modelação no processo de construção do “Jogo” de uma equipa importa caracterizar essa mesma Modelação, até porque estamos perante um processo, aparentemente, complexo.

Considerando a dimensão táctica unificadora de todo um processo complexo de modelação, Garganta e Pinto (1998) entendem que se deve cultivar desde cedo no jogador uma atitude prática permanente.

Bauer e Ueberle (1988), afirmam que numa equipa de futebol a pertinência do estudo dos problemas inerentes ao jogo deverá situar-se ao nível da inter-relação dos factores de rendimento sendo necessário perceber o jogo na sua complexidade, tendo sempre em consideração que as duas equipas têm como finalidade o alcançar do mesmo objectivo.



Assim, considerando a especificidade do Jogo de Futebol, na qual as duas equipas nas diferentes fases do jogo procuram atingir os seus objectivos, que neste caso são antagónicos uns em relação aos outros, levam Garganta (1996) a referir que as equipas de Futebol podem ser consideradas sistemas complexos, hierarquizados e especializados.

De forma a podermos adequar a acção tendo em consideração esta mesma complexidade teremos então de procurar adaptar o contexto, tendo em consideração essa mesma complexidade. Para corresponder a esses intuitos, Le Moigne (1990), afirma que se pretendemos construir a inelegibilidade de um sistema complexo devemos modelá-lo. Mas modelá-lo num contexto que o permita adequar à especificidade do jogo de Futebol e nesse sentido num contexto táctico, de acordo com Garganta (1997).

Assim, para Garganta (1996), de forma a contrariar as abordagens analíticas, tem-se procurado encontrar um método que permita reunir e organizar conhecimentos procurando a interacção dinâmica entre os elementos de um conjunto conferindo a este um carácter de totalidade, sendo que este carácter de totalidade tem-se constituído a partir da conceptualização do termo sistema (sinónimo no discurso sistémico).

Portanto, pelo referido acima, parece-nos ter ficado patente que a Modelação deverá ter um carácter táctico e nesse sentido o jogo, entendido como um sistema, exigirá à Modelação organização de forma a o caracterizar adequadamente.

2.3.3.1. Futebol: Sistema que engloba muitos outros Sistemas

De acordo com Queiroz (1986) a abordagem do jogo deverá basear-se na simplificação da sua estrutura complexa.

Uma forma proposta por Garganta e Gréhaigne (1999), para atingir esse fim, é a abordagem sistémica. Esta, segundo os dois autores, é referente ao processo de treino em futebol e oferece a possibilidade de identificar, avaliar e regular acções/sequências de jogo que se afiguram representativas da



dinâmica dos jogos pelo que constitui uma referência a considerar na construção e controlo dos exercícios que visam o ensino e treino do Futebol.

Guilherme Oliveira (2004) acrescenta que esta abordagem tem como intuito analisar o fenómeno na sua globalidade, procurando perceber as interações que evidencia, os conhecimentos que promove, como organizá-los, direccioná-los e desenvolvê-los, percebendo a sua dinâmica e complexidade.

De acordo com o autor, o Futebol é um fenómeno complexo e importa, na nossa opinião, tentar perceber o que sustenta essa complexidade. Portanto, será que o pensamento sistémico poderá auxiliar estes intentos?

Observemos a opinião de diversos autores a este respeito. De acordo com Capra (1996) a palavra “sistémico”, remete para a palavra “sistema”, que deriva do grego *synhistanai* (“colocar junto”).

Na tentativa de distinguir dois conceitos emergentes deste tipo de pensamento, sistema e “sistémico”, Bertrand e Guillement (1994: 46) considera que sistema é “(...) um todo dinâmico cujos elementos estão ligados entre si e que tem interações.”.

Moriello (2003), a este propósito, refere que um sistema é algo mais que a soma dos elementos que o constituem.

Já em relação à abordagem sistémica, Bertrand e Guillement (1994), caracteriza-a como sendo uma *modelização sistémica*, que fundamenta a sua acção na fabricação de modelos e na resolução de problemas, utilizando como instrumentos os sistemas.

Os mesmos autores acrescentam que esta assenta na noção de isomorfia, de semelhança, ou seja, que esta assenta a sua acção na construção de representações ou retratos que se assemelhem à realidade. Portanto, consideram que a abordagem sistémica consiste na produção de modelos de realidade organizacional.

Assim, de acordo com considerações de Bertrand e Guillement (1994), a abordagem sistémica actuará sobre os sistemas como um todo, contrariando a abordagem analítica que isola e decompõe um sistema, analisando as suas partes, uma de cada vez.



Relacionando com o Futebol, Guilherme Oliveira (2004), considera uma equipa como um sistema que se pretende globalizante, considera que o ser humano, uma sociedade, mas também uma equipa, um jogador ou até mesmo um jogo de futebol podem ser considerados sistemas.

Gréhaigne e Godbout (1995) padecem de opinião idêntica afirmando que tanto um jogo de futebol, como uma equipa ou um jogador podem ser considerados sistemas.

Davids, Araújo e Shuttleworth (2005) concordam que uma equipa pode ser considerada um sistema e referem que este é um sistema dinâmico, no qual interagem vários aspectos, desde jogadores de ambas as equipas, bola, árbitros, adeptos.

Já Tamarit (2007) acrescenta que uma equipa de futebol é considerada um sistema aberto, adaptativo e homeoestático, na medida em que se auto-ajusta de forma interna em função do contexto existente.

Concordamos com estas perspectivas, uma vez que um sistema engloba isso mesmo: interacções, abertura para com o meio, organização. Portanto visões como a de Davids et al. (2005), Guilherme Oliveira (2004) e Tamarit (2007) parecem comprovar esse aspecto, e a este propósito, depreendemos que se uma equipa é considerada um sistema, a abordagem sistémica aparenta ser a melhor solução para a modelar. Isto porque, desta forma se considerará sempre como um todo, mantendo as suas características funcionais.

Baseando a nossa opinião nos autores referidos acima, uma equipa é considerada um sistema com organização própria e cada uma é considerada diferente das demais. Poderemos, portanto, afirmar que um jogo de futebol também poderá ser considerado um sistema?

Para Garganta (1996) podemos, até porque cada equipa tem a sua lógica de funcionamento e, nesse sentido, representa um sistema em confronto com um outro sistema independente.

Segundo Júlio e Araújo (2005) é importante considerar o jogo de futebol como um sistema dinâmico onde decorrem padrões de acção distintos, os



quais são diferentes dos considerados pelo comportamento individual de cada jogador.

No fundo, estas ideias vêm dar alento à nossa inquietação, sendo que Garganta e Grégaire (1999) vão ainda mais longe e entendem que um jogo de Futebol é mais do que um sistema, podendo ser conotado como um macro-sistema, que engloba vários sistemas em interação conjunta (jogadores, equipas, adeptos, entre outros).

No fundo e concluindo, no Futebol, coexistem vários sistemas em interação uns com os outros – equipas, jogadores dentro da equipa, adeptos, equipa de arbitragem – sendo que condição imprescindível para cada um ter esta denominação será padecer de organização (Morin, 1982, cit. por Garganta, 1996).

Garganta (1996) acrescenta que é este carácter organizacional que produz a globalidade do sistema transformando-o, relacionando-o e produzindo-o de forma a conceder características próprias à totalidade sistémica. Neste caso específico, entendamos o sistema como dizendo respeito ao “Jogo” que se pretende atingir para uma determinada equipa, assim como essa mesma equipa, os jogadores e até o treino.

Portanto, estamos de acordo com Garganta (2005) quando refere que uma equipa é um sistema dinâmico que vive da sua organização.

Assim, no próximo subcapítulo iremos abordar a importância da organização de jogo no entendimento do Jogo a que os treinadores aspiram, uma vez que é ela que produz a unidade global do sistema, transformando-o, produzindo-o e relacionando-o com outros.

2.3.3.2. Organização do Jogo: condição essencial na Modelação do Jogo de Futebol

Se é a Organização do Jogo que parece produzir, transformar e relacionar tudo o que diz respeito ao Sistema Global, que é o “Jogo”, teremos de perceber como se organiza esse mesmo Sistema. No fundo, o que um treinador



pretende, é criar o seu “Jogo” de forma à sua equipa (entendida com um sistema) revelar características condizentes com os princípios orientadores que ele pretende ver revelados.

Assim, reparemos no que nos diz Garganta (1997), quando refere que ao queremos Modelar o Jogo de Futebol importa, em primeira instância, que se distingam níveis de pertinência pondo a descoberto a lógica interna do jogo ou seja a sua organização.

Teodorescu (1984) acrescenta que a existência de acções e, de um grande número de interacções, fruto das acções tácticas colectivas e individuais, e a existência da relação de adversidade entre duas equipas, conduz objectivamente à organização, no interior de cada equipa.

Para a Garganta (1996) torna-se importante partir do conceito de organização para identificar a funcionalidade do jogo, assim como a sua estrutura, sendo que o aspecto estrutural (organização dos elementos tendo como base o espaço), aspecto funcional (vicissitudes temporais, ou seja organização tendo por referência o tempo) e o aspecto informacional (processos de comunicação dentro da equipa em conjugação com o espaço e o tempo), revelam-se como traços característicos que permitem descrever a organização das equipas, enquanto sistemas.

Le Moigne (1990) é outro autor a confirmar este tipo de perspectiva, entendendo que a modelação dos sistemas complexos é realizada a partir da organização.

Ora, partindo desse pressuposto, o Futebol sendo um desses sistemas carece de organização. Assim, concordamos Santos (2006) quando refere que a orientação do treino, em futebol, deverá ser a organização de jogo da equipa.

Portanto, com este estudo pretendemos constatar se a forma como se organiza o processo de treino tem em vista a organização de jogo, como o meio para se chegar ao “jogo” pretendido, tal como refere Garganta (1997) citando Bologne (1972) e Hainaut e Benoit (1979). Ou ainda como referem Bertrand e Guillement (1994), para os quais a organização, tendo por intenção o alcançar de determinados objectivos, traduz um conjunto de elementos ligados entre si por diversos processos sendo que, neste caso específico,



segundo Garganta (1996) a equipa obedece a uma determinada ordem e por conseguinte os jogadores que a constituem estão também abrangidos por essa ordem e ligados entre si segundo regras específicas.

Para que isso aconteça, segundo Guilherme Oliveira (2004), é necessário que o treinador saiba muito bem o que pretende em termos de Jogo para a sua Equipa e que tenha ideias bem definidas no que respeita a essas invariantes/padrões.

Pretende-se que se consiga olhar para uma equipa e se consiga decifrar as características que a tornam única, e perceber que estas são alcançadas através da organização do jogo. Para isso se constituir, na nossa opinião, só será possível se se entrar pela esfera da Operacionalização em situação de treino, tendo por base quer o Modelo de Jogo, quer a Concepção de Jogo do treinador.

2.3.4. Modelo e Concepção de Jogo

Modelo de Jogo e Concepção de Jogo são dois conceitos emergentes, no Futebol actual. Contudo, parece-nos que a estes nem sempre lhes são dados os significados correctos.

Tendo em consideração que são dois conceitos com extrema importância para o nosso trabalho, queremos desde já distingui-los, tendo por base a opinião de quem os tem estudado.

Começando por tentar definir e caracterizar Modelo de Jogo, verificamos que este acarreta em si várias definições e, na nossa opinião, é no conglomerado das ideias alicerçadas por elas que entendemos poder estar a “verdadeira” definição. No fundo, é aquilo que retiramos deste conjunto de definições, que poderá resultar numa “espécie de definição geral” acerca deste fenómeno complexo. Atentemos então às considerações dos autores.

Começando por uma definição dada por Barbosa (2003), o Modelo de Jogo engloba em si um conjunto de ideias sobre o modo de jogar de uma equipa.



Para Garganta (1996), o Modelo de Jogo é entendido como sendo um conjunto de ideias, pontos de referência fundamentais, em relação aos quais vamos aferir comportamentos.

Castelo (1998) refere que o Modelo de Jogo tem a ver com um conjunto de factores: cultura do clube; subsistema estrutural; sistema de jogo; funções dos jogadores nesse sistema; sistema metodológico; questão relacional que são os princípios de jogo ofensivos e defensivos; subsistema técnico-tático no plano ofensivo, defensivo, individual e colectivo; e com o subsistema tático-energético.

O mesmo autor, em 1996, acrescenta ainda que o Modelo de Jogo permite, por um lado definir e reproduzir com rigor todo o sistema de relações entre os diversos elementos que constituem uma equipa e por outro permite, a partir das conclusões retiradas, tirar novas conclusões de forma a racionalizar e otimizar novas ideias e concepções referentes às situações de jogo.

Já Frade (1985) refere-se ao Modelo de Jogo como sendo o futuro como elemento causal do comportamento, afigurando-se imprescindível na construção de um processo de aprendizagem ou treino, se assim o preferirmos, sendo que para Guilherme Oliveira (2004) este funciona como orientador no processo de operacionalização do “jogar” da equipa.

O mesmo autor, em 2003, acrescenta que este constitui-se por princípios, sub-princípios, sub-princípios dos sub-princípios, representativos dos diferentes momentos/fases de jogo, que se articulam entre si, manifestando uma organização funcional muito própria, ou seja, uma identidade.

Carvalho (2001), na mesma ordem de ideias, entende que este é como que o guião de todo o processo de treino.

Frade (2006) é mais radical e refere que o Modelo de Jogo é a forma como queremos jogar, é a cultura do clube, é a relação com a formação, é ...TUDO.

Freitas (2005: 33) parece ter uma ideia congruente com estas referidas acima, referindo-se ao Modelo de Jogo como o “(...) saber-se aquilo que se tem de fazer permanentemente em todas as circunstâncias do jogo.”.



Modelo de Jogo deverá ter um carácter aberto, criativo e deve reproduzir também um sistema de relações ou de inter-relações entre os vários elementos de uma equipa (Castelo, 1996).

Frade (1985) acrescenta ainda que o Modelo de Jogo se caracteriza por ser uma referência, o qual se deseja atingir, devendo estar sempre a ser visualizado havendo portanto a necessidade de construir o presente em função daquilo a que se aspira, tratando-se de um processo que nunca estará concluído. Guilherme Oliveira (2003) concorda referindo que este, estando constantemente aberto a novos acrescentos, está num processo de evolução constante e de construção permanente daí que nunca possa ser considerado que se atingiu um modelo final.

Portanto, é natural que para Frade (2006), o Modelo de Jogo nunca esteja acabado porque o processo ao acontecer vai fornecer indicadores de modo a serem interpretados por quem o gere, no sentido de o ir gerindo para estimular uma melhor qualidade, daí que não exista apenas um Modelo de Jogo evoluído, mas vários Modelos de Jogo evoluídos.

No fundo, e generalizando, o Modelo de Jogo surge como o guia de todo o fenómeno (Guilherme Oliveira, 1991) e como o futuro, como elemento causal do comportamento (Frade, 1985). Assim, sendo o Modelo de Jogo todo este conjunto de considerações, com as quais, regra geral, concordamos, terá com certeza muitas implicações, no processo de Treino. É isso mesmo que pretendemos entender melhor com o presente estudo.

No entanto, antes disso há ainda a necessidade de distinguir Modelo de Jogo e Concepção de Jogo.

À primeira vista poderemos cair no erro de pensarmos estar a falar da mesma coisa, contudo e apesar de terem influência um em relação ao outro, são dois conceitos manifestamente diferentes.

Para Guilherme Oliveira (2004: 149) “(...) a concepção está relacionada com o plano da organização das ideias, enquanto o modelo permite a operacionalização dessa mesma concepção.”.

Assim aproveitando uma expressão de Mourinho (2001, cit. por Freitas, 2005), “Expus a minha filosofia, expliquei a minha metodologia de trabalho e



disse o modelo e os princípios que gostaria de ver postos em prática.”, pensamos ficar bem patente que a concepção de Jogo do Treinador parece entroncar-se no processo de construção do jogo que um treinador pretende para a sua equipa.

Van Gall (2008, cit. por Neto & Matos, 2008) afirma que mais o importante para um treinador é este ter uma filosofia de jogo e que só depois considerará o facto de esta ter de ser alvo de entendimento, por parte de todos os jogadores. Portanto, sustenta a importância da Concepção de Jogo para um Treinador.

Nesta ordem de ideias, Freitas (2005) sustenta a mesma posição ao afirmar que, depois de se compreender a lógica do jogo e de termos consciência que existem tantos “jogares” quanto o número de treinadores que existem, importa então definir claramente qual a nossa ideia de jogo.

De facto, este fenómeno sendo tão abrangente, leva o mesmo autor a referir que é através da concepção de jogo do treinador, em paralelo com as suas ideias de jogo, que se consegue construir um modelo de jogo.

Pinto e Garganta (1996) padecem de opinião idêntica, quando afirmam que o treinador, no momento da construção do modelo de jogo para a sua equipa, para além de ter necessidade de considerar as suas ideias, as tendências evolutivas deve também considerar as características morfo-funcionais e sócio-culturais dos jogadores que entrarão nesse modelo de jogo.

Reparemos então no que referem Leal e Quinta (2001) para os quais o modelo de jogo consiste na concepção de jogo idealizado pelo treinador e diz respeito a um conjunto de factores necessários para a organização da equipa no que concerne aos processos ofensivos e defensivos.

Pensamos que terá importância mas que não se esgotará nisso. Nesse sentido, Guilherme Oliveira (2004) sustenta a nossa opinião referindo que, aquando da construção de um Modelo de Jogo para uma equipa terá de se ter em conta: a concepção de jogo do treinador, as capacidades e características dos jogadores, os princípios de jogo, as organizações estruturais e a organização funcional. Portanto, não restringe a sua perspectiva apenas à Concepção de Jogo do Treinador.



Carvalho (2000) estará mais de acordo com este último, ao sugerir que o processo de modelação é elaborado em função da concepção que o treinador tem de Futebol mas que, no entanto, o treinador deve ter em conta a concepção de jogo que os jogadores possuem (o que os jogadores têm na cabeça).

Na nossa opinião, estas duas últimas opiniões serão as mais consensuais, na medida em que o processo de construção de um Modelo de Jogo assenta em inúmeros aspectos, tendo todos eles importância efectiva preponderante, e a concepção de jogo de um treinador, ou dos jogadores, poderão ser um aspectos a considerar.

Por exemplo, um outro aspecto de extrema importância, aquando da construção de um Modelo de Jogo, poderá ser o contexto onde este se vai construir. Se for no Futebol Sénior necessitará de determinadas características específicas que no Futebol Formação poderão não serem preponderantes, e vice-versa. Assim no próximo capítulo tentaremos relacionar Modelo e Concepção de jogo do Treinador com o processo de Formação, em função do contexto no qual situamos o nosso estudo, ou seja, relativo a uma Equipa de Sub-19.

2.3.4.1. Papel do Modelo e Concepção de Jogo no processo de Formação em Futebol

Estes aspectos podem ser considerados em vários tipos de contexto, Futebol profissional, Futebol semi-profissional e Futebol de formação, e em função do contexto assumirão considerações e abordagens distintas. Assim não é de estranhar a ideia de Guilherme Oliveira (2004) na qual, um treinador tem de ter em consideração que treinar seniores não é a mesma coisa que treinar jovens.

De facto, não o é, apesar de muitos treinadores considerarem que sim. Mas não o é, claramente, porque os contextos se assumem como distintos, assim



como as suas particularidades. Tendo cada um a sua especificidade obriga a que o tipo de abordagem seja diferente também.

No que respeita ao Futebol de Formação, que é o que mais nos interessa para o nosso estudo, Freitas (2005) entende que o comportamento tático se treina e se consolida desde cedo e os resultados deste processo serão tanto mais satisfatórios, quanto mais precoces estas preocupações estiverem presentes na formação dos jovens futebolistas.

Garganta (1996) concorda e acrescenta que é conveniente, desde os primeiros treinos, que os jogadores assimilem um conjunto de princípios que se reportam, não apenas ao modo como cada um se relaciona com a bola, mas também à forma de comunicar com os colegas, de contra-comunicar com os adversários, passando pela noção de ocupação racional do espaço de jogo.

Os autores têm ideias idênticas uma vez que para eles a precocidade em dar, aos jogadores, a possibilidade de poderem estar envolvidos em situações de passível aprendizagem (e por isso situações com contexto tático evidente) é extremamente importante para o seu desenvolvimento. Neste caso, um desenvolvimento não apenas físico, técnico e de relação com bola mas também de relação entre eles e os seus colegas.

Consideramos estes como aspectos de extrema importância para o Futebol. Por isso parece-nos adequada a ideia referida por Freitas (2005), na qual refere que o processo de treino apenas poderá ser considerado coerente e eficaz se referenciado princípios relacionados com o Modelo de Jogo, Modelo de Treino e perfil de jogador, que orientem a intervenção de quem ensina (Treinador) e a acção de quem apreende (jogadores).

2.3.4.2. O Treinador enquanto mentor do Modelo e Concepção de Jogo

Partindo dos pressupostos atrás enunciados, consideramos que o processo de Formação tem necessidade de ser bem pensado e estruturado se se quiser que dele se extraiam resultados concretos.



Modelo de Jogo e Concepção de Jogo são dois aspectos que nos parecem essenciais para que essa estruturação aconteça.

A Concepção de Jogo é algo que cada treinador tem de forma natural. É a sua visão acerca do futebol. O treinador é o líder do processo, ou pelo menos, é o líder visível. E como líder terá de fazer com que as suas ideias cheguem aos jogadores e essas ideias não são mais que a sua Concepção de Jogo.

Contudo, o Modelo de Jogo pode ser construído por ele, ou não. Pode, por exemplo, já existir no clube. Entendemos que mesmo que não seja o treinador a construí-lo, este terá sempre uma “palavra a dizer”, na sua constante reconstrução diária.

Vários autores têm-se pronunciado acerca destes factos, ou seja, acerca de quem deve construir o Modelo de Jogo.

Silva (2008) refere que cada treinador concebe e cria o seu modelo. A este propósito, Guilherme Oliveira (2008), entende que o Modelo de Jogo tem de considerar vários aspectos centrais, sendo que um deles é, sem dúvida, a concepção que o treinador tem de jogo ou seja com as suas ideias de jogo.

Castelo (1996) corrobora a opinião de Silva (2008) e refere que a escolha e aplicação, no treino e na competição, de todo um conjunto de ideias é de exclusiva responsabilidade do treinador e tendo ele uma concepção de jogo, tem necessidade de adaptar essa concepção à especificidade dos jogadores individualmente e à equipa no seu conjunto, procurando ir de encontro com a concretização das finalidades a que se propuseram.

Para o mesmo autor, Castelo (1996), a construção deste modelo de jogo, para depois ser aplicado pelos jogadores, é consubstanciada essencialmente na sua concepção de jogo. Esta por sua vez tem de considerar: um carácter progressista, evoluindo em paralelo com a evolução do jogo; um carácter adaptativo, uma vez que deverá atender às características específicas dos jogadores da equipa; a experiência e capacidade intelectual do treinador, uma vez que não se consegue implementar aquilo que se desconhece.

Por isso, a riqueza da adopção de um modelo está em quem comanda o processo (Frade, 2006). Daqui depreende-se que Frade se esteja a referir ao



Treinador enquanto mentor do Modelo de Jogo a adoptar, tendo por base as suas convicções, que neste caso são expressas pela sua Concepção de Jogo.

Portanto, estes primeiros autores consideram que o Modelo de Jogo deverá ser construído, única e exclusivamente, pelo treinador. Mas será essa a realidade vivenciada em todos os casos? Não haverá casos em que o treinador é contratado, mas no clube já existe um Modelo de Jogo, ao qual terá de se submeter e adaptar?

Pelas experiências que vamos tendo, “vivendo dentro do Futebol”, entendemos que estes casos existem.

Portanto, o treinador, de todos, tem de ser aquele que mais sabe quer acerca da sua concepção de jogo (e aí é natural que assim o seja) mas também acerca do Modelo de Jogo que daí irá nascer (Castelo, 1996).

Guilherme Oliveira (2008) refere considerações idênticas, uma vez que de acordo com as suas ideias, para começar, importa construir na nossa cabeça as ideias de jogo, o modelo de jogo a que se quer chegar e depois escolher as estratégias adequadas para o transmitir aos jogadores, ou seja, não se adopta um Modelo, cria-se um Modelo de Jogo.

Contudo, se o Modelo de Jogo for imposto pelo clube, carecerá também de uma adaptação do treinador a este.

No fundo, é o que Guilherme Oliveira (2008) quer dizer ao referir que, quando um treinador é contratado por um clube traz as suas ideias de jogo com ele, mas que contudo, terá também de se adaptar à cultura do clube em questão, que poderá até ter um Modelo de Jogo para todos os escalões do clube, por exemplo. Neste caso, o treinador terá de adaptar a sua concepção de jogo, recriando esse mesmo Modelo mantendo parte e acrescentando as suas ideias de jogo principais. Mais não é que um processo de adaptação para daí se extrair um Modelo “final”, que contemple todas estas premissas. Modelo esse que ele terá de conhecer aprofundadamente.

Portanto, o Modelo de Jogo deverá ter muito do Treinador que o aplicará, contudo também deverá ter algo referente ao clube. Por isso é natural que existam clubes que como que “obriguem” o treinador a adaptar-se a um Modelo



já estabelecido e que apenas lhe permita acrescentar algo “seu”, mas sem o desestruturar.

Assim este conjunto de ideias caminha no sentido do evidenciado por Silva (2008), com o qual concordamos. Para a autora, este denominado Modelo “final” nunca existirá, está portanto constantemente a ser recriado, funcionando o treinador como líder na sua construção, tendo como papel específico o de criar, interferir e catalisar a concretização do seu processo de construção.

Criar um Modelo de Jogo é um caminho longo e de difícil progressão. Para Castelo (1996) este caminho de construção terá, obrigatoriamente, que contemplar rupturas, ou seja, este não deverá ser um caminho contínuo, porque o modelo deve ser alvo sistemático de interrogação de forma a ser progressivamente construído, des-construído e re-construído.

Concluindo ideias, este Modelo de Jogo tem então como principal intenção levar a que uma equipa vivencie uma identidade de jogo comum. Assim, e sendo uma equipa composta por jogadores, serão estes a aplicar este Modelo de Jogo. Por isso, considerando este aspecto, há que passar para outra esfera, os jogadores. Depois de definidos Modelo e Concepção de Jogo do Treinador, estes só se poderão tornar efectivos, se os jogadores os entenderem e os conseguirem pôr em prática.

2.3.4.3. O Jogador enquanto sujeito activo na assimilação, interpretação e operacionalização da Concepção de Jogo

Segundo Abravanel (1986, cit. por Silva, 2008) a maneira como um indivíduo apreende e interpreta a informação depende de um conjunto de factores como a sua experiência, valores, aptidões, necessidades, expectativas, havendo a tendência para reter apenas os dados que se constituem como compatíveis com as suas convicções e ideologias.

De acordo com Lobo (2002, cit. por Freitas, 2005) a melhor forma do treinador tentar potenciar e interiorizar no jogador a empatia por determinada



mensagem é tentar entrar pelo aspecto emocional deste. Ou seja, o treinador tem a sua Conceção de Jogo e ao tentar que os jogadores a entendam e a assimilem pode, e deve, entrar neste campo das emoções.

Um treinador, em primeira instância, pretende que os seus jogadores joguem de determinada forma e para isso tem necessidade de fazer com que eles adquiram, o mais rápido possível, os seus princípios de jogo, como algo seu (Silva, 2008).

Para Freitas (2005) é importante que o treinador crie uma cultura semelhante para todos os seus jogadores, aproximando-os da ideia de “jogo” que têm de desenvolver.

“Tudo passa por explicar aos jogadores aquilo que eles têm de fazer, por lhes dar escolhas e fazê-los sentir mais participativos numa coisa que para muitos é competência única dos treinadores e para nós não, é competência dos jogadores também.” (Mourinho, 1999). Nesta perspectiva de Mourinho está perceptível a importância quer do Modelo de Jogo, quer da Conceção de Jogo do treinador, quer também da importância que os jogadores vão ter na implementação, destas duas primeiras.

O jogador quando quer, faz tudo. Quando não quer, não faz nada. Portanto, e sustentando a nossa opinião, nos autores referidos acima, ao treinador cabe ter o processo estruturado e fazer com que o jogador o “ajude” a implementá-lo. Para isso nada melhor do que fazer sentir ao jogador que este processo também é “dele”. No fundo, é juntos chegarem a uma ideia colectiva de jogo. Quando isso acontece o desenvolvimento do processo é facilitado.

Desta forma, Freitas (2005) entende ser pertinente ao treinador, logo no início da época (e começa logo no primeiro treino), “apresentar” o Modelo de Jogo aos jogadores de uma forma global.

Castelo (1996) acrescenta ser necessário que cada jogador para além de tomar consciência da superfície de jogo onde vai actuar, assim como dos seus limites e virtudes, tome consciência também das suas funções específicas de base no modelo de jogo da equipa e ainda das funções dos seus companheiros, subordinando os interesses pessoais em função dos colectivos.



Assim, para o mesmo autor, os jogadores deverão ter uma atitude de intervenção activa.

Parece-nos adequada esta ideia de Castelo (1996), na medida em que, como já referimos anteriormente, o sujeito, que neste caso é o jogador, ao ter um papel activo neste processo, só o vai facilitar. Contudo também consideramos que este, ter uma atitude activa por si só, não chega. Ou seja, também concordamos como o referido anteriormente, no qual esta possibilidade do jogador ter uma atitude activa, deverá estar balizada por princípios de orientação gerais, dados neste caso pelo Modelo de Jogo.

Assim, assumimos o mesmo entendimento de Faria (1999), para o qual o jogo é uma construção activa de escolhas e decisões dos jogadores, tendo por base um ambiente de constrangimentos e múltiplas possibilidades. Por isso, o modelo será tanto mais rico quanto mais possibilitar aos jogadores acrescentar a sua própria criatividade e talento, em jogo, sem adulterar as premissas deste (Freitas, 2005).

Criatividade individual sim, mas contextualizada e por isso uma criatividade balizada por um aspecto macro, que é o Modelo de Jogo.

Parece ser um facto concreto o que nos refere Castelo (1996), para o qual um dos problemas que determinam a eficácia de uma equipa de futebol diz respeito à forma como os jogadores desenvolvem a sua acção dentro da organização da equipa.

No fundo, temos de considerar sempre o facto dos jogadores poderem ter ideias diferentes até porque, e apesar da concepção do treinador ser o que se pretende que se aplique na equipa, de acordo com Silva (2008) há que considerar também que os jogadores poderão ter uma “paisagem mental” diferente da do treinador. Nesse sentido, Frade (2003, cit. por Silva, 2008) refere que há a necessidade de se criar uma “paisagem mental” idêntica para todos eles, uma vez que o desenvolvimento de jogo tem de nascer, em primeiro lugar, na cabeça dos jogadores.

Silva (2008) tem um entendimento parecido, a este respeito, e refere que é, extremamente importante que perante um determinado acontecimento haja um entendimento comum dos jogadores, daí que os princípios de acção destes



permitam desenvolver uma linha de acção comum. A mesma ideia é corroborada por Cunha e Silva (1999) ao referir que a percepção é já um acto que implica acção subjacente, uma vez que, dessa forma o corpo já se encontra comprometido com o mundo que percepçiona, antecipando-o até de certa forma.

De facto, esta linha de acção comum, falada acima, é importante para que todos estejam com o mesmo “comprimento de onda”, no processo. Se tal não acontecer, entendemos que este poderá ter dificuldades em avançar de forma concreta.

Assim, e concluindo este conjunto de considerações, a tomada de decisão de acordo com Silva (2008), deverá ser condicionada em função do projecto de jogo da equipa, ou seja, do Modelo de Jogo que o treinador quer implementar, actuando este como um padrão de escolhas para os jogadores orientando as suas decisões. Opinião concordante com as referidas acima, que refutam, mais uma vez, a importância do Modelo de Jogo para os jogadores.

Sintetizando, a mensagem que se pretende transmitir com este conjunto de ideias, segundo Damásio (2000), é que o conhecimento de um objecto surge através da relação deste com o organismo sob a forma de um sentimento (entendendo “objecto” como o Modelo de Jogo e “organismo” como sendo a equipa). Posteriormente, em função deste “objecto”, segundo Silva (2008), os jogadores analisam e interpretam os dados do jogo dando-lhes depois o seu cunho pessoal, sendo importante que este entendimento vá de encontro com o de toda a equipa para criar assim uma lógica comum.

Ou seja, parece haver lugar para a criatividade e para serem os jogadores a decidir o que fazer em cada situação, mas sempre tendo normas que os orientem. Portanto, não é uma tomada de decisão apenas em função daquilo que possam entender ser o melhor, mas sim uma tomada de decisão consciente, fundamentada pelo Modelo de Jogo da equipa.

No fundo, entendemos que este processo deverá ser comum para todos os jogadores, mas particular em função da especificidade de cada um como ser activo e com crenças. Assim, ao Modelo de Jogo parece estar associado um modelo de jogador (Faria, 1999). E este, na nossa opinião, terá de ser um



jogador activo, com intenção de participar na construção de um jogar que interessa a esta perspectiva de entendimento do processo de treino.





2.4. Análise do Jogo

“O futebol, na realidade, está cheio de recursos. Trata-se de conhecer os teus jogadores e aos que tens em frente. Se os conheces não podes ter medo”

Cruyff (1993)

“O jogo de Futebol é observado e apreciado por milhões de pessoas em todo o mundo. Muitas são as que se reclamam de especialistas mas em menor número são as que conseguem observar e entender o jogo sem resvalarem para a imparcialidade.”

Garganta (1997)

Tendo por base Foppe de Haan (1999) a preparação para um confronto contra uma determinada equipa começa mal termine o jogo anterior a esse. Ou seja, para o autor, após a análise desse jogo tendo em vista possíveis correcções para o seguinte, este último começa desde logo a ser preparado. Para isso acontecer terá de se recorrer, obrigatoriamente, a um tipo de análise do jogo. De acordo com Neto e Matos (2008), é ao estudo do jogo a partir da observação do comportamento dos jogadores que se recorre, para realizar essa análise.

A Análise do Jogo de Futebol é referida, unanimemente, pela literatura especializada, como decisiva no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos colectivos (Moutinho, 1991). Contudo, apenas na última década tem sido alvo de atenção generalizada, pela maioria dos treinadores de futebol (Carling, Williams & Reilly, 2005).

Garganta (2001) afirma que a Análise do Jogo, entendida a partir do estudo do jogo, tendo por base a observação da actividade dos jogadores e das equipas, tem vindo a constituir-se como um aspecto de enorme importância na preparação desportiva. Aliás, de acordo com Carling et al. (2005), actualmente, se um treinador não utiliza a Análise do Jogo, como ferramenta para seu auxílio, é considerado como negligente pela comunidade futebolística.

Para Garganta (1996) tal facto constitui-se como uma realidade indesmentível, uma vez que os treinadores procuram, através da análise do



jogo, benefícios para assim aumentarem os seus conhecimentos e consequentemente procurarem, depois, melhorar a qualidade da prestação da sua equipa.

O mesmo autor, mas em 1998, refere que as informações obtidas através da análise do jogo podem dizer respeito a três aspectos: exigências e particularidades da modalidade; desempenho da nossa equipa; características do adversário (*scouting*).

Estamos de acordo com esta opinião e entendemos que estas traduzem a realidade acerca da abrangência que a Análise do Jogo tem no futebol actual. Por isso, no nosso estudo, abordaremos quer a importância da análise de jogo referente à própria equipa, quer a análise das equipas adversárias.

2.4.1. Observação, Notação e Análise do Jogo ... faces da mesma moeda

Garganta (1997), refere-se ao estudo do jogo de futebol, de três formas: observação do jogo; análise de jogo; e análise notacional.

Relativamente à observação, Ritschard (1983), refere que esta é um conceito indispensável, no processo de formação integral de um treinador.

A observação, parece ser um acto que todos os treinadores realizam, quanto mais não seja, por serem sujeitos presentes no processo de treino/competição. É natural então que Brito (1994) afirme que observar vai, desde o simples “(...) olhar e ver o que se passa (...)”, até ao rigoroso estudo sistemático de comportamentos e situações e que Franks e McGarry (1996) entendam que o estudo da performance desportiva seja consequência natural da observação.

Os autores parecem estar de acordo, pelo que Garganta (2000) referir-se à Análise do Jogo como o estudo do jogo a partir da observação da actividade dos jogadores e das equipas, também não se constitui como surpresa. Contudo, na opinião de Garganta e Gréhaigine (1999), esta só é viável se os



seus propósitos estiverem bem definidos. Concordamos, até porque só com rigor esses dados terão validade.

Borrie (2000) vai mais longe, referindo que a Análise de Jogo é um processo de observação e registo/notação. De facto, atentemos ao que referem Carling et al. (2005), para os quais até os melhores treinadores têm dificuldade em recordar acontecimentos que ocorreram no jogo, se não recorrerem a algum sistema de notação.

Ou seja, a este propósito concordamos com a opinião de Garganta (1997) que nos diz que a Análise de Jogo parece englobar a fase de observação e a fase de notação. De acordo com Garganta (1997: 143), “(...) quando se pretende analisar o conteúdo de um jogo é necessário *observá-lo*, para *notar* ou *registar* as informações consideradas pertinentes.”. No fundo, o que já estava implícito na afirmação de Borrie (2000) acima descrita.

Ou seja, sustentando a nossa opinião nas considerações dos autores referidos acima, estes três termos complementam-se e dizem respeito ao mesmo. Assim, quando neste trabalho nos referirmos à Análise do Jogo estaremos a reportar-nos a estes três aspectos, em completa relação de concordância e dependência.

Sendo tarefa do treinador analisar, estudar, observar a sua equipa e a equipa adversária, este terá de o fazer baseando a sua acção em dados. A observação dar-lhe-á esse tipo de dados.

2.4.2. Análise Quantitativa versus Análise Qualitativa: processos independentes ou complementares?

De acordo com Oliveira Silva (2006), os dados retirados da observação podem ser considerados qualitativos ou quantitativos e a opção por um deles acarretará, obrigatoriamente, intenções distintas.

Começando pela análise quantitativa, Bolt (2000) considera que esta consiste na medição da performance, traduzindo os resultados através de números.

Já a análise qualitativa diz respeito à impressão que retiramos daquilo que vemos (Franks et al., 1983). Ou seja, à primeira está associada uma imagem objectiva e à segunda uma subjectiva (Oliveira Silva, 2006).

Vários autores têm-se referido a estes factos registando-se vários tipos de opiniões. Por exemplo, segundo Oliveira (1993) a análise de jogo deve abranger o maior número possível de dados de jogo passíveis de uma expressão quantitativa. Júnior, Gaspar e Siniscalchi (2002) acrescentam que a análise estatística será a que melhor se adapta a estes casos.

Hughes e Bartlett (2002) acrescentam que o Futebol é demasiado complexo para ser descrito através de simples representações de dados.

Assim, parecem ser mais importantes os dados referentes a aspectos comportamentais de uma equipa, e dos seus jogadores, do que somente os aspectos quantitativos, que traduzem acções individuais (Garganta, 1998). Por isso Garganta (2000), referir que, actualmente, a tendência é privilegiar, cada vez mais, a análise qualitativa, em detrimento da quantitativa, embora no nosso entendimento, a opinião de Morrison (2000) seja a mais indicada a este respeito, ao referir que a combinação de uma análise subjectiva (entenda-se qualitativa) com uma quantitativa é a situação ideal.

No fundo, é o que está expresso na Figura 3.

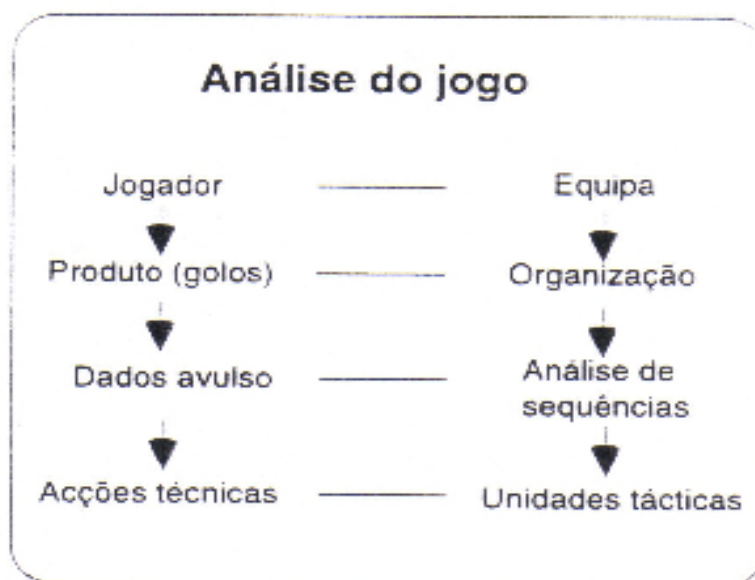


Figura 3 - Evolução desejável do processo de Análise de Jogo em Futebol (Retirado de Garganta, 1997)



Neste caso, dissecando a figura acima, entendam-se as acções técnicas do jogador como os aspectos quantitativos e as unidades tácticas como os qualitativos, embora estes não se esgotem nisso. Tendo em conta os objectivos do nosso estudo, vamos centrar atenções, essencialmente, na análise qualitativa.

Para Oliveira Silva (2006), quando se fala de análise qualitativa, esta requer que o treinador seja conotado como sendo sempre um investigador. O autor entende que este deve estudar o jogo, o treino e tudo que o envolve, de forma constante ao longo da sua carreira. Hotz (1999) corrobora com este tipo de ideias e afirma que o treinador, antes de ter como preocupações os objectivos metodológicos e a forma como os poderá tentar aplicar, terá antes de obter informações relevantes referentes aos aspectos que poderão influenciar a aprendizagem.

Para Knudson (1997) um modelo de análise qualitativa passa pelos seguintes passos:

- Preparação: o treinador prepara-se para a realização da análise, recolhendo informação acerca de tudo que lhe possa ser útil, definindo claramente os aspectos críticos necessários, de forma a ter uma descrição correcta da acção/movimento;
- Observação: de forma sistematizada utilizando todos os sentidos e não apenas a visão, utilizando para isso uma estratégia de observação adequada;
- Avaliação e Diagnostico: são avaliados os pontos fortes e fracos da *performance* e de seguida é diagnosticado o problema que daí emerge;
- Intervenção do treinador: indo mais além do que o simples *feedback*, envolvendo todo um conjunto de mudanças no processo de treino que contribuam para o melhoramento da *performance*.

Na nossa opinião, este tipo de procedimento parece adequar-se, pelo menos de forma teórica, à forma como se deve proceder num situação de avaliação e análise da própria equipa.



2.4.3. Importância da Análise do Jogo no Futebol

De acordo com Mombaerts (1991) o treinador de futebol, como qualquer outro investigador de Futebol, tem o dever de ir constantemente aprofundando o seu conhecimento acerca do jogo.

Uma das formas de se aprofundar conhecimentos é estudando-os, analisando-os. Assim, para Oliveira Silva (2006), o futebol profissional ao exigir níveis de performance elevados leva a que uma das formas para monitorizar e entender a performance desportiva seja utilizar a análise do jogo.

A maioria das investigações desenvolvidas, na área das ciências do desporto, procuram isso mesmo, o alcançar de melhores *performances* nos jogadores (Mendes & Janeira, 1998). A profundidade do Futebol é tão exacerbada que, neste momento, tudo que se refere ao jogo é analisado ao pormenor (Joyce, 2002). Portanto, parece fazer sentido utilizarem-se meios como a Análise do Jogo, para analisar este fenómeno.

Segundo Carling et al. (2005), é frequente a análise do jogo ser alvo de estudo sendo que vários autores destacam a importância que a análise do jogo tem para o processo de treino, nos jogos desportivos colectivos (Garganta, 2001; Pino Ortega, 2000; Contreras & Pino Ortega, 2000; Franks & McGarry, 1996).

De acordo com Oliveira Silva (2006) o grau de informação que o treinador pode retirar desta é enorme. Concordamos com esta tomada de posição e concordamos também com Pino Ortega e Ibanez Godoy (2002) que, a este propósito, referem que a análise do jogo apenas existe porque tem um propósito muito específico que é permitir a um treinador confirmar (ou não confirmar) uma determinada ideia, ou dúvida, em relação a algum aspecto do jogo, quer da sua equipa quer da equipa adversária. Portanto, dessa forma, esta funcionará como um instrumento de apoio do treinador.

O grau de informações que o treinador pode retirar da Análise do Jogo, segundo Calligaris, Marella e Innocenti (1990) pode ir, desde juízos acerca de comportamentos técnico-tácticos individuais, a juízos referentes a um nível colectivo.



Para Contreras e Pino Ortega (2000) a observação de jogadores em movimento constitui-se como uma tarefa difícil para o observador, mas comporta em si características funcionais extremamente vantajosas.

A este propósito, Garganta (2008), entende que a análise do jogo, na sua vertente táctica, pode ser extremamente útil, quer para treinadores, quer para os investigadores desta área, de forma a identificarem regularidades e padrões de jogo, procurando depois que esta informação possa ser utilizada para o melhoramento da performance e eficácia da equipa.

O mesmo autor refere ainda que, com a análise do jogo, se podem extrair informações que permitam identificar os factores que podem fazer com que a performance desportiva seja cada vez maior.

Segundo Olsen e Larsen (1997) a principal vantagem da análise do jogo é aproximar Futebol e Ciência. Contudo esta, de acordo com Garganta et al. (2002), só se constitui como vantajosa se for rigorosa e se fundamentar a sua acção na lógica interna do jogo.

Concordamos com esta última perspectiva apresentada, uma vez que a Análise do Jogo de Futebol, ao funcionar como complemento de apoio para o treinador, se concentrar atenções na lógica interna do jogo, terá mais possibilidades de lhe dar o tipo de informação que ele deseja.

Para Worthington (1974, cit. por Garganta, 1997) um dos principais objectivos desta é contribuir para diferenciar opiniões de factos. Ou seja, mais importante que ter uma opinião sobre alguma coisa, por exemplo sobre uma equipa adversária, é constatar se essa opinião é verdadeira e sustentá-la de seguida. Dessa forma a “opinião” deixa de o ser e passa a constituir-se como um “facto”.

Garganta (1997), entende que a Análise do Jogo permite: interpretar a organização das equipas e das acções que concorrem para a qualidade do jogo; planificar e organizar o treino; estabelecer planos tácticos adequados em função do adversário; regular o treino. Acrescenta ainda que esta assenta na acção de diagnóstico, correcção e tratamento dos dados recolhidos disponibilizando assim informação relativa à prestação dos jogadores e da equipa, assim como se constitui como um aporte de informação para o treino,



aprofundando a concepção de jogo do treinador, caminhando no sentido de melhor preparar a equipa para a competição.

Moutinho (1991) entende que a principal característica da análise do jogo é tornar-se imprescindível para a optimização da prestação competitiva, ao que Franks e McGarry (1996) acrescentam que esta serve, fundamentalmente, para fornecer informação ao treinador e ao praticante acerca de desempenhos passados da equipa e/ou individuo, tendo em vista o desenvolvimento de modelos, para uma intervenção futura.

Assim, de forma a complementar um conjunto de opiniões acerca das funcionalidades da Análise do Jogo, apresenta-se em baixo uma figura representativa desses aspectos (Figura 4).

Moutinho (1991)	• Identificar e compreender os princípios estruturais do jogo, os critérios de eficácia de rendimento individual e colectivo, e a adequação dos modelos de preparação;
Oliveira (1993)	• Rentabilizar o processo de treino e as competições; • Aprofundar o conhecimento do jogo;
McGarry & Franks (1994)	• Analisar e inferir tendências ou padrões de jogo; • Realizar uma avaliação imparcial da <i>performance</i> desportiva e focar a atenção do treinador nos indicadores chave do comportamento desportivo;
Bacconi & Marella (1995)	• Treinador → descobrir os erros técnico-tácticos condicionantes da prestação da sua própria equipa para tentar corrigi-los; determinar o nível técnico-táctico do adversário e as suas debilidades; • Jogador → observar objectivamente a própria prestação sob as directrizes orientadoras do treinador;
O'Donoghue & Ingram (1998)	• Monitorizar a evolução dos jogadores; • Direcctionar a atenção do treinador para os aspectos chave;
Hughes & Churchill (2005)	• Identificar os pontos fortes e as fraquezas da sua própria equipa e do adversário;
McGarry & Franks (1995b)	• Obter informações sobre o processo de treino e a partir daí tomar decisões;
Sampaio (1999)	• Aceder ao conhecimento da organização do jogo e aos factores que concorrem para o sucesso desportivo; • Planificar e organizar o treino, tomando os seus conteúdos mais objectivos e específicos; • Regular a aprendizagem, o treino e a competição;
Garganta (2001)	• Configurar modelos de actividade dos jogadores e das equipas; • Identificar os traços da actividade cuja presença ou ausência se correlaciona com a eficácia de processos e a obtenção de resultados positivos; • Promover o desenvolvimento de métodos de treino que garantam uma maior especificidade; • Indiciar tendências evolutivas das diferentes modalidades desportivas;
Caixinha (2004)	• Avaliação e conhecimentos das variáveis estruturais e funcionais do rendimento em Futebol;
Pacheco (2005)	• Aprofundar conhecimentos acerca do desenvolvimento do jogo;
Sousa (2005)	• Meio de evolução do processo de treino e das competições e de aprofundamento do conhecimento relativo ao jogo.

Figura 4 – Vantagens da realização da Análise do Jogo (Retirado de Oliveira Silva, 2006)



Concluindo, todo este conjunto ideias relativas à Análise do Jogo, constituem-se como pertinentes para o melhoramento da performance desportiva de uma equipa. Portanto, a Análise do Jogo, procura auxiliar um treinador a tentar exponenciar, em situação de treino, o nível de adaptação e o nível competitivo da sua equipa de forma a esta estar cada vez mais preparada para o sucesso na competição. Ou seja, tal como refere Garganta (1997) esta permite regular a prestação competitiva de uma equipa.

Assim, aspectos como a análise da própria equipa e a análise da equipa adversária parecem ser fundamentais para a regulação do processo de treino, (Oliveira Silva, 2006; Oliveira, 1993).

No nosso estudo, entendemos ser pertinente relacionar estes dois aspectos (análise da própria equipa e análise da equipa adversária) com o Modelo e Concepção de Jogo do Treinador e perceber de que forma poderão auxiliar a operacionalização do processo Treino, em Futebol.

2.4.4. Âmbitos da Análise do Jogo

Neste sub-capítulo, temos por intenção explicar de que forma os autores se têm pronunciado acerca dos âmbitos da Análise do Jogo.

Para Sousa, Garganta e Fonseca (2002) a análise do jogo, a partir do comportamento dos jogadores, tem-se assumido como um aporte significativo de informação para a evolução do treino e da competição. Oliveira (1993) concorda e acrescenta que os âmbitos da análise do jogo são a competição e o processo de treino.

De facto, como refere Santos (2006) realizar uma análise/observação em contexto de treino ou em contexto de competição constituem-se como situações diferentes.

Contreras e Pino Ortega (2000) entendem ser pertinente que, a estas duas ainda se acrescenta o nível do exercício, como algo que também pode ser alvo de análise.



Em todos estes casos podemos concluir que estes têm como intuito transferir informação para o processo de treino de forma a ter a evolução como algo sempre presente.

Treino (e aqui os exercícios terão um papel extremamente importante) e competição serão então os dois âmbitos da Análise do Jogo considerados no nosso estudo. Por isso, sempre que nos reportarmos à Análise do Jogo, estamo-nos a referir a esta no contexto do treino ou da competição/jogo.

Assim, depois de balizados os âmbitos de análise é necessário verificar como e de que forma se deve realizar a Análise do Jogo. Segundo Lopes (2005) existem duas hipóteses: análise da própria equipa e a análise da equipa adversária.

Parece-nos uma balização concreta e com sentido, contudo, esta faz levantar inúmeras inquietações: realizá-la em contexto de treino? Em Jogo? Para ambos os contextos?

Tentaremos verificar, nos próximos sub-capítulos, de que forma os autores se têm pronunciado acerca destes factos.

2.4.5. Análise da própria equipa: condição imprescindível para a gestão e construção do processo de treino e de jogo

De acordo com um estudo de Oliveira Silva (1996), a grande maioria dos treinadores afirmam analisar, objectivamente, todos os jogos da sua equipa, enquanto que em relação às observações das equipas adversárias todos os inquiridos a afirmaram realizar.

De acordo com Carling (2005) e van Lingen (1999), os treinadores concedem mais importância à análise de jogo da sua equipa que à análise da equipa adversária.

De acordo com Garganta (2001: 57), “O conhecimento acerca da proficiência com que os diferentes jogadores e equipas realizam diferentes tarefas tem-se revelado fundamental para aferir a coerência das suas prestações aos modelos de jogo e de treino preconizados.”. Portanto, este



autor relaciona a Análise do Jogo com o Modelo do Jogo, sendo que Neto e Matos (2008), a este propósito, reafirmam que esta deve ser balizada pelo Modelo de Jogo do clube, ou do treinador.

Guilherme Oliveira (1991) tece considerações idênticas, referindo que é o Modelo de Jogo que determina e dirige a forma como se deve organizar as várias componentes de jogo e que, quer a análise da competição/jogo, quer a análise dos treinos, são dados importantes para se construir um processo de treino condizente com o que se pretende implementar na equipa. São, portanto opiniões idênticas, e com as quais concordamos.

A avaliação da competição, através da Análise do Jogo, como forma de levar informação para o treino, é um dado considerado importante para a regulação e estruturação deste último (Franks, Hodges & McGarry, 1988; Garganta, 1998; Oliveira Silva, 2006)

Lopes (2005) considera que o treino deve corresponder ao que se fica a saber depois de analisar o jogo real. Entendemos que esta posição poderá ser conotada como um pouco extrema, contudo, a informação retirada do jogo, tem sido assumida por vários autores, como sendo importante na estruturação do processo de Treino. Um dos aspectos, considerados a este respeito, e que legitima a importância da Análise do Jogo, é o recurso a meios visuais (imagem e vídeo) como apoio para o Treino (Hughes & Franks, 1997; Araújo, 1998; Foppe de Han, 1999; Rab, 1999; Palut & Zanone, 2003)

Lopes (2005) concorda que este tipo de informações auxilia a organização do processo de treino.

Este aspecto é um dos fundamentos centrais do nosso estudo - perceber até que ponto a Análise do Jogo (e neste caso específico, a análise da própria equipa) poderá influenciar o processo de Treino, sendo isso que tentaremos comprovar.



2.4.6. *Scouting*: análise da equipa adversária

A análise da equipa adversária, actualmente denominada de *Scouting*, é outra das formas pelas quais os clubes tentam complementar a sua preparação para as competições.

De acordo com o Dicionário de Inglês/Português da Porto Editora (2008), *scouting* reporta-nos para o acto de observar, explorar. Este é um termo comumente utilizado pelos autores anglo-saxónicos (Moutinho, 1991), que em português é conotado como observação (Lopes, 2005).

Segundo Lopes (2005), *scouting* é uma modalidade particular de observação-análise que tem como principal intenção dotar o treinador de informações precisas sobre o adversário contra quem irá jogar. Para Carling (2005) o *scouting* permite traçar um perfil da equipa adversária, de forma a os conhecer melhor.

De acordo com Lopes (2005), as informações recolhidas pelo *scouting* acarretam vantagens para o treinador, uma vez que o capacita para o desenvolvimento estratégico-táctico de um jogo, tirando partido das informações recolhidas, permitindo-lhe preparar a equipa de forma a esta (a equipa) estar mais preparada para resolver eficazmente os problemas resultantes do jogo.

Garganta (1998) acrescenta que com o *scouting* permite explorar os pontos fracos do adversário assim como tentar contrariar os seus pontos mais fortes.

Segundo o mesmo autor, o estudo da estrutura básica, do estilo de jogo e das características fundamentais do adversário, são hoje em dia fundamentais no futebol de forma a, e de acordo com Franks et al. (1998), prever a *performance* dos mesmos.

A esse respeito, a transmissão da informação recolhida pela análise do jogo, uns dias antes da competição (Pacheco, 2005), provoca na equipa uma sensação de grande segurança e confiança nas suas capacidades (Martins, 2000).



Cunha (1998) refere que os dados observados, aquando da análise uma equipa adversária, são posteriormente utilizados para a construção de um plano de jogo, de forma a procurar atingir a vitória na competição.

Concordamos que este conjunto de aspectos trazem inúmeras vantagens a um treinador, e consequentemente a uma equipa. Se uma equipa se conhecer bem a ela própria e aliado a isso ainda tiver um conhecimento acerca das características da equipa que irá defrontar, com certeza que terá possibilidades de estar melhor preparada para a enfrentar.

Para se obter esse conhecimento, e para que esse se constitua como concreto, de acordo com um estudo de Lopes (2005), há a necessidade de se observar a equipa adversária, pelo menos, quatro vezes.

Relativamente ao Futebol de Formação, não nos parece uma situação fácil, realizar esse número de observações, uma vez que, por exemplo, em simultâneo com o jogo da equipa a observar, normalmente decorre também o jogo da equipa que pretende realizar essa observação. Daí que a solução aparente será esta ter a necessidade de ter “alguém” não envolvido no jogo da equipa (pelo menos directamente), que realize essa observação.

A este propósito, segundo Comas (1991) o treinador deverá enviar um observador para realizar essa acção, isto apesar de Lopes (2005), no seu estudo, ter chegado à conclusão que é importante a presença do treinador principal, nessa observação. Contudo, de acordo com o mesmo, isso nem sempre é possível, mas sempre que seja é preferível ser ele a realizar a acção de observação da equipa adversária, uma vez que ninguém melhor que ele saberá o que é fundamental que se observe.

No entanto, uma outra conclusão do estudo de Lopes (2005) refere que, apesar do treinador adjunto ser quem mais vezes realiza a observação da equipa adversária, é cada vez mais comum existir um elemento com essa função específica – o observador/analista. Concluindo esta ideia, de acordo com os autores referidos, parece ser um dado adquirido que quem deverá realizar esta função, sempre que possível é o treinador principal de equipa. Não se constituindo como viável esta solução, este deverá enviar um observador, com as mesmas funções, sendo esta a tendência actual. De



acordo com Oliveira Silva (2006), o observador assume-se, normalmente, como uma pessoa pouco próxima da equipa técnica que apenas observa e faz chegar ao treinador a informação da equipa adversária.

Contudo, na opinião de Lopes (2005), o observador, é quem melhor conhece as equipas adversárias e nesse sentido constitui-se como vantagem este fazer parte da equipa técnica. Por isso, pensamos que a ideia de Oliveira Silva (2006), na qual afirma que este pode e deve fazer parte da equipa técnica e ter opinião acerca do processo de treino, é a mais apropriada para a situação. Concordamos também com Comas (1991) que este deverá ser uma pessoa da confiança do treinador.

Concluindo, de acordo com Carling (2005) existe um maior número de treinadores a conceder mais importância ao jogo da sua equipa do que ao do adversário com quem irão jogar. No fundo, o que este autor refere é que os treinadores valorizam mais a análise do jogo referente à sua equipa e ao desenvolvimento do seu jogo do que ao *scouting*, apesar de o realizarem.

No fundo, e concordando com Castelo (2004, cit. por Oliveira Silva, 2006), existem dois tipos de treinador (no que diz respeito a este assunto):

- Os treinadores que, independentemente da equipa adversária não estabelecem qualquer tipo de modificações na funcionalidade geral e específica da sua equipa, procurando manter estável os padrões de jogo da sua equipa;
- Os treinadores que dão mais importância à expressão táctica da equipa adversária, procurando adaptar a funcionalidade geral e específica da sua equipa a essas mesmas características dos adversários, de forma a tentar criar condições o mais desfavoráveis possíveis a estes últimos.

Portanto, cada treinador terá a sua posição e nosso estudo tentaremos entender como se processam estes factos num clube de referência na Formação.



2.5. O Treino enquanto indutor de um Jogo Específico

“Não concebo a modificação de um comportamento por magia. Tem de ser com o treino. E quando digo treino quero dizer treinos.”

Mourinho (2006, cit. por Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006)

Todos os assuntos abordados atrás permitiram fundamentar este último ponto, uma vez que em todos eles o único aspecto comum, foi a constante preocupação com o processo de Treino.

O Treino parece constituir-se como a melhor “ferramenta” para conciliar todos as vertentes da preparação desportiva e parece acarretar em si uma imprescindibilidade enorme junto dos treinadores e respectivos jogadores.

De acordo com Garganta (2004) para se ser um jogador de alto nível, não basta nascer-se com talento, é necessário muito treino.

Vingada (1989, cit. por Santos, 2006) concorda, afirmando que o Futebol ensina-se mas sobretudo aprende-se, sustentando então a opinião de Garganta (1997) para o qual os comportamentos que os jogadores exteriorizam durante o jogo resultam das adaptações provocadas anteriormente pelo processo de treino.

De acordo com o mesmo autor, apesar da imprevisibilidade e aleatoriedade (já faladas em capítulos anteriores) a interacção entre duas equipas não se restringe somente a aspectos como a sorte ou azar, sendo possível através do treino tentar “combater” isso mesmo, preparando melhor a equipa para esses momentos.

Portanto concordamos com Meinberg (2002) que refere que o treino é um fenómeno complexo que é conotado como uma forma especial de ensino, que pressupõe instrução e didáctica.

Frade (1985) vai mais longe e refere que treinar é lapidar. Para o autor, treinar é como que pegar numa pedra e trabalha-la até esta se constituir como arte, sendo que para isso acontecer exigirá um conjunto de implicações. Uma dessas implicações diz respeito ao que deverá estar na base de estruturação deste processo.



De acordo com Lucas e Garganta (2002) o processo de treino deverá ter sustentação no Modelo de Jogo e num modelo de jogador resultante deste primeiro. Para Garganta (2003) este é o orientador de todo o processo de treino.

Castelo (2006) considera que treinar, sem um referencial ao nível do jogo, terá como resultado a impossibilidade de afirmação de uma equipa, assim como treinar todos os cenários possíveis se afigura como um erro.

De acordo com Garganta (2005), considerando que o processo de treino visa induzir alterações positivas, observáveis numa equipa através da performance dos seus jogadores, a orientação do processo de treino deverá ser baseada e regulada através da informação que é recolhida no jogo.

Portanto, este conjunto de autores referenciam o treino tendo este como base o “jogo” da equipa. No fundo, consideram que o treino deverá sustentar a sua acção, fundamentalmente, no Modelo de Jogo Adoptado.

Assim, para Oliveira Silva (2006) é injustificável que se altere o Modelo de Jogo em função de se jogar contra um qualquer adversário. Contudo, para Garganta (2000) e Oliveira Silva (2006), depois de consolidada e assegurada a coerência do processo de treino, tendo em vista o desenvolvimento de uma determinada forma de jogar, alicerçada no modelo e concepção de jogo do treinador, informações relativas à equipa adversária poderão ser oportunas na elaboração e reajuste de exercícios específicos, ao nível da padronização semanal.

Fazendo um ponto de situação das ideias evidenciadas, o treinador não deverá abdicar da sua forma de jogar, da identidade de jogo da equipa mas sim “acrescentar” este complemento estratégico (informação acerca das equipas adversárias), se assim entender ser pertinente. Portanto, Modelo de Jogo e *Scouting* parecem poder coexistir em simultâneo, como factos integrantes do processo de Treino.

Assim concordamos que a um Modelo de Jogo dever corresponder um Modelo de Análise de Jogo (Oliveira Silva, 2006). Também Queiroz (1986), afirma que ao se definir um modelo conceptual para a estruturação e definição dos exercícios de treino, este implicará também a definição de um modelo de

análise de jogo. Os autores estão de acordo, portanto, que estando o Modelo de Análise de Jogo referenciado ao Modelo de Jogo, consequentemente o Treino buscará influências quer no Modelo de Jogo quer no Modelo de Análise do Jogo.

Garganta (1997) entende, a este propósito, que através da Análise do Jogo, pode e deve-se realizar um aporte da informação para o treino, tendo em vista o melhoramento da performance. Reparemos na Figura 5.

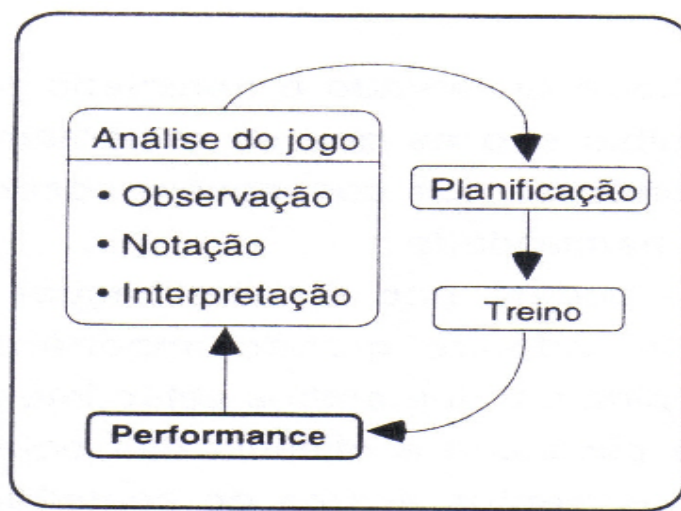


Figura 5 – Interação entre o processo de treino e o processo de análise e observação do jogo (Retirado de Garganta, 1997)

De acordo com Franks e McGarry (1996) deve-se tentar, a partir das informações retiradas da análise do jogo, otimizar o comportamento dos jogadores, até porque segundo Neto e Matos (2008) parece existir uma relação entre treino e competição e nesse sentido a análise de jogo pode servir como ponto de união entre os dois.

Pinto (1991) concorda que esta relação se constitui como algo de concreto, e acrescenta que a relação é entre treino-competição-jogo. Assim, de acordo com o mesmo, parece poder considerar-se que, através da análise e observação do jogo, se pode auxiliar a conceptualização do treino através da construção de exercícios especializados.

Análise do Jogo, neste caso, somente referente à própria equipa. Relativamente à análise do jogo referente às equipas adversárias, Oliveira Silva (2006) entende que o *scouting* se constitui como algo que os treinadores



realizam para a sua preparação, tendo em vista a construção de exercícios específicos de treino.

Entendendo os exercícios como os principais meios para o treinador modelar os comportamentos dos seus jogadores (Castelo, 2002; Garganta, 2003) a informação sobre o adversário deve nortear a construção dos exercícios que visem ensinar/exercitar as soluções estratégicas para um jogo (Santos, 2006). Assim, de acordo com Santos (2006), os treinadores concedem importância ao *scouting* com o intuito de decifrar os pontos fortes e os pontos fracos dos adversários para depois, em situação de treino, conseguirem delinear exercícios de forma a preparar adequadamente a sua equipa.

No fundo, o *scouting* fundamenta a sua acção surgindo como um auxílio, na preparação para a competição, sendo conotado por Lopes (2005) como um possível complemento estratégico para os jogos.

Portanto, concordamos com a posição de Lopes (2005) assim como com Oliveira Silva (2006) que considera que o *scouting* encontra sustento nos aspectos de ordem estratégico-táctica.

Assim, de acordo com a literatura consultada, entendemos que este conjunto de ideias – Modelo de Jogo, Concepção de Jogo do treinador, Análise da própria equipa e *Scouting* da equipa adversária, se constituem como partes sustentadoras do mesmo processo, o processo de Treino, e é isso que tentaremos comprovar no nosso estudo.



3. Metodologia





3. Metodologia

Tendo por base o objectivo central do presente estudo, perceber a importância atribuída pelo clube, a aspectos como o Modelo de Jogo, Concepção de Jogo do Treinador e a Análise do Jogo (da própria equipa da equipa adversária) na relação com a Operacionalização em Treino, tendo em vista a construção de um Jogo Específico de uma equipa, decidimos adoptar a metodologia que explicitaremos, detalhadamente, de seguida.

3.1. Amostra

Tivemos como intenção fundamental, de forma a dar resposta aos nossos objectivos, entrevistar os principais intervenientes no processo de treino da Equipa de Sub-19 do Futebol Clube do Porto, o Coordenador do Departamento de Formação Juvenil e o Coordenador do Departamento de *Scouting* do Clube. Contudo, não se tornou exequível aceder a um desses intuitos e portanto restringimos a nossa acção aos Coordenadores, quer do Departamento de Formação Juvenil quer do Departamento de *Scouting*. Em paralelo com este facto, realizamos um período de observação, de duas semanas (dois microciclos), aos treinos da Equipa de Sub-19 do clube.

Portanto, o nosso estudo diz respeito a um Estudo de Caso tendo como “base” o Futebol Clube do Porto, e mais especificamente a Equipa de Sub-19, o Departamento de Formação Juvenil e o Departamento de *Scouting*.

Assim, foram entrevistados os seus principais intervenientes:

- Luís Castro – Coordenador do Departamento de Formação Juvenil do Futebol Clube do Porto;
- João Luís Afonso – Coordenador do Departamento de *Scouting* do Futebol Clube do Porto.



Sustentamos a escolha destes dois intervenientes no facto de entendermos serem as pessoas mais indicadas para retratarem uma realidade específica como esta. Especificando, Luís Castro, como Coordenador do Departamento de Formação Juvenil do clube, terá como responsabilidade definir toda a lógica deste processo e, nesse sentido, ninguém melhor que ele conhecerá os seus princípios orientadores. Da mesma forma, João Luís Afonso, como Coordenador do Departamento de *Scouting*, terá a mesma função, mas adaptada a este departamento específico. Por isso, entendemos serem estas as duas pessoas indicadas para nos retratarem a realidade do clube, de acordo com os objectivos do presente estudo.

Neste caso, pretendemos expor e analisar a realidade vivenciada no clube, no que respeita à forma como estruturam aspectos como o Modelo de Jogo e a Análise do Jogo no processo de Treino, no escalão de Sub-19 do clube.

Portanto, tendo como intenção realizar um Estudo de Caso, que seja representativo do que se passará, numa realidade pré-profissional, entendemos que esta escolha poderá enriquecer os objectivos do estudo, uma vez que se reporta a um clube de referência a nível nacional e internacional.

Baseando a nossa acção na literatura, para Merriam (1988, cit. por Bogdan & Biklen, 1994) o estudo de caso poderá consistir na observação detalhada de um contexto, de um indivíduo, de uma fonte de documentos ou de um acontecimento específico.

Para Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1990), o estudo de caso caracteriza-se por o investigador estar pessoalmente implicado ao nível de um estudo de carácter particular e consideram que este reúne informações o mais numerosas e pormenorizadas quanto possível, tendo em vista abranger a totalidade da situação a estudar.

Assim, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), o plano mais geral do estudo de caso pode ser comparado como que a um funil, sendo que o início do estudo representa, neste caso, a extremidade mais larga do funil. Para os mesmos, os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objecto do estudo ou fontes de dados e se estas lhes puderem fazer cumprir



essas intenções, organizam um conjunto de acções que lhes permitam avaliar o terreno e daí extrair dados que fundamentem os seus objectivos.

No fundo, e de acordo com os mesmos autores, começa-se com a recolha de dados, depois revêem-se e exploram-se esses dados e vão se tomando decisões relativas aos objectivos de estudo. Nesse sentido, decidem-se quais as pessoas a entrevistar e quais os aspectos que se pretende explorar.

Este conjunto de considerações foram tidos em conta, no nosso estudo, já que procuramos pessoas que pela sua função dentro do processo de Formação Juvenil e de Análise do Jogo do clube conseguissem, de forma natural, caracterizar adequadamente a realidade a ser alvo de análise.

Essas pessoas foram entrevistadas e em função disso tentamos confirmar ou infirmar as nossas hipóteses.

3.2. Construção das Entrevistas

Em investigação qualitativa as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas: como estratégia dominante para a recolha dos dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, a análise de documentos e outras técnicas (Bogdan & Biklen, 1994). No caso do nosso estudo adoptamos a primeira opção, ou seja, estas constituíram-se como estratégia dominante para a recolha de dados, já que entendemos que através dessa recolha conseguiríamos atingir os objectivos estipulados.

Neste caso, e de acordo com Bogdan e Biklen (1994), o sujeito é, a maioria das vezes considerado como um estranho e assim é necessário, antes de mais que os dois (entrevistado e entrevistador) se sintam à vontade, antes de passarem à entrevista propriamente dita.

Para Bogdan e Biklen (1994) as entrevistas podem ser consideradas qualitativas, entrevistas muito abertas, estruturadas, não-estruturadas, semi-estruturadas, de grupo.



Já para Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1990) estas podem ser: orientadas para a resposta; orientadas para a informação; de tipo sismográfico; do tipo fenomenológico; não-directiva; clínica; individual; de grupo.

De acordo com estes dois tipos de categorizações, no nosso caso, foi adoptada a entrevista de carácter semi-estruturado individual e orientada para a informação. Para isso procedemos à criação de um guião de forma a este possibilitar uma amplitude de temas consideráveis. Opinião sustentada em Bogdan e Biklen (1994).

Um outro aspecto a considerar foi o facto de já conhecer os entrevistados, o que facilitou a aplicação formal da entrevista.

3.3. Procedimento

Este processo iniciou-se através de contactos não-formais com representantes do Futebol Clube do Porto a fim de verificar se existiria a possibilidade de realizar o estudo tendo como base o clube. A estes primeiros contactos seguiram-se outros, de carácter formal, de forma a formalizar as nossas intenções.

Em paralelo realizamos uma pesquisa bibliografia e documental, de forma a esta fundamentar a base do nosso estudo, centrando atenções, essencialmente, em documentos presentes na Faculdade do Desporto da Universidade do Porto.

Posteriormente, a metodologia utilizada baseou-se na aplicação de entrevistas de carácter semi-aberto, aos dois entrevistados referidos atrás, sendo que os locais onde estas decorreram foram estipulados pelos mesmos. A aplicação das entrevistas decorreu nos dias 29 de Outubro de 2008 (João Luís Afonso) e 31 de Outubro de 2008 (Luís Castro).

Relativamente a estas, a mais demorada foi a segunda, portanto a realizada a Luís Castro, tendo tido a duração de 57 minutos. A entrevista realizada a João Luís Afonso foi mais curta (demorou cerca de 33 minutos).



Estas entrevistas foram gravadas com apoio de um gravador digital Olympus VN 240-PC. A estas seguiu-se o processo de transcrição integral, depois de existir o consentimento dos entrevistados, transcrição esta realizada com apoio do programa Microsoft Office Word 2007, reproduzindo fielmente o conteúdo destas a fim deste ser analisado, em consonância com os objectivos do trabalho.

3.4. *Corpus* de Estudo

O *corpus* de estudo, segundo Bardin (2004) é composto pelo conjunto dos documentos submetidos aos procedimentos analíticos. Portanto, neste caso, são a transcrição das duas entrevistas e ainda alguns artigos da internet.

Para a mesma autora, o *corpus* deve considerar e seleccionar algumas regras, sendo que neste caso estas dizem respeito à exaustividade, representatividade, homogeneidade e regra da pertinência.

3.5. Análise do *Corpus* de Estudo - Análise do Conteúdo

Optou-se pela análise do conteúdo, como forma de tratamento da informação, pelo facto desta ser uma das técnicas mais utilizadas em estudos com propósitos análogos. A análise do conteúdo permite tratar a informação recolhida através das entrevistas a fim de aceder ao sentido do que cada um dos entrevistados expressou.

De acordo com Vala (1986) a análise do conteúdo não deverá restringir a sua acção apenas a aspectos descritivos. Deverá sim, de acordo com o mesmo, utilizar a inferência de forma a levar esta descrição no sentido desta se transformar em interpretação. No fundo, este processo de interpretação mais não é do que dar sentido às características do material que foi analisado.

Considerando estes aspectos, e de acordo com Vala (1986), esta terá de partir de dois pontos de partida: os objectivos da investigação e as suas referências teóricas.



Portanto, terá de considerar os objectivos que se pretendem atingir com o estudo e devem para isso fundamentar a sua acção nas referências teóricas, sugeridas pelos autores referência, nos diversos contextos.

De acordo com Bardin (2004) dever-se-á considerar, aquando da análise do conteúdo, duas funções essenciais, a função heurística e a função de administração de prova. A primeira, heurística, remete para aspectos como a descoberta, a busca de algo. A segunda, de administração de prova ou confirmatória, permitem verificar se as hipóteses se confirmam ou se infirmam.

De acordo com a mesma autora, estas podem coexistir sendo que uma pode reforçar a outra, e por isso, no nosso estudo, procuraremos recorrer às duas, dado que pretendemos explorar a realidade de um clube que, se assume como referência nestes aspectos e em todos os outros que envolve o contexto desportivo. Pretenderemos também confirmar se as nossas hipóteses estarão de acordo com o que será alvo de análise. Portanto, entendemos que a conjugação das duas será o melhor caminho, no que respeita ao nosso estudo.

Poderemos ainda optar por um conjunto de três tipos de análise: análise de ocorrências; análise avaliativa; e análise estrutural (Vala, 1986).

Depois de definida que tipo de análise será a mais indicada, de acordo com o mesmo autor, haverá a necessidade de construirmos o nosso sistema de categorias. Assim, para o mesmo, teremos de optar por um de dois caminhos, aquando da construção do sistema de categorias: *a priori* ou *a posteriori*. Especificando, no primeiro caso as categorias encontrarão fundamentação na revisão da literatura e no segundo caso não, ou seja, a categoria não foi considerada tendo como base um pressuposto prévio, surgindo depois, em função do carácter aberto das entrevistas.

No caso do presente estudo utilizamos apenas a categorização *a priori*, uma vez que, em todos os casos, as categorias foram definidas tendo por base revisão da literatura.

Um outro aspecto a considerar no nosso estudo diz respeito ao que Bardin (2004) denomina de pré-análise. O que a autora pretende significar com esta denominação, mais não é que um processo de leitura flutuante dos



documentos a analisar (as entrevistas) de forma a quando se passar para análise propriamente dita, esta possa ser mais precisa.

Este aspecto, foi considerado no nosso estudo, até porque consideramos ser a melhor forma de corresponder às exigências de tais tipos de análises.

3.6. Delimitação dos objectivos como orientação da pesquisa

O nosso estudo tem como objectivo geral perceber a importância atribuída, pelo clube, a aspectos como o Modelo de Jogo, Concepção de Jogo do Treinador e a Análise do Jogo (da própria equipa da equipa adversária) na relação com a Operacionalização em Treino, tendo em vista a construção de um Jogo Específico de uma equipa.

Desta forma, pretendemos que os entrevistados nos caracterizem este conjunto de considerações, de forma a responder, não só a este objectivo geral, como também a outros de cariz mais específico. Assim, a nossa pesquisa também procurou entender se o Modelo de Jogo é considerado pelo clube como a base orientadora do Treino do processo de treino, na Formação. Procurou indagar se a Concepção de Jogo do Treinador terá influência na definição e estruturação do Modelo de Jogo Adoptado pelo clube. O nosso estudo considerou ainda a possibilidade de averiguar se o Treinador realiza análise da própria equipa, em treino e em jogo, e se relaciona essa informação com a implementação do Modelo de Jogo preconizado para a equipa e se existe algum tipo de relação entre Scouting (observação da equipa adversária) e a forma como se operacionaliza o Treino. E por último, mas não menos importante, apurar se o Modelo de Jogo e a Análise do Jogo são considerados, no que se refere à forma como se configura, aplica e controla o Treino.

3.7. Definição do Sistema Categorial

Considerando o referido atrás, que a construção de um sistema categorial poderá ser construído *a priori* ou *a posteriori*, no caso do nosso estudo entendemos optar pela primeira opção.



Assim, este processo de definição do sistema categorial é denominado por Bardin (2004) como categorização, sendo que segundo a autora torna-se importante fazê-lo considerando um conjunto de factores: a exclusão mútua (um mesmo elemento não pode existir em mais do que uma divisão); a homogeneidade (um mesmo conjunto categorial só pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise); a pertinência (quando este se adapta ao material de análise escolhido); a objectividade e fidelidade (as diferentes partes do mesmo material devem ser codificadas da mesma maneira); e a produtividade (se de um conjunto de categorias provêm resultados férteis).

No caso do nosso estudo, entendemos que devemos cumprir a maioria dos factores referido, contudo que não deveremos cumprir com o da exclusão mútua, uma vez que é intenção do nosso estudo analisar de que forma vários aspectos interferem no treino e portanto é natural que se abordem em mais do que uma divisão do trabalho.

Para o nosso estudo, tendo por base os objectivos gerais e específicos, assim como o quadro teórico definimos as seguintes categorias:

C1 – Factores de Rendimento Desportivo

C2 – Modelação do Jogo de Futebol

MC2.1 – Relação com o processo de Formação

MC2.2 – O Modelo de Jogo

MC2.3 – Modelação do “jogo” no escalão de Sub-19

MC2.4 – Concepção de Jogo do Treinador

MC2.5 – Jogador como sujeito activo

C3 – Análise do Jogo de Futebol

MC3.1 – Futebol de Alto Rendimento versus Futebol de Formação

MC3.2 – A análise da própria equipa

MC3.3 – A análise das equipas adversárias (*Scouting*)



C4 – Treino

MC4.1 – Formação: necessidade de se impor o “nosso jogo”

MC4.2 – Relação entre Modelo de Jogo e Análise do Jogo

3.8. Justificação do Sistema Categorical

Considerando então o enquadramento teórico e os objectivos definidos, definiu-se o respectivo sistema categorial composto por quatro Macro-Categorias base (C) que depois, em alguns casos, se subdividem em algumas Meso-Categorias (MC). A justificação para esta divisão pormenorizada reside no facto de, na nossa opinião, só assim se conseguir relacionar vários aspectos, que embora à primeira vista possam parecer poder ser considerados de uma forma mais geral, se forem analisados dessa forma restringirão muito o seu poder de implicação no trabalho. Portanto, a necessidade de se dividir as Macro-Categorias em aspectos mais “específicos”, como são as Meso-Categorias.

Assim, especificando a justificação de cada uma das quatro categorias gerais, procuraremos delimitar a sua posição, no nosso trabalho.

C1 – Factores de Rendimento Desportivo

De acordo com Garganta (1997) e Castelo (2002) os factores de rendimento desportivo são quatro: táticos, técnicos, físicos e psicológicos. E estes, segundo os mesmos autores, e também de acordo com Tavares (1994) e Queiroz (1986), assumem-se como importantes para o rendimento desportivo, em Futebol.

Portanto, com esta primeira macro-categoria pretendemos clarificar a importância dos factores de rendimento desportivo, no processo de Formação em Futebol.



C2 – Modelação do Jogo de Futebol

MC2.1 – Relação com o processo de Formação

MC2.2 – O Modelo de Jogo

MC2.3 – Modelação do “jogo” no escalão de Sub-19

MC2.4 – Concepção de Jogo do Treinador

MC2.5 – Jogador como sujeito activo no processo de Modelação

Garganta e Pinto (1998) consideram a dimensão táctica unificadora de todo um processo complexo de modelação e entendem que se deve cultivar desde cedo no jogador uma atitude prática permanente.

Le Moigne (1990) entende que a modelação dos sistemas complexos é realizada a partir da organização.

Portanto, esta organização requer algo que a fundamente e esse algo deverá ser o Modelo de Jogo (Barbosa, 2003; Carvalhal, 2001; Castelo, 1998; Frade, 1986; Garganta, 1996; Guilherme Oliveira, 2004). A este, contudo, pode-se acrescentar ainda a Concepção de Jogo do Treinador (Carvalhal, 2000; Freitas, 2005; Guilherme Oliveira, 2004; Leal & Quinta, 2001).

Todo este processo depois terá de ser posto em prática por jogadores. Por isso, para Castelo (1996), é necessário que cada jogador para além de tomar consciência da superfície de jogo onde vai actuar assim como dos seus limites e virtudes, tome consciência também das suas funções específicas de base no modelo de jogo da equipa e ainda das funções dos seus companheiros, subordinando os interesses pessoais em função dos colectivos, optando por ter uma atitude de intervenção activa, neste processo.

Assim, nesta segunda macro-categoria pretendemos observar de que forma a Modelação do Jogo acontece no escalão de Sub-19 do clube e de que forma aspectos como o Modelo de Jogo, a Concepção de Jogo do Treinador e o jogador como sendo um sujeito activo no processo, poderão influenciar essa mesma Modelação.

Consideramos estes aspectos a seguir aos Factores de Rendimento Desportivo, uma vez que entendemos que esta Modelação só poderá



acontecer depois de se entender o que estará na base dela, e que neste caso parece ser a dimensão táctica aliada à dimensão técnica.

C3 – Análise do Jogo de Futebol

MC3.1 – Futebol de Alto Rendimento versus Futebol de Formação

MC3.2 – A análise da própria equipa

MC3.3 – A análise das equipas adversárias (*Scouting*)

Esta terceira macro-categoria, segue-se à da Modelação do Jogo de Futebol, uma vez que a Análise do Jogo, na última década tem sido alvo de atenção generalizada pela maioria dos treinadores de futebol (Carling, Williams & Reilly, 2005) e tem sido considerada como uma ferramenta imprescindível que os treinadores têm utilizado para assim aumentarem os seus conhecimentos e consequentemente procurarem depois melhorar a qualidade da prestação da sua equipa (Garganta, 1996).

Vários autores confirmam a importância dada à Análise de Jogo actualmente (Garganta, 2001; Ortega, 2000; Contreras & Ortega, 2000; McGarry & Franks, 1996). Portanto, aspectos como a análise do jogo da própria equipa e o *scouting* têm-se assumido como preponderantes para se preparar devidamente uma equipa para as competições (Garganta, 1997).

Assim, pretendemos com esta macro-categoria, diferenciar o tipo de Análise do Jogo utilizada no processo de Formação Juvenil da utilizada no Futebol Sénior.

C4 – Treino

MC4.1 – Formação: necessidade de se impor o “nosso jogo”

MC4.2 – Relação entre Modelo de Jogo e Análise do Jogo

Por fim, terminamos com esta quarta macro-categoria, de forma a nesta, como que conjugarmos tudo o que foi abordado até então. Ou seja, perceber que tipos de relações se estabelecem no Treino entre o Modelo de Jogo e a Análise do Jogo, de forma a cumprir uma necessidade que parece emergente



que é a necessidade de se impor o “seu jogo”, quando se quer que o processo decorra de forma adequada.

De acordo com Oliveira Silva (2006) é injustificável que se altere o Modelo de Jogo em função de se jogar contra um qualquer adversário, isto porque, segundo Garganta (2003), o Modelo de Jogo deve orientador de todo o processo de ensino-aprendizagem/treino. No entanto, o *scouting* encontra sustento se for conotado como um possível complemento estratégico para os jogos (Lopes, 2005). Já em relação aos aspectos da análise da própria equipa, ficou evidente, na literatura, que estes se assumem como forma de verificação se o Modelo de Jogo é, ou não, implementado de forma correcta.

Assim pretendemos, com esta categoria, entender de que forma estes aspectos são considerados no Treino, considerando este como o meio para se alcançar o sucesso em qualquer competição.

3.9. Definição de Unidades de Análise

De acordo com Bardin (2004) deveremos considerar três tipos de unidades de análise: unidades de registo; unidades de contexto; e unidade de enumeração.

Para o mesmo as unidades de registo dizem respeito à categorização e contagem frequencial com base em recortes a nível semântico, como a palavra o tema ou a frase (Bardin, 2004). Neste caso, importa contudo considerar a necessidade de balizar este tipo de unidade de análise, uma vez que rapidamente esta se pode descontextualizar.

No que respeita às unidades de contexto, segundo a autora, estas servem como um meio de maior contextualização dos conteúdos referentes ao nosso *corpus* de estudo.

Por fim, unidades de enumeração, comportam a: presença/ausência; frequência; frequência ponderada; intensidade; direcção; ordem; co-ocorrência. Para o autor estas dizem respeito ao modo de contagem. Utilizaremos apenas as noções referentes à presença/ausência, à frequência ponderada, à direcção



e à co-ocorrência, sendo que de acordo com o contexto e objectivos do nosso estudo, estes nos parecem os mais pertinentes.





4. Apresentação e Discussão do conteúdo das entrevistas





4. Apresentação e Discussão do conteúdo das entrevistas

Neste capítulo iremos proceder à apresentação dos resultados em simultâneo com a análise dos mesmos. Este procedimento será realizado tendo por base a análise das entrevistas e revisão da literatura.

C1 – Factores de Rendimento Desportivo

Tendo por base a literatura consultada, geralmente são consideradas quatro as dimensões/factores do rendimento desportivo: tática, técnica, física e psicológica (Garganta, 1997; Castelo, 2002).

De acordo com Luís Castro (LC) (Anexo 2) estas constituem-se como as principais dimensões do rendimento desportivo, tendo as quatro influência sobre este. Contudo, na revisão ficou bem patente que determinados autores dão mais primazia a uma dimensão, ou um conjunto delas, em detrimento de outra(s).

Por exemplo, Tani (2001) afirma que no desporto de rendimento está enraizada a crença que a excelência pode ser obtida mediante a melhoria na condição física. Crença essa sustentada na Fisiologia do Exercício.

LC (Anexo 2) discorda, referindo-se à dimensão técnica e à dimensão tática como as predominantes, num processo de formação. A este propósito refere que “(...) *um jogador que não tenha capacidade técnica e tática evoluída não pode dar resposta da melhor forma a tudo aquilo que o jogo solicita*.”.

Para este autor, estas duas dimensões, a técnica e a tática, estão no topo em termos de preponderância, mas entende contudo que estas quatro funcionam sempre em conjunto. Portanto, afirma que as dimensões, física e psicológica, são também importantes, embora considere que as duas primeiras (tática e técnica) têm um papel mais activo na capacidade de rendimento de um jogador. Reparemos no exemplo que nos dá a este propósito e que elucida bem a sua posição: “(...) *já mesmo na minha carreira sentia que, em períodos difíceis em que eu não me encontrava tão bem mentalmente e mesmo*



fisicamente, eu e colegas meus, dotados de alguma capacidade técnica e inteligência de jogo que nos permitisse tacticamente ter comportamentos correctos dentro do campo, conseguíamos apagar, de certa forma, algum défice que pudesse existir dos outros factores, das outras dimensões, quer a psicológica quer a física.”. Portanto, considera que a “dimensão técnico-táctica” será sempre predominante, apesar de achar que, enquanto treinadores, devemos dar importância a todas elas, uma vez que são elas que “(...) determinam o rendimento dos jogadores no dia-a-dia.”. Para o autor quando um jogador consegue dominar perfeitamente o jogo “técnica” e “tacticamente” consegue colocar a par destas duas dimensões, quer a dimensão psicológica quer a física.

Assim, de forma a esclarecer como perspectiva a integração destas dimensões no processo de Formação do Departamento de Futebol Juvenil do Futebol Clube do Porto, o autor refere que as dimensões “(...) são trabalhadas na sua globalidade. Não as separamos. Não vou agora ter preocupação com esta e não ter com aquela. Não.”.

No clube vêm o jogador como “um todo” e vêm as equipas de uma forma globalizante também, em termos de dimensões do rendimento. O autor acrescenta ainda que “ (...) no processo de formação o aspecto técnico-tático tem que ser salvaguardado permanentemente pelos treinadores, porque se nós podemos dar, em determinado momento uma maior valência a nível mental ou física a um jogador aos dezoito, aos dezassete, aos dezasseis anos, de forma a prepará-lo para desenvolver um jogo com maior qualidade, já em termos técnicos e tácticos se um jogador aos dezassete, aos dezoito ou aos dezanove anos não tiver uma capacidade técnica para dar resposta a pensamentos tácticos e se não perceber o jogo nessa altura, se não tiver inteligência no jogo para desenvolver tacticamente o jogo, não é muito fácil dar-lhes isso, nessa altura.”.

Entende portanto que, mental e fisicamente, é possível acrescentar constantemente aspectos de forma a fazer com que um jogador esteja cada vez mais preparado para as exigências competitivas em que está inserido, mas que a nível técnico e táctico, se este por volta dos dezoito anos não dispuser já



de uma capacidade alta, será bem mais difícil de lhe dar condições para que a sua evolução aconteça, de forma a permitir que permaneça com condições óptimas ou adequadas para continuar no processo competitivo.

O autor entende que perante um caso de um jogador que se entende poder alcançar a Equipa Sénior, ou seja, que possa ter futuro dentro do clube, ou se começa com este processo muito cedo, desde “os seis/sete/oito anos” ou é muito difícil de o conseguir preparar, eficientemente.

Portanto, no processo de Formação do clube, têm-se em consideração todas as Dimensões do Rendimento Desportivo embora com predominâncias bem definidas por parte de cada uma delas, sendo a dimensão técnica (de forma a dar respostas a situações de jogo e por isso consideradas táticas) e a tática, as estruturantes do processo de treino.

No fundo, este conjunto de ideias encontram sustentação nas ideias de Prieto (2001) para o qual um bom jogador é muito mais que um bom atleta e nas de Guilherme Oliveira (2004) e Resende (2002) para os quais a dimensão tática é a aglutinadora de todas as outras, sendo que neste caso de acordo com LC a dimensão técnica está, em termos de preponderância muito próxima da dimensão tática.

Assim, e mesmo não tendo sido considerada tão importante como a dimensão tática, aquando da revisão da literatura, a dimensão técnica, segundo Raya Pugnaire e Roales Nieto (2002) é extremamente importante, considerando ser necessário fazer um esforço para se desenvolver a técnica, de uma forma cada vez mais sofisticada e completa, de forma a permitir que esta possa ir de encontro ao que o próprio jogo vai colocando aos jogadores, que mais não são que problemas de índole tática.

A técnica assume-se, portanto, como uma dimensão extremamente importante uma vez que, de acordo com os autores referidos acima, qualquer tática ou estratégia é facilmente derrubada se houver imprecisão técnica por parte dos jogadores de uma equipa, por exemplo ao nível da qualidade de passe.



Também Zerhouni (1980) corrobora da mesma opinião, acrescentando que a técnica pode ser considerada, de base (técnica individual) e técnica de jogo (técnica colectiva), sendo que as duas são importantes para o jogo de Futebol.

Portanto, as ideias destes autores sustentam perfeitamente o que nos foi transmitido pelo entrevistado, LC (Anexo 2) e assim, generalizando, a dimensão técnica assume-se como importante para o processo de treino, a par da dimensão táctica.



C2 – Modelação do Jogo de Futebol

MC2.1 – Relação com o processo de Formação

De acordo com Guilherme Oliveira (2004) um treinador tem de considerar que treinar seniores não é a mesma coisa que treinar jovens. Assim, parecendo-nos uma realidade indesmentível, a fundamentação deste facto deverá residir na especificidade de cada um desses contextos, manifestamente distintos. Entendemos, contudo, que estes apesar de distintos estão interligados funcionalmente, ou seja, que de um está dependente o outro.

A este propósito LC (Anexo 2) considera que a Formação tem como objectivos formar jogadores para estes subirem à Equipa Sénior. No entanto, na nossa opinião, muitas vezes confundem-se estes aspectos e não se procuram entender as características próprias dos contextos onde a situação está inserida.

Assim, de acordo com considerações do autor, quando se está na Formação e se pensa que dos vinte e poucos jogadores que estão numa Equipa de Sub-19, todos eles vão subir à Equipa A do clube, ou que todos vão continuar no Futebol sénior, o mais provável é estarmos a ser utópicos. De facto, a Formação tem, e terá sempre, um papel preponderante para que o Futebol Sénior sobreviva. Contudo, e como nos refere LC (Anexo 2), “(...) *nós não podemos subir equipas ao plantel sénior. Inequívoco, nós só subimos jogadores.*”.

Esta é a realidade evidenciada no Clube, um clube de top nacional e internacional, contudo pensamos poder acrescentar que é igualmente o que acontece na grande maioria dos clubes. Entendemos, que muito dificilmente um clube tem condições para subir em simultâneo, todos os jogadores da equipa de juniores (ou pelo menos grande parte) aos seniores no mesmo ano, a não ser por problemas extra futebol.

Portanto, no processo de Formação importa, segundo o autor, “(...) *criar contextos de facilitação para o crescimento desses jogadores (...)*”, e isso só se



consegue criando e definindo uma metodologia de treino que contemple de tudo um pouco, desde os ensinamentos dos princípios de jogo até aos aspectos relacionados com a personalidade dos jogadores, sendo todo esse crescimento balizado tendo em conta a possibilidade destes chegarem à Equipa A do clube.

No fundo, para o autor, estaremos perante uma “caminhada” que deverá começar o mais cedo possível, desde os cinco/seis anos para que ao longo deste processo se vão reunindo condições para que o jogador tenha possibilidades de corresponder, adequadamente, quando alcançar a idade de sénior.

Esta ideia evidenciada pelo autor é corroborada por Freitas (2005) para o qual o comportamento tático treina-se e consolida-se desde cedo e os resultados deste processo serão, tanto mais satisfatórios, quanto mais precoces estas preocupações estiverem presentes, na formação dos jovens futebolistas.

Também encontra sustentação em Garganta (1996) para o qual é necessário que desde os primeiros treinos, os jogadores assimilem um conjunto de princípios que se reportam, não apenas, ao modo como cada um se relaciona com a bola, mas também à forma de comunicar com os colegas e de contra-comunicar com os adversários.

Neste sentido, a principal preocupação no Departamento de Formação Juvenil do clube, de acordo com o Coordenador (Anexo 2) é “(...) *criar uma metodologia de treino em que emergem esses jogadores (...) dotar esses jogadores com os princípios básicos do jogo para depois aumentarmos a complexidade desse jogo à medida que ele vai crescendo na nossa formação, até ao patamar máximo - Juniores - que é onde ele tem de estar preparado para atacar a Equipa A.*”.

Portanto, estamos perante uma preocupação com o jogador em si, e não tanto uma preocupação exclusiva com a equipa, embora esta exista, até porque de uma está dependente a outra.

Atentemos ao exemplo que o autor nos dá: “(...) *nós não nos cingimos só aquilo que a equipa produz. A equipa ganhou “está tudo bem.” A equipa perdeu*



“está tudo mal”. Não. A equipa pode perder e estar tudo bem, porque emergiu dela um ou dois jogadores. E a equipa ganhou e pode estar tudo mal porque não conseguiu destacar nenhum jogador, nenhum jogador brilhou e nenhum jogador está a brilhar, numa sequência de jogos.”. Por conseguinte, para o autor, é preocupante ganhar-se, por exemplo, um campeonato nacional de juniores e não reconhecerem, nessa mesma equipa, individualidades com potencial para subirem à equipa sénior do clube.

Contudo, LC (Anexo 2) entende que a produção da equipa como uma globalidade é um aspecto de enorme importância para se perspectivar esta evolução, até porque considera que *“(…) só uma equipa saudável em termos de produção de jogo e com um bom jogo é que produz individualidades para fazer chegar à Equipa A.”*.

No fundo, a preocupação maior é preparar o jogador de uma forma individual para tentar reunir condições para integrar a equipa sénior, mas sem nunca descurar que um dos aspectos que o vai auxiliar nessa “caminhada” é a equipa funcionar como um “todo globalizante” para o auxiliar a ter condições para alcançar este propósito.

MC2.2 – O Modelo de Jogo

A melhor forma de uma equipa funcionar como um todo, de funcionar como uma “equipa”, é estruturar o processo para que este tenha princípios comuns que orientem todos os seus intervenientes. Não existe “todo” sem organização e é nesse sentido que o Modelo de Jogo aparece como condição a reter, aquando de um processo de Formação.

De acordo com LC (Anexo 2) dentro do clube existe um “*Modelo*”, bem definido através de um “*documento interno*”, mas dentro desse Modelo existem muitos outros “*modelos*”. Ou seja, existem *“(…) modelos dentro do Modelo, porque não posso querer, que a equipa de Sub-11 jogue da mesma forma que a de Sub-19, ou a equipa de Sub-17 igual à de Sub-13.”*. No entanto, existe a



“(...) mesma forma de entendimento do jogo e a mesma explicação daquilo que é o nosso jogo (...)”.

O autor quer fazer ressaltar que existe um Modelo perfeitamente estruturado e que contempla, dentro dele, especificações para cada um dos escalões, em função das características específicas destes. Assim, o que o autor pretende que aconteça no Departamento de Formação Juvenil é dotar os jogadores de competências técnicas e táticas que lhes permitam conseguir desenvolver o tipo de jogo, que entende ser o mais ajustado para a evolução deles como jogadores. Agora, considerando que esse “*jogo*”, ao longo do processo de formação, vai aumentando a sua complexidade.

No fundo, pretende que os jogadores, na Formação, vão passando por fases de complexidade crescente, nas quais têm de conseguir dar resposta a problemas táticos distintos, de forma a quando alcançarem o escalão de juniores estarem preparados para poder integrar a Equipa Sénior.

O autor dá um exemplo desse aumento de complexidade crescente ao referir que *“Queremos, claramente, muitas mais combinações nos Sub-19 do que queremos quando eles são Sub-14.”*. Portanto, de acordo com LC (Anexo 2), no Departamento de Formação Juvenil do clube não há uma preocupação estanque, na qual o Modelo de Jogo Adoptado tenha de ser totalmente igual ao adoptado pela Equipa A. Contudo, para o autor, este assume várias características idênticas, a começar pelo “*sistema de jogo*” (entenda-se estrutura de jogo), no caso um “1-4-3-3”.

Relativamente ao sistema de jogo de base ser um 1-4-3-3, este constitui-se dessa forma em função de algumas condicionantes. A primeira, segundo o autor é este ser o sistema mais “*(...) facilitador para a aprendizagem do jogo e para a ocupação racional dos espaços.*”. Portanto, para o autor, com este sistema é “*(...) muito mais fácil o jogador perceber o que é uma cobertura, o que é uma abertura, o que é uma ocupação de espaço, o que é uma compensação (...)*”, do que será num modelo de “1-4-4-2”. Considera ser o sistema com o qual, mais facilmente, se consegue ensinar ao jogador aspectos importantes como os referidos acima. Nesse sentido, procuram desde muito



cedo que este lhes seja ensinado, de uma forma progressiva, em termos de complexidade.

Um outro aspecto que o autor considera ter sido importante na definição e construção deste Modelo de Jogo é o contexto cultural do clube. Reparemos no exemplo que nos dá a esse propósito: *“Há uma cultura própria dentro do FC Porto. O FC Porto foi um clube que cresceu ao longo de décadas e décadas, sempre uma cultura de vitórias. Claramente, uma cultura porque não dizê-lo de 1-4-3-3. É habitual vermos os sócios/massa adepta perdoarem o insucesso de 1-4-3-3 do que se um 1-4-4-2 estiver instalado (...)”*, por isso de facto, o aspecto cultural onde o clube está instituído parece constituir-se como uma importante trave-mestra, aquando da definição deste.

Assim, e apesar de não ser o principal motivo que faz os responsáveis definirem este caminho, em detrimento de outro qualquer, este parece influenciar as decisões tomadas.

Esta ideia é ainda sustentada de uma forma mais concreta quando o autor especifica que no clube estão habituados a *“(...) formar os alas, os pontas de lança, os médios interiores, o pivot.”* e que esse facto se constitui como *“(...) uma cultura nossa e se nós agora, de repente, mudarmos o nosso Modelo de Jogo temos claramente de olhar o nosso treino e a nossa metodologia de uma forma muito diferente da que está instituída.”*. Teriam então de entrar em ruptura e não o querem fazer. Querem sim dar continuidade à cultura, actualmente, instalada no clube, adaptando as ideias deles de forma a respeitar esta cultura instituída e que sempre fundamentou as vitórias do clube.

Confrontando todo este conjunto de ideias evidenciadas por LC, observamos que estão de acordo com a literatura consultada. Assim, estas considerações transmitem-nos a ideia que o Modelo de Jogo se constitui como imprescindível para uma correcta abordagem ao Futebol de Formação.

Tomando como exemplo as ideias expressas por: Le Moigne (1990), para o qual modelos são criações antecipativas fundamentadas numa concepção da realidade; Garganta (1996), o Modelo de Jogo é entendido como sendo um conjunto de ideias, pontos de referência fundamentais, em relação aos quais vamos aferir comportamentos; Castelo (1998) que refere que o Modelo de Jogo



tem a ver com um conjunto de factores: cultura do clube; subsistema estrutural; sistema de jogo; funções dos jogadores nesse sistema; sistema metodológico; questão relacional que são os princípios de jogo ofensivos e defensivos; subsistema técnico-tático no plano ofensivo, defensivo, individual e colectivo; e com o subsistema tático-energético; Frade (1985) o qual se refere ao Modelo de Jogo como sendo o futuro como elemento causal do comportamento, afigurando-se imprescindível na construção de um processo de aprendizagem, ou treino; Guilherme Oliveira (2004) para o qual este funciona como orientador do processo de operacionalização do “jogar”; entendemos que a forma como o Modelo de Jogo é contemplado, no clube, encontra sustentação na opinião dos autores referidos.

MC2.3 – Modelação do “jogo” no escalão de Sub-19

O escalão de Sub-19, sendo o último antes dos seniores, é um escalão com características muito próprias. Neste sentido, constitui-se como uma etapa desta “caminhada” que deverá contemplar situações o mais aproximadas possíveis com o que poderão vir a encontrar no patamar seguinte.

De acordo com LC (Anexo 2), este facto constitui-se como algo fundamental, até na definição do Modelo específico deste escalão. Aqui, quando o autor se refere a Modelo, refere-se às características do processo na sua globalidade.

Neste sentido, afirma que quer que a equipa de Sub-19 do clube seja uma equipa em que, embora tenha crescido no Modelo de Jogo Adoptado pelo clube, seja uma equipa sujeita a solicitações diversas, *“(...) não só por um ou outro traço do seu treinador, por um ou outro traço de solicitações que sejam exigidas a esses jogadores de Sub-19 quando frequentam a Liga Intercalar, de uma ou outra solicitação diferente quando vão trabalhar com a equipa sénior.”*.

Portanto, para LC (Anexo 2), nesta fase, é importante que os jogadores passem por outras situações, nem que para isso tenham de *“(...) fugir um pouco aquilo que norteou o crescimento (...)”* deles até essa altura, até esse



escalão. Ou seja, que consigam apresentar possibilidades de execução de padrões de acção mesmo que estes digam respeito a solicitações distintas em relação aquilo a que estavam habituados.

Assim, o que o autor pretende que aconteça na Equipa de Sub-19 do clube é que o jogador e a respectiva equipa sejam sujeitos a solicitações diversas, de forma a estas puderem provocar situações de “(...) *possíveis choques e rupturas com o que foi feito até então (...)*” de forma a avaliar a capacidade que estes têm para se adaptar e para as ultrapassar, procurando responder de forma positiva a essas solicitações.

Entendendo que a construção do Jogar na equipa de Sub-19 não é a mesma construção de jogo da equipa de Sub-17, o autor compara essa situação à que acontece entre a Equipa de Sub-19 e a Equipa Sénior. Assim, para o autor não se “(...) *pode esperar pela chegada à Equipa A para ver se eles são capazes de responder ou não a essas solicitações novas.*”. Daí que, no escalão de Sub-19, estes tenham de ser sujeitos a esse tipo de constrangimentos, de forma a poderem observar isso antes da chegada deles à Equipa Sénior.

Dando um exemplo acerca de um desses possíveis “*constrangimentos*”, a acrescentar a um processo de Formação em fase terminal, o autor refere poder ser, os jogadores terem necessidade de saber “(...) *jogar num dos nossos sistemas alternativos. Por exemplo no 1-3-4-3, imprimindo novas dinâmicas, novas culturas, novas coberturas, novas rupturas, novos aparecimentos nos espaços, novas saídas de bola, tudo isso é-lhes exigido (...)* Portanto as nossas preocupações nos Sub-19 são provocar novas dinâmicas, novas exigências, novas preocupações e novas formas de pensar aos jogadores e ver se realmente eles são capazes de responder de uma forma positiva a todas essas solicitações que lhes são feitas com novas propostas de trabalho, em treino e em jogo. Essas são as preocupações que temos no escalão de Sub-19 e que são evidentes em determinados momentos da época e determinados jogos.”.



Outros tipos de constrangimentos poderão ter a ver com o facto de jogarem frequentemente na Liga Intercalar e de por vezes participarem no trabalho da equipa sénior, de acordo com o autor.

Recapitulando, no fundo, o que pretendem com esta forma de abordagem a esta última fase do processo de Formação (escalão de Sub-19), mais não é do que possibilitar que o jogador passe por situações, o mais aproximadas possíveis, daquelas que poderão encontrar no Futebol Sénior.

Na nossa opinião, dando um exemplo a este propósito, um jogador quando passa toda a Formação num clube e esse clube é um clube organizado, que tem um Modelo de Jogo único mas que não contempla sistemas de jogo alternativos (entendam-se estruturas de jogo), nem outras situações diversas que obriguem a adaptações, quando estes chegam aos seniores e estão constantemente a mudar de treinador (e cada um deles joga da forma como entende ser a mais adequada) sentem, com certeza, muitas mais dificuldades de adaptação e afirmação. Assim, passarem por este tipo de rupturas, ainda na Formação, só os beneficia, uma vez que, mais facilmente se adaptam a uma possível situação deste género.

Agora, há que entender quando realizar esse tipo de rupturas uma vez que, não nos devemos esquecer, nos estamos a reportar a um contexto que vai dos seis/sete anos aos dezoito anos. Consideramos, que aos dezoito estarão mais do que preparados para passarem por este tipo de situações, mas que nas idades mais baixas não o estarão.

Agora isso não quer dizer que estas situações de criação de situações de dificuldades acrescidas aos jogadores, só aconteçam no escalão de Sub-19. Mesmo sem alterar em nada o Modelo de Jogo, também nos escalões de idades mais baixas, Sub-11, Sub-12, Sub-13, de acordo com o autor, procuram jogar de forma a criar solicitações diversas aos jogadores.

Tomemos em atenção o exemplo dado por LC (Anexo 2): no clube existem *“(...) três sistemas de base que provocam, natural e consequentemente, dinâmicas diferentes, mas sempre com privilégios em termos de percentagem de crescimento sobre esse sistema de base, o nosso 1-4-3-3 (...) puxando um elemento ao meio, vindo da frente passa a 1-4-4-2. Puxando um elemento ao*



meio, vindo de trás, passa a 1-3-4-3 (...) implica ajustamentos quando ele vem de frente ou quando ele vem de trás, para o sector intermédio.”. Consequentemente, este aspecto vai provocar “*dinâmicas diferentes*”, sendo tudo isso contemplado até porque o autor quer que os jogadores sejam sujeitos a isso com muita mais frequência na Equipa de Sub-19, do que nos outros escalões abaixo deste, apesar de neste último as equipas jogarem muitas vezes no sistema de 1-3-4-3, porque com o domínio total do jogo que naturalmente têm nesses escalões necessitam de criar, aos jogadores, situações de maior dificuldade competitiva e então a adopção de um sistema de maior risco defensivo (como é o caso) auxilia a esse propósito.

Para o autor, tudo isso é pensado no Modelo, nos diversos escalões, de forma a promover o desenvolvimento individual do jogador e sujeitá-lo a passar por situações que envolvam dificuldade para ele.

Ora, isto contraria o que normalmente se vivencia nas camadas jovens portuguesas, nas quais mais importante que tudo é ganhar. Erradamente, na nossa opinião. A este propósito, de acordo com LC (Anexo 2), com certeza que a preocupação desses clubes não será criar mais dificuldades aos seus jogadores, até porque é bem mais confortável jogar-se num 1-4-3-3 e estar a ganhar por dois ou por três golos ao adversário, do que estar a fazê-lo jogando com um sistema de risco como é o caso do 1-3-4-3, como acontece com frequência no clube.

Portanto, não é de estranhar que LC (Anexo 2) pretenda sujeitar as equipas a um certo risco e “*(...) criar sistemas de base que provoquem o risco e uma grande frequência de actividades aos jogadores em campo, no jogo.”.*

Contraria, no fundo, a realidade da maioria dos clubes de Formação em Portugal. Esta visão só poderá ser considerada se existir, de facto, uma preocupação efectiva com as particularidades deste processo de Formação, o que verificamos acontecer no Futebol Clube do Porto.



MC2.4 – Conceção de Jogo do Treinador

Aproveitando uma ideia de Mourinho (2001), na qual refere que expõe a sua filosofia, metodologia de trabalho, modelo e os princípios que gosta de ver postos em prática, à sua equipa desde o primeiro dia, depreendemos que a Conceção de Jogo de um Treinador parece constituir-se como algo que influencia o Modelo de Jogo instituído ou criado.

De facto, o Modelo de Jogo poderá já existir, antes de um treinador chegar a um determinado clube, ou pode chegar a esse clube, sendo transportado pelo treinador.

De acordo com LC (Anexo 2), o escalão de Sub-19 do Futebol Clube do Porto, é o único da Formação Juvenil no qual permitem que o treinador possa, através das suas ideias de jogo (Concepção de Jogo), acrescentar alguns aspectos ao Modelo de Jogo instituído. Permitem portanto, que o treinador tenha “(...) *alguma liberdade num ou noutro jogo para jogar em situação de risco (...)*”, até de forma a ter um maior controlo do jogo, mantendo sempre os “*princípios de jogo*” e indo de encontro ao que os jogadores vivenciaram no seu dia-a-dia, no seu crescimento, mas com “*dinâmicas diferentes*”.

De acordo com LC (Anexo 2), em todos os outros “(...) *escalões estão, claramente, definidas as regras de crescimento do jogador (...)*”, tendo os treinadores desses escalões que de seguir essas regras orientadores de forma total.

No escalão de Sub-19 também existe essa regulamentação, contudo, permitem que exista também um acrescento das suas ideias de jogo, por parte do treinador, “(...) *sem haver um grande desvio àquilo que é o modelo de jogo.*”.

No fundo, trata-se de mais uma situação de ruptura, ou de possível readaptação por parte dos jogadores, condições que já vimos serem contempladas, na forma como estruturam o processo de Formação.

Assim, este tipo de posição, por parte do clube, contraria um pouco a ideia encontrada na literatura, na qual Leal e Quinta (2001: 34) referem que “O modelo de jogo consiste na concepção de jogo idealizada pelo treinador, no



que diz respeito a um conjunto de factores necessários para a organização dos processos ofensivos e defensivos da equipa.”. Pensamos que esta (a Concepção de Jogo do Treinador) tem de ser considerada, mas que não se constitui como sendo o único aspecto a considerar aquando da construção de um Modelo de Jogo.

Contraria ainda a posição de Silva (2008), o qual refere que cada treinador concebe e cria o seu modelo, e a perspectiva de Castelo (1996) para o qual a escolha e aplicação no treino e na competição de todo um conjunto de ideias é de exclusiva responsabilidade do treinador, sendo esta consubstanciada essencialmente na sua concepção de jogo.

Neste caso específico, não é, com excepção da Equipa de Sub-19, na qual, como foi referido, o treinador dispõe de maior liberdade para acrescentar ao Modelo de Jogo instituído, as suas ideias de jogo.

Está, no entanto, de acordo com a opinião de Guilherme Oliveira (2004) para o qual o Modelo de Jogo tem de considerar vários aspectos centrais, sendo que um deles é, sem dúvida, a concepção que o treinador tem de jogo ou seja com as suas ideias de jogo, não se restringindo, no entanto, a estas apenas.

Aqui acrescentaríamos então, aspectos como a cultura do clube e os princípios regulamentares e estruturais que o possam caracterizar, como aspectos que também podem ser estruturantes do Modelo de Jogo.

MC2.5 – Jogador como sujeito activo no processo de Modelação

De acordo com Castelo (1996), é necessário que cada jogador, para além de tomar consciência da superfície de jogo onde vai actuar assim como dos seus limites e virtudes, tome consciência também das suas funções específicas de base no modelo de jogo da equipa e ainda das funções dos seus companheiros, subordinando os interesses pessoais em função dos colectivos. Isto adoptando sempre uma atitude de intervenção activa.



Ora, esta opinião é corroborada por LC (Anexo 2), já que este entende o Modelo de Jogo como sendo uma criação do treinador/clube que é recriada pelos jogadores. Para o autor o “(...) *jogador deve, claramente, ser a entidade que transporta esse pensamento em campo, daquilo que é a cultura do clube, daquilo que é o nosso Modelo de Jogo.*”.

A ideia geral que o autor quer sustentar é que aquando da definição do Modelo de Jogo o jogador não tem um papel activo nessa construção. Existe sim, da parte da Coordenação do clube, preocupação para com essas questões até porque todo este processo só existe porque existem jogadores e porque se pretende que estes possam ter condições para evoluir e chegar à Equipa A do clube. Contudo, aquando da definição do Modelo de Jogo, esta, como refere LC (Anexo 2) “(...) *feita sem base, sem termos em conta aquilo que nos servia, que são os jogadores.*”. No entanto, são eles que operacionalizam “(...) *tudo aquilo que está pensado, escrito em documento, tendo em conta todos aqueles factores que nós falamos até agora e que levaram a formar modelo de jogo do FC Porto.*”.

Para o autor, tudo isto porque “(...) *os jogadores não podem condicionar a forma de jogar da equipa.*”. É um facto que eles trazem consigo “*valências*”, daí que a maior preocupação do Futebol Clube do Porto, em termos de estruturação do processo de Formação, seja a “*nível técnico e tático*”.

Dando um exemplo acerca deste aspecto, LC (Anexo 2) refere que: “*O trabalho técnico que nós desenvolvemos quando eles têm os seus seis/sete/oito anos (...), permite-lhes estar muito à vontade e permite-lhes terem ritmos de intensidade no jogo muito bons, porque o trabalho técnico tem como base fundamental a relação com a bola. O jogador e a bola têm uma relação muito forte. (...) Ao ter essa relação obriga o jogador estar em actividade permanente, no treino. (...) O jogar com o pé direito, com o pé esquerdo, com a cabeça, com o tronco, com as coxas, o domínio, o passe de trivela, o passe interior com o direito, com o esquerdo, com o calcanhar, o drible, provoca jogadores intensos. Esses jogadores intensos vão fazer com que as dinâmicas do próprio jogo também o sejam. Portanto, este ganho, com este trabalho, reflecte-se permanentemente nos jogos e não é por acaso que o aumento do*



trabalho técnico influenciou directamente o aumento da intensidade dos jogos do FC Porto, na sua formação.”.

Transportado isto para a relação entre os jogadores e o Modelo de Jogo, esta de facto acontece, uma vez que são eles que o operacionalizam.

Existe no clube uma estruturação efectiva do perfil de jogador que se pretende, para dar resposta a um Modelo de Jogo que entendem ser o mais benéfico para se conseguir preparar jogadores para a Equipa A. Por isso, o jogador influencia, indirectamente a construção do Modelo de Jogo e directamente a sua operacionalização.

Este conjunto de ideias características do Departamento de Futebol Juvenil do Futebol Clube do Porto encontra sustentação na visão de Freitas (2005) para o qual o modelo será tanto mais rico quanto mais possibilitar aos jogadores acrescentar a sua própria criatividade e talento em jogo sem adulterar as premissas deste.

É corroborada também pelas opiniões de Guilherme Oliveira (2008), para o qual há a necessidade dos jogadores se envolverem completamente e estarem comprometidos emocionalmente com o projecto de construção do jogar da equipa, e de Faria (1999) que entende que ao Modelo de Jogo está associado um modelo de jogador.

Concluindo, este deverá ser um sujeito activo, que tenha uma atitude de permanente tentativa de acrescentar algo a este Modelo de Jogo.





C3 – Análise do Jogo de Futebol

MC3.1 – Futebol de Alto Rendimento versus Futebol de Formação

De acordo com Garganta (2001) a Análise do Jogo, entendida a partir do estudo do jogo tendo por base a observação da actividade dos jogadores e das equipas, tem vindo a constituir-se como um aspecto de enorme importância na preparação desportiva, sendo que diversos autores confirmam também esta posição (Pino Ortega, 2000; Contreras & Pino Ortega, 2000; Franks & McGarry, 1996).

Neste âmbito de ideias, os dois entrevistados, João Luís Afonso (JLA) e LC (Anexo 1 e 2, respectivamente), concordam que a Análise do Jogo se constitui como muito importante, quer para o Futebol de Alto Rendimento, quer para o Futebol de Formação. Portanto não são de estranhar as opiniões encontradas na literatura a confirmarem este aspecto, como é o caso de Carling et al. (2005) segundo os quais, actualmente, se um treinador não utiliza a Análise do Jogo como ferramenta para seu auxílio é considerado como negligente pela comunidade futebolística.

JLA (Anexo 1) fundamenta que esta importância está bem patente, no futebol actual, uma vez que esta é uma metodologia adoptada por todas as equipas do mundo, no que respeita ao Futebol de Alto Rendimento, sendo que também entende que mesmo numa “*outra dimensão*” como é o caso da Formação, é importante, num clube como o Futebol Clube do Porto, “*formar a ganhar*”.

Esclarecendo, o autor, refere que: “*(...) apesar de não ser o resultado aquilo que é mais relevante, é extremamente vital ganhar (...) o FC Porto, durante o seu processo de formação tem sempre presente a sua filosofia, os seus valores e os grandes objectivos. Se por um lado queremos formar jogadores com grande capacidade competitiva, de conquista, responsáveis e competentes, por outro, queremos também formar mas a ganhar e, em*



consequência deste grande pressuposto, desta filosofia, muitas vezes a observação dos adversários ajuda-nos a ganhar mais vezes porque nos permite conhecê-los melhor, permite-nos ter uma noção mais aproximada daquilo que vamos encontrar, reduzindo, deste modo, a margem de surpresa.”.

Aqui, o autor restringe-se apenas a aspectos relacionados com a Análise das equipas adversárias, contudo entende também que a Análise da própria equipa se constitui como, tão ou mais, importante que esta última. Senão atentemos ao seu posicionamento a este respeito, quando refere que o estudo da própria equipa é outro aspecto muito importante, uma vez que não crê que haja algum treinador que “(...) *não faça uma análise sistemática ao desempenho e ao nível da sua equipa.*”.

Também LC (Anexo 2) corrobora da mesma opinião que JLA, afirmando que a Análise do Jogo é, actualmente, uma “*arma fortíssima*” e o Futebol Clube do Porto está atento a esse facto tendo salvaguardada a sua posição. Para isso, de acordo com o mesmo, tem até um “*Departamento de imagem e de Análise do Jogo*” que se constitui como um importante complemento para a preparação do clube, face às exigências a que é submetido.

O autor fundamenta a sua opinião dando uma série de exemplos: “*Eu se estiver a ter um discurso com um jogador olha tu, lembras-te daquela jogada aos trinta minutos, em que fechas-te pelo meio? Não devias ter fechado tanto. Devias ter ficado mais no limite da linha do corredor porque isso permitiu que nas tuas costas...*”. *Esqueçam!* O jogador quando lhe estou a dizer “*nas tuas costas...*” já foi...ele já não está a ouvir nada, já não quer saber de nada. Se eu chegar com a imagem parada do jogo e disser “*olha aqui, olha o que tu fizeste...*”, *facílimo*, está tudo ali escrito. Já não sou eu que lhe vou explicar mas ele é que me vai explicar a mim aquilo que está a acontecer e que não devia ter acontecido com ele. É totalmente diferente o médico dizer aquilo que eu tenho ou eu contar ao médico aquilo que eu tenho.”.

Portanto, o que o autor quer realçar é que a imagem se constitui como um importante aliado do treinador quando quer que o jogador entenda algo que aconteceu de errado, ou de correcto também, até porque considera que “(...) *A imagem tem uma força tremenda junto dos jogadores.*”.



Para o mesmo autor (LC, Anexo 2), com recurso a imagens e vídeos, mais facilmente se consegue ter a “(...) *noção exacta daquilo que aconteceu no jogo e porque é que aconteceu, como é que se deve resolver esse problema que aconteceu no jogo e como é que o jogador se deve comportar perante aquilo que aconteceu de errado no jogo num futuro próximo, no próximo jogo, no próximo treino.*”.

A este propósito, JLA (Anexo 1) acrescenta ainda que com este conjunto de informações recolhidas, através da Análise do Jogo, um treinador, ou um clube na sua globalidade, estará bem mais preparado para enfrentar uma qualquer equipa, apesar de considerar também que podem, ainda assim, ser surpreendidos.

Todo este conjunto de indicações encontram sustentação na literatura consultada, e no fundo, a mensagem que se quer fazer transparecer é que a Análise do Jogo, actualmente, é um instrumento utilizado por quase todas (para não dizer todas) as equipas, desde a Formação ao Alto Rendimento e que, por conseguinte, tem uma importância cada vez maior no equilíbrio/desequilíbrio entre duas equipas em competição.

MC3.2 – A análise da própria equipa

Para LC (Anexo 2) a análise da própria equipa é extremamente importante para que se consiga construir, o jogar que se pretende para uma equipa. Por isso, o autor entende que entre Análise do Jogo da própria equipa e o Modelo de Jogo do clube tenha de existir uma relação de conformidade “*total*”.

Para o autor, a “(...) *análise do jogo tem que “bater” com as directrizes do nosso modelo de jogo (...)*” e isso ao acontecer levará, automaticamente, a que exista entre estes dois aspectos uma relação de mútua conformidade.

De forma a confirmar esta relação de inter-dependência funcional LC (Anexo 2) dá o seguinte exemplo: “*Se nós temos um jogo colectivo e se o analisarmos como aconteceu recentemente na Liga Intercalar, em que a nossa equipa era constituída maioritariamente por jogadores de formação, e*



chegamos à conclusão, nessa análise, que transportamos muito o jogo, que individualizamos muito o jogo, claramente, não cumprimos o plano e a regra que determinam e que imanam o nosso modelo de jogo. Portanto alguma coisa esteve errada e temos de corrigir rapidamente.”.

Ou seja, a análise está sempre relacionada com o Modelo de Jogo, e no caso específico do clube, tal aspecto acontece em todas as situações, uma vez que existem objectivos a cumprir em cada jogo e nesse sentido só desta forma se conseguirá avaliar se estes são alcançados.

A evolução necessita de reflexão para acontecer e a Análise do Jogo proporciona isso mesmo.

Este conjunto de opiniões estão perfeitamente de acordo com as encontradas na revisão da literatura senão vejamos alguns exemplos: Carling (2005), para o qual os treinadores concedem mais importância à análise de jogo da sua equipa que à equipa adversária; Castelo (2004) entende que independentemente das características da equipa adversária o treinador concede mais destaque à expressão táctica da sua equipa; Franks et al. (1983), para os quais a avaliação da competição como forma de levar informação para o treino é um dado ao qual devemos dar atenção. Portanto, parece-nos um dado concreto podermos afirmar que a Análise do Jogo poderá ter, efectivamente, importância no processo de Treino.

Assim, considerando a relevância que o Modelo de Jogo tem para a Análise do Jogo, JLA (Anexo 1) entende que esta última será importante actuando como forma de avaliação deste porque, segundo o autor, “*Se não existir essa avaliação permanente e sistemática não pode haver evolução.*”.

O autor fundamenta a sua posição acrescentando que para haver evolução, para se atingirem os objectivos pretendidos, só há um caminho a percorrer que é procurar melhorar o rendimento da equipa. Nesse sentido, para verificar se essa evolução acontece o treinador terá então de recorrer à análise da sua equipa, actuando diariamente quer na dimensão colectiva quer individualmente, para com a equipa e para com o jogador, respectivamente. Ou seja, o que se pretende evidenciar é que através do processo de treino o treinador terá de tentar construir o “jogo” que pretende para a sua equipa e através da análise do



jogo observar se essa construção se revela adequada ou se, por ventura, terá se ser alvo de reconstrução.

De forma a cumprir com este intuito, o entrevistado, JLA, como Coordenador do Departamento de *Scouting* do clube, considera que, sempre que necessário, o departamento actua como auxílio para o cumprimento desses objectivos. Contudo, não actua de uma forma sistemática “(...) obedecendo a um protocolo, ou a critérios previamente definidos.”. No fundo, actuam se houver solicitação por parte do Departamento de Formação Juvenil, mais propriamente, por parte de uma qualquer equipa técnica que o solicite, mas sempre com um papel de complementaridade.

Como nos refere JLA (Anexo 1), o Departamento de *Scouting* tem um “*papel activo*” que embora não sendo um “*papel decisivo*”, se assume como tendo “*um papel complementar*” para com esses aspectos.

Assim, recapitulando, sempre que possível e sempre que solicitado, tentam auxiliar a realização deste tipo de análises às equipas do clube. Para isso, e mesmo não tendo sido esse objectivo do clube aquando dessa decisão, está actualmente a ser implementado no Estádio do Dragão, o Sistema computadorizado, AMISCO, que irá permitir “(...) uma *recolha e análise de dados rigorosos, do nosso jogo*.”. Programa esse que, mais tarde, poderá também ser utilizado, não só pela nossa equipa principal, mas também pelas equipas de formação, desde que para tal estas actuem no Estádio do Dragão.

No fundo, o clube dispõe já de um Departamento multifuncional que auxilia de forma cuidada o Departamento de Formação Juvenil, que é o Departamento de *Scouting*, e está ainda a munir-se de sistemas de ponta a nível mundial, no que respeita a análise de dados computadorizados em tempo real. Estamos, portanto, perante um clube que dá muita importância à Análise do Jogo, como “ferramenta” de uso imprescindível no Futebol actual.

Não obstante, e apesar destes factos, parece ser unânime afirmar que a responsabilidade maior, no que diz respeito à análise da própria equipa é do treinador principal do escalão, como nos refere LC (Anexo 2). É ele quem avalia este conjunto de informações, até porque é o principal responsável pela equipa.



Ora, esta perspectiva encontra sustento nas conclusões de um estudo de Oliveira Silva (2006) no qual o treinador principal é conotado como o elemento chave neste processo, seguido do adjunto, sendo que nenhum dos clubes estudados referiu recorrer ao Departamento de Análise de Jogo para este efeito. Portanto, neste aspecto, contraria o verificado no nosso estudo.

Está também de acordo com uma outra ideia sugerida por Oliveira Silva (2006) que entende dever recorrer-se aos serviços de alguém, que não o treinador principal, até de forma a libertar o treinador para outras tarefas. No caso específico do Futebol Clube do Porto, o Departamento de *Scouting* delega nos observadores, a responsabilidade de realizar este tipo de tarefa.

Continuando, neste âmbito relativo aos benefícios que a análise da própria equipa poderá dar aos intervenientes no processo, de acordo com LC (Anexo 2) seria um desperdício se esta informação recolhida através da análise do jogo da equipa só se constituísse como informação de apoio para o treinador. Para o autor, estas informações servem também como conhecimento de apoio ao Coordenador Técnico da Formação, uma vez que “(...) *essas avaliações são aquelas que vão fazer com que os jogadores subam ou não subam à Equipa A do FC Porto.*”. Ou seja, são essas informações que permitem que se tomem decisões em função de se confirmar ou não se determinado jogador está preparado para integrar a Equipa A. Não se restringindo, contudo, apenas a estes dois âmbitos, funcionam também como conhecimento de apoio para os jogadores também, de acordo com o mesmo.

Neste último caso, para LC (Anexo 2) existem duas formas de actuar, individual e colectivamente conforme a situação. Raparemos na justificação do autor para estes aspectos particulares: “*Se é um problema que influenciou negativamente o colectivo, vamos apresentá-lo de uma forma colectiva. Se achamos que é mais eficaz chamar o jogador, para o seu desenvolvimento, e falar em privado com ele, falamos. Mas isso aí não. Eles têm de estar preparados para tudo. Temos algum cuidado mas não é aquele cuidado extremo, agora mostrar a este jogador que falhou, não. Temos que o responsabilizar muitas vezes à frente do grupo e fazemo-lo. Agora se*



entendermos que não há necessidade disso chamamo-lo em privado fazemo-lo à parte. Agora fazemos é sempre que alguma coisa de errada aconteça.”.

Portanto, no clube actuam em função da especificidade da situação e sempre considerando essas mesmas particularidades referidas.

Uma das formas que o clube tem de realizar essas análises de uma forma mais fidedigna é o recurso ao projecto de análise de imagem, instalado no Centro de Estágio PortoGaia. Este tipo de meios auxiliam e muito uma análise mais concreta e fiável que apenas a observação.

Generalizando, de forma a sustentar mais uma vez a relação com os meios que o clube dispõe, importa realçar o papel importante da análise do jogo para auxiliar não só o Treinador, o Coordenador Técnico, mas também o jogador a desempenharem correctamente as suas funções.

MC3.3 – A análise das equipas adversárias (Scouting) e o processo de Formação

Para Carling (2005) o *scouting* permite traçar um perfil da equipa adversária de forma a conhecer melhor essa mesma equipa e, segundo Lopes (2005), tem uma elevada importância na preparação de equipas de competição.

JLA (Anexo 1) tendo uma opinião parecida com as sugeridas na literatura, tece um conjunto de afirmações: *“Eu não conheço nenhuma equipa que não faça esse estudo aos procedimentos de análise dos adversários (...)”; “(...) a observação do adversário é importante, não nos desviando nunca daquilo que é o principal objectivo que é formar segundo a nossa filosofia, pressupostos, a nossa doutrina.”; “(...) é mais importante a observação da nossa equipa do que a da equipa adversária.”.* Pensamos poder assumir, a este propósito, que estarmos perante um assunto relevante para o futebol actual.

Reparemos no exemplo que o autor nos dá a este respeito, que pese embora não tenha a ver directamente com o Futebol de Formação, poderá constituir-se como uma analogia uma vez, se em vez de termos uma equipa da terceira divisão, quisermos considerar uma equipa do Nacional de Juniores, já



terá tudo a ver: “(...) *ainda temos, digo eu, um outro patamar que são os clubes que competem em outros patamares de rendimento, de outros níveis de competição, como é o caso das terceiras e segundas divisões, nas quais também considero importante designarem um técnico responsável para o mesmo efeito, numa outra dimensão, com outros meios, mas defendendo sempre que numa equipa técnica deverá ter sempre uma pessoa responsável pela análise do adversário. Eu sei que não há recursos mas, geralmente, as equipas técnicas têm dois treinadores adjuntos, porque não um deles ao domingo, em vez de acompanhar a equipa, ir fazer a análise ao jogo do próximo adversário?*”.

O autor acaba com uma pergunta, no entanto, pensamos que responde de forma clara à pergunta, antes. Portanto, a sua posição está bem definida - o autor pensa que será sempre benéfico existir um elemento numa equipa técnica que realize este tipo de tarefa. Normalmente, este elemento ou pertence mesmo à equipa técnica, e neste caso será considerado um adjunto ou um “*observador residente*”, como denominam no clube, ou então é um observador que pode ou não pertencer ao Departamento do *Scouting*, ou pode ser ainda um elemento isolado sem participação na equipa técnica, nem no Departamento de *Scouting*.

Neste sentido, e ainda mais importante que isso, na opinião de JLA (Anexo 1), é rentabilizar ao máximo os recursos que um clube dispõe. Para o autor, isso só se consegue quando “(...) *todos esses meios têm um denominador comum ou trabalham em função de um denominador comum (...)*”. Este denominador comum no fundo é a forma como um determinado treinador quer que se observe uma determinada equipa.

Vejamos o exemplo dado pelo autor: “(...) *os técnicos do departamento de observação têm de observar em função daquilo que lhes é solicitado no âmbito da especificidade de cada treinador. Ou seja, há uma base comum na observação. Há um método que está definido, há processos e procedimentos bem definidos mas, cada treinador quer que determinadas particularidades sejam ou não realçadas. Enquanto o treinador A, por exemplo, quer que no*



relatório se faça uma análise numa determinada direcção o treinador B, já quer numa outra.”.

Portanto, pormenores que possam ser fornecidos a um treinador e que se constituem para este como fundamentais, podem não passar de aspectos irrelevantes e sem qualquer importância, para um outro treinador. Depende muito da forma como eles pensam, dos seus objectivos, e dos métodos que gostam de utilizar. Por isso, tal como refere JLA (Anexo 1) a relação tem de ser o mais próxima e o mais cúmplice possível, sendo que treinador e observador quase terão de ser “*um só*”.

De acordo com o mesmo, o observador tenta prestar um “*serviço de excelência*” indo de encontro com os interesses do treinador que, no fundo, é como que “*o cliente*”. Para o autor tem de existir uma “*enorme cumplicidade*” entre os dois, visto que só assim se conseguirá atingir e extrair a informação considerada relevante para a situação. LC (Anexo 2) corrobora da mesma opinião, acrescentado que treinador e observador têm reuniões mensais e que esse facto comprova importância que este processo tem para eles.

Considerando estes aspectos, JLA (Anexo 1), entende que se possível deveria ser o treinador principal a realizar este tipo de observações, mas que no entanto, isso se afigura como uma tarefa quase impossível. Se este facto se pudesse constituir como exequível restringiria ao mínimo os riscos, uma vez que, ninguém melhor que o treinador principal de uma equipa para saber o que é necessário que se observe, relativamente a uma equipa adversária.

Assim, as soluções que o clube entende serem as mais indicadas para dar respostas a estas questões passam por solicitar que os técnicos da Formação observem jogos para os outros escalões, sendo que a estes acrescentam ainda os técnicos do departamento, ou seja, os observadores do Departamento de *Scouting*.

De forma a confirmar esta ideia, JLA (Anexo 1) entende que “*(...) todos devem remar para o mesmo lado (...) todos temos que estar completamente identificados com o projecto, com os objectivos, com a filosofia, com os métodos e com as funções de cada um...*”. Nesse sentido, acrescenta que “*(...) um treinador dos Sub15 pode ir efectuar uma observação aos Sub14 através*



do departamento de scouting?”. Sendo que, este facto apesar de ser uma questão, comprova o referido pelo autor atrás.

Parece-nos uma decisão bem sustentada e adequada ao contexto desportivo actual. Como razões para sustentar esta posição, o autor aponta, por exemplo, o perfil que o observador deve ter. Ou seja, para o autor a principal função do Departamento de *Scouting* é “(...) *coordenar e tentar uniformizar critérios, princípios, processos e procedimentos (...)*” de forma a possibilitar a obtenção de um objectivo que é proporcionar informação o mais fidedigna possível para que as equipas técnicas preparem melhor os jogos e conheçam as particularidades das equipas adversárias. Para isso no departamento, recorrem aos seus observadores quando entendem serem estes, as pessoas mais indicadas para determinado jogo e a um determinado o treinador da Formação, quando entendem que este revela ter o perfil indicado para um outro contexto, ou jogo diferente.

Este conjunto de ideias, caracterizadoras do processo de observações no Futebol Clube do Porto, encontra sustento na bibliografia já que, segundo Comas (1991), o treinador deverá enviar um observador, sendo este uma pessoa da sua confiança. Também Lopes (2005), no seu estudo, confirma estas posições: sempre que possível, é importante a presença do treinador principal nessa observação; apesar do treinador adjunto ser quem mais vezes realiza a observação da equipa adversária, é cada vez mais comum existir um elemento com essa função específica – o observador/analista. Conclusão corroborada ainda por Oliveira Silva (2006).

Portanto, este conjunto de considerações, decorrem todas em função da necessidade de se preparar, cada vez mais e melhor, uma equipa para a competição. Contudo, qual será o impacto que as observações às equipas adversárias terão no jogo da equipa? E a análise acerca da própria equipa?

Reportando-nos à revisão da literatura, de acordo com Carling (2005), existe um maior número de treinadores a conceder mais importância ao jogo da sua equipa do que ao do adversário que irão jogar, pelo que o *scouting*, na opinião de Garganta (1998), funcionará no sentido explorar os pontos fracos do



adversário, assim como de tentar contrariar os seus pontos mais fortes. Portanto, num sentido de ordem estratégica.

Cunha (1998) partilha da mesma opinião ao referir que os dados observados são, posteriormente, utilizados para a construção de um plano de jogo de forma a procurar atingir a vitória na competição.

A realidade vivenciada no clube reporta isso mesmo. De forma a sustentar este aspecto, para LC (Anexo 2), na Formação, a análise da equipa adversária, funcionará sempre como um acrescento estratégico para o jogo contra uma determinada equipa. JLA (Anexo 1) concorda afirmando que se trata de *“Um complemento porque vai transmitir alguns dados, que poderão ajudar a preparar ainda melhor a equipa para o confronto contra esse adversário.”*.

Na opinião deste autor, quanto mais e melhor conhecermos o adversário menos surpresas teremos possibilidades de ter aquando do confronto contra essa equipa. Contudo, entende que se deve considerar isso sem alterar a identidade da equipa. Ou seja, para o autor, *“Uma equipa que altere a sua identidade em função de cada adversário terá certamente menos possibilidades de êxito.”*. Por conseguinte, considera que este tipo de acção deverá funcionar como *“complemento estratégico”*, mas sem que isso leve a alterar os fundamentos, a identidade da equipa.

A este propósito LC (Anexo 2) acrescenta que nunca se deve perder identidade até porque perdendo-a *“(...) é um passo para se perder o jogo.”*. E perder identidade mais não é que deixar que algum aspecto influencie o Modelo de Jogo instituído.

Na opinião de JLA (Anexo 1) o *“(...) clube tem de ter muito bem definida qual é a sua filosofia, qual é o seu modelo.”*. O autor entende que o modelo é a identidade da equipa e que este deve *“(...) reproduzir de uma forma metódica e sistemática todo um sistema de relações, de tarefas e de comportamentos táctico-técnicos que se exigem aos jogadores, em função das específicas situações de jogo.”*.

Portanto, este Modelo, esta identidade da equipa, não deve ser alterado como consequência das observações realizadas às equipas adversárias, sob pena de sujeitarem a equipa a situações de risco desnecessário. Assim,



segundo o autor, este não acredita que “(...) *haja treinadores que em função da análise de um relatório venham a alterar o seu modelo de jogo.*”.

Na nossa opinião, existem, mas compreendemos o que o autor quer evidenciar. No fundo, pretende deixar patente que estes podem existir, mas que estão errados se o fizerem.

Agora, considerando a opinião do mesmo autor, o modelo é um processo em construção, um processo sempre em desenvolvimento, e o objectivo máximo de um treinador é, dia-a-dia, proceder ao melhoramento deste modelo. Portanto, a observação das equipas adversárias pode e deve constituir-se como um “*auxiliar da preparação*” da estratégia para o confronto que se vai registar contra uma determinada equipa, mas sem nunca “ferir” a identidade caracterizadora e estruturante da equipa.

LC (Anexo 2), de uma forma natural, concorda com o referido por JLA, referindo que quando se realizam observações das equipas adversárias estas fundamentam a sua acção na procura de antecipar o que o adversário poderá trazer como dificuldades e assim poder possibilitar às equipas do clube a possibilidade de estarem melhor preparadas, em campo. No fundo, observa-se para se verificar quais são os pontos mais fortes e os pontos mais débeis da equipa adversária, para depois os explorar.

Por isso, opiniões como a de Lopes (2005), para o qual este tipo de informações acarreta junto de si vantagens, uma vez que os capacitam para o desenvolvimento estratégico-táctico de um jogo, tirando partido das informações recolhidas, permitindo-lhe preparar a equipa de forma a poder estar mais preparados para resolver de uma forma mais eficaz os problemas do jogo e de Garganta (1998) que acrescenta que com o *scouting* teremos mais condições para explorar os pontos fracos do adversário, assim como de tentar contrariar os seus pontos mais fortes, parecem sustentar a posição adoptada pelo clube.

Será, contudo, que existem diferenças na abordagem destes aspectos, considerando contextos diferentes, como são o Futebol de Formação e o Futebol Sénior?



Para JLA (Anexo 1), entre o procedimento existente quando observam um adversário tendo como alvo a Equipa A e quando observam um adversário para um escalão das camadas jovens, existem algumas diferenças.

Especificando, e começando por se reportar à Equipa A, de acordo com JLA (Anexo 1), o procedimento desta época comporta três observações de forma a preparar um *“relatório escrito”*. A primeira observação é realizada por um observador do Departamento de *Scouting*. A segunda observação é realizada por um *“observador residente”*, que faz parte da equipa técnica e que acompanha os treinos e jogos (neste último caso, sempre que possível). E a terceira, e última, é realizada por um dos treinadores adjuntos, geralmente o Rui Barros ou o João Pinto. Depois das três observações, são analisados os três relatórios, e daí resulta apenas um, o *“relatório final”*. Este, por sua vez, fundamentará o trabalho do *“observador residente”*, que elabora uma apresentação, tendo por base o que o treinador principal deseja e é também em função deste que é *“(...) planeado todo o trabalho a desenvolver durante o período de preparação desse jogo.”* Se assim entender o treinador da equipa, evidentemente.

Já em relação à Equipa de Sub-19, segundo o autor o processo tem direcções distintas, pelo menos numa primeira fase. De acordo com JLA (Anexo 1), na Formação, não há o mesmo tipo de rotina, relativamente ao processo de observação, até porque os adversários, numa primeira fase da época, só são analisados quando solicitado pelos treinadores ou pelo Coordenador do Futebol Juvenil do clube.

As justificações para este facto são dadas quer por JLA quer por LC. JLA (Anexo 1) entende que uma das razões prende-se com o facto do clube ter muitas equipas em competição. Uma outra razão, considerada mais importante que esta, diz respeito ao facto de existirem no clube treinadores que dão mais importância a este aspecto que outros. Por isso não existe, segundo o autor, *“(...) uma rotina semanal na observação de adversários.”*

Para LC (Anexo 2), a principal razão reside no facto de quem tiver como preocupação máxima fazer evoluir jogadores, não pode ter como preocupações saber se a outra equipa adversária joga de maneira *“x, y ou z”*. Para o autor



“Há tempo para tudo.”. A este propósito dá um exemplo até: “Vai chegar o tempo em que nós vamos ter essa preocupação, porque nós somos um clube que quer formar a ganhar e quando chegarem as grandes decisões temos de ter em conta alguns factores que as equipas adversárias apresentam. Mas na maioria dos microciclos não podemos ter isso em conta. Temos que chegar aos estádios e impor o nosso modelo de jogo e fazer com que através dele nós saíamos vitoriosos dos jogos que disputamos.”. Continua, justificando, que não é por uma questão de “prepotência” mas sim por uma “questão estratégica”, ou seja, a intenção do mesmo é que os jogadores centrem a sua atenção no “seu jogo” e não no das outras equipas, até porque “(...) eles ainda não estão totalmente formados (...)”, sendo que a principal preocupação do autor é formá-los bem.

Portanto, segundo o mesmo, quando estes já são “(...) portadores e transportadores de todo o nosso modelo e de toda a nossa exigência, aí já podemos acrescentar algo mais.”. E esse mais diz respeito, por exemplo, às informações relativas às equipas adversárias.

Constata-se como uma realidade que, nas fases finais dos campeonatos, já dão mais atenção a estes aspectos, comparativamente com a primeira fase.

JLA (Anexo 1) acrescenta que nas fases finais, estando perto de se atingir o objectivo competitivo final, todos os esforços são direccionados para esse mesmo objectivo, que também é ganhar, traduzindo-se isso, por parte do clube, num “(...) aumento da quantidade de trabalho devido às referidas exigências.”. Assim e sendo o clube um clube “pró-activo” já saberá, mais ou menos, quem serão as equipas que irão disputar a fase final e realizarão, nesse âmbito, um acompanhamento muito mais aprofundado destas.

Daí resulta um tipo de análise muito mais aproximado do que acontece na Equipa A, de acordo com JLA (Anexo 1), que se, segundo LC (Anexo 2), se traduz num “tipo de informação transversal”, que depois é tratado pelo treinador do escalão, como entender ser mais adequado.

Ainda dentro deste espectro, LC (Anexo 2), afirma que “Quem sabe jogar, sabe jogar sempre.”. Portanto, a equipa adversária jogar de uma ou de outra forma completamente diferente “(...) não criará dar problemas aos jogadores.”.



Contudo, isto não quer dizer que o departamento, de acordo com o mesmo, não tenha esse tipo de preocupações, ainda para mais na Equipa de Sub-19, que é aquela que mais perto dos Seniores está. Porque tem, de facto.

Para o autor a preparação de um jogo comporta múltiplos factores: Modelo de Jogo; classificação das duas equipas em confronto; lesões; fase da época; volume de jogos dessa semana, das antecedentes, ou das próximas semanas; estado anímico dos jogadores e da equipa em geral. Contudo, o “(...) *modelo de jogo está no topo da pirâmide*” sendo que se o autor tivesse de dar uma percentagem dar-lhe-ia cerca de 80% de importância, distribuindo os 20% restantes pelos outros factores, considerando ainda que o Modelo de Jogo “*comporta*” e “*absorve*” todos os outros.

O autor dá uns exemplos que retratam bem a sua posição: *“Eu tinha muito mais em conta a análise de jogo quando estava na Super Liga, no Penafiel, das equipas adversárias, do que hoje enquanto líder do processo de formação. Tinha muito mais lá do que quando treinava a Segunda Divisão B. Teria muito menos preocupação com o adversário se treina-se uma equipa do top nacional do que estando no Penafiel. Mas isso é uma coisa lógica, influencia de formas diferentes não é? Quando há uma lesão num jogador influencia. Agora influencia de forma diferente num plantel vasto e de qualidade do que um plantel reduzido e com menos qualidade. Tudo isto se tem de ter em conta, e com a análise de jogo é igual.”*.

Um outro aspecto que parece distinguir o processo na Equipa Sénior e na Equipa de Sub-19 diz respeito ao facto de nas competições de carácter profissional, por muito que uma equipa seja desorganizada consegue-se, com maior ou menor esforço, observar algum tipo de padrão que caracterize o jogo dessa equipa. Contudo, como nos refere JLA (Anexo 1), considerando equipas de escalões jovens que revelam quase total anarquia funcional e organizacional, “(...) *muitas das vezes é extremamente complexo porque, as equipas adversárias não têm um padrão de jogo definido, não têm rotinas (...)*”. Por isso, torna-se tarefa complicada “*cartografar*” essa equipa, essencialmente, nas primeiras fases dos campeonatos. Ora isso, para o observador, é a pior coisa que lhe pode acontecer, não conseguir identificar um padrão nessa



equipa e então torna-se ainda mais difícil passar esse tipo de informação para “o papel”.

Portanto, na Formação, tal como nos Seniores, importa realizar no mínimo entre duas e três observações, para que exista algum rigor no que será apresentado em forma de relatório, de acordo com JLA (Anexo 1). Para o mesmo autor, “(...) *uma primeira observação, diria eu, que ficamos com uma ideia muito geral da equipa; na segunda, já vamos confirmar algumas sensações que possamos ter e na terceira, digamos que, teremos capacidade para ter certezas em relação daquilo que queremos explicitar.*”.

Estes factos estão parcialmente de acordo com a posição dos autores referenciados na revisão da literatura. Reparemos na opinião de alguns: Lopes (2005) entende que para que se obtenha uma qualidade óptima em termos de observação da equipa adversária tem de se a observar pelo menos quatro vezes. Já Teodorescu (2003) considera que basta observar o adversário entre duas e três vezes. Portanto, a posição do clube está mais de acordo com a posição de Teodorescu (2003), embora no departamento considerem que três observações são o mínimo indispensável, e assim já se aproximam mais da opinião de Lopes.

Ainda uma outra consideração, que parece, neste caso aproximar contexto juvenil do contexto sénior, é nos sugerida por JLA (Anexo 1) quando nos dá conta que “(...) *uma equipa tem muitas vezes desempenhos, atitudes e determinados estados de espírito quando joga em casa que não se manifestando da mesma maneira quando jogam fora.*”. Por isso, este é um dos aspectos que deve ser transmitido ao treinador aquando da elaboração de um relatório, acontecendo quer num contexto como no outro (seniores e camadas jovens).



C4 – Treino

MC4.1 – Formação: Necessidade de se impor o “jogo”

De acordo com LC (Anexo 2), relativamente à Equipa de Sub-19, ou uma outra qualquer do clube, quando se estrutura o Treino, faz-se tendo sempre como objectivo a evolução individual dos jogadores, mas também e resultando desta, uma evolução colectiva do grupo.

Portanto, o autor considera que “(...) *organização, liderança, disponibilidade, solidariedade, companheirismo, sofrimento* (...)” são fundamentais para se conseguir formar uma boa equipa. De acordo com esta lógica de ideias, para o mesmo, se se conseguir que estes aspectos estejam sempre presentes numa equipa, esta consegue, facilmente, chegar a qualquer jogo e impor o seu jogo de uma forma positiva e como consequência lógica deste facto, através do cumprimento do modelo de jogo, da sua organização de jogo, conseguirá ser uma equipa forte e controlar os jogos. Ao fazê-lo conseguirá também fazer promover a equipa, como estrutura colectiva, e os jogadores individualmente, de uma forma natural e adjacente a esta.

Assim, é intenção do clube criar equipas que consigam impor o seu jogo, independentemente das outras jogarem da forma A, B ou C, uma vez que entendem que dessa forma estarão reunidas as condições para os jogadores evoluírem mais rapidamente e de forma mais intensa, promovendo-os.

Assim, de acordo com LC (Anexo 2), e de forma a solidificar a sua opinião, “(...) *o treino tem de ser sempre direccionado para promover desenvolvimento*.”. Mas não um desenvolvimento qualquer, terá de ser um “(...) *desenvolvimento individual que se reflecta numa prestação colectiva*.”. E um “*desenvolvimento colectivo que perspective, depois nessa prestação colectiva, o desenvolvimento individual*.”. Por isso, o Treino no clube contempla aspectos colectivos e aspectos individuais, considerando aquela máxima já referida atrás, que “*não sobem equipas, sobem sim jogadores*”, mas que os



jogadores precisam da equipa para terem as condições necessárias para poder alcançar a Equipa A.

MC4.2 – Relação entre Modelo de Jogo e Análise do Jogo

Na literatura encontramos perspectivas que confirmam a interligação existente entre Modelo de Jogo e Análise do Jogo de Futebol. Para Lucas e Garganta (2002), o processo de treino deverá ter sustentação no Modelo de Jogo e num modelo de jogador resultante deste primeiro. Castelo (2006), acrescenta a este propósito, que treinar sem um referencial ao nível do jogo terá como resultado a impossibilidade de afirmação de uma equipa assim como treinar todos os cenários possíveis se afigura como um erro de avaliação das possibilidades de um jogador.

No Futebol Clube do Porto passa-se o mesmo. Para comprovar isso, LC (Anexo 2) refere que *“O treino está sempre estruturado por forma a trabalharmos de uma forma antecipada tudo aquilo que nos é solicitado em jogo.”*. Portanto, na opinião do autor, não pode nunca um treinador *“(…) prescrever uma actuação da equipa para determinado jogo (…)”* sem antes a ter operacionalizado em situação de treino. Ora, isto tem a ver com o Modelo de Jogo que quer que a equipa evidencie.

No clube todos os aspectos estão estruturados e bem pensados, por isso para o autor, tendo em consideração que a base do trabalho é, e sempre será o Modelo de Jogo, tentam que depois a este sejam acrescentados outros aspectos de forma a poderem precaver todas as situações que possam, de certa forma, impedir que o processo decorra dentro das normas que lhes possam interessar. Ora, um desses acrescentos é dado pela Análise do Jogo, que para o autor, pode *“(…) precaver um pouco daquilo que pode acontecer no jogo (…)”*.

Portanto, existe uma relação positiva entre Treino – Modelo de Jogo – Análise do Jogo da própria equipa. E em relação ao *Scouting* das equipas



adversárias, este “habitará” de forma harmoniosa com o Modelo de Jogo, no processo de Treino?

De acordo com a literatura, para Oliveira Silva (2006) é injustificável que se altere o Modelo de Jogo em função de se jogar contra um qualquer adversário, isto porque segundo Garganta (2003) este é o orientador de todo o processo de ensino-aprendizagem/treino.

Para os mesmos, depois de consolidada e assegurada a coerência do processo de treino tendo em vista o desenvolvimento de uma determinada forma de jogar, alicerçada no Modelo e Concepção de Jogo do treinador, informações relativas à equipa adversária poderão ser oportunas na elaboração e reajuste de exercícios específicos, ao nível da padronização semanal. Assim de acordo com Oliveira Silva (2006), a um Modelo de Jogo deverá corresponder um Modelo de Análise de Jogo.

Também Franks e McGarry (1996) partilham dessa mesma opinião referindo que se tenta a partir das informações retiradas da análise do jogo otimizar o comportamento dos jogadores e da equipa, respectivamente.

De acordo com Castelo (2002), fazem-no através dos exercícios de treino, uma vez que estes são os principais meios do treinador para definir, direccionar e modificar o processo de transformação dos jogadores. Opinião parecida parece ter ainda Guilherme Oliveira (2004), na qual destaca a importância dos exercícios para que os jogadores adquiram os conhecimentos específicos do Modelo de Jogo.

Entendendo os exercícios como os principais meios para o treinador modelar os comportamentos dos seus jogadores (Castelo, 2002; Garganta, 2003) a informação sobre o adversário deve nortear a construção dos exercícios que visem ensinar/exercitar as soluções estratégicas para um jogo (Oliveira Silva, 2006).

Portanto, e generalizando a opinião dos autores referidos acima, o Modelo de Jogo deverá nortear todo o processo de Treino, sendo que a este, e através de exercícios específicos, é possível “acrescentar algo” e esse “algo” poderá ser dado pela análise das equipas adversárias, mas sempre como um complemento estratégico.



Ora, isso é o que se passa no clube. Sustentando esta consideração, LC (Anexo 2) entende que, tanto a concepção de jogo do treinador, a análise do jogo, como ainda o *scouting* da equipa adversária funcionam sempre como apoio do Modelo de Jogo, e assim como um possível acrescento, a este. Para o autor “*são fornecedores*” e o “*cliente*” é sempre o Modelo de Jogo, considerando ainda o “*exercício*” de treino como a única forma par alterar ou rectificar comportamentos.

Portanto, para o autor, o Modelo de Jogo “*(...) determina e determinará sempre o processo (...)*” de Treino, e nada deve afectar este processo. O autor dá um exemplo a este propósito: “*nada pode minimizá-lo, nenhuma influência sequer. Porque o nosso modelo de jogo da formação está pensado para contemplar dos sete aos dezoito anos. Então neste trajecto nada se pode ferir. Foi muito pensado. Nós sabemos o que fazer à terça, à quarta, à quinta, à sexta, ao sábado, o que fazer quando temos três jogos por semana, o que fazer quando temos dois jogos por semana, o que fazer quando jogamos ao sábado, ou quando jogamos ao domingo, o que fazer após o trabalho de quarta-feira, o de terça-feira está relacionado com o jogo e está relacionado com o de quarta-feira, o de quarta-feira está relacionado com o treino de terça e em função daquilo que se vai fazer quinta-feira. Portanto, eu não posso alterar isto só porque vimos um adversário e ele nos diz isto. Não posso alterar só porque analisamos um jogo e detectamos que a equipa fez isto ou aquilo de errado.*”. Pode-se ajustar mas alterar não, de acordo com o autor.

Para o autor, no clube, aspectos estratégicos só terão lugar em determinados treinos, através de exercícios específicos para salientar um ou outro aspecto mais relevante para esse jogo em particular. O autor dá um exemplo de uma situação prática a este propósito: “*Vimos que a equipa adversária bate os cantos ao segundo poste de uma forma muito forte. É aí o grande poderio dela. Temos que promover treinos em que, estrategicamente, vamos guardar um espaço largo de finalização da equipa adversária.*”.

Esta opinião é ainda sustentada por JLA (Anexo 1) que entende que, embora não seja da sua área específica, se assumisse o papel de treinador utilizaria informações respeitantes às equipas adversárias como estruturantes



do processo de treino, como complemento estratégico da preparação. Conclui a sua ideia como um exemplo idêntico ao dado por LC: *“(...) se soubermos por exemplo, no processamento defensivo do adversário, como é o posicionamento do bloco na construção do adversário, as referências defensivas dos laterais o nível de organização e agressividade, com certeza que prepararemos com mais competência a nossa equipa para esse jogo.”*.

Assim, no Treino este complemento estratégico é sempre um acrescento e não interfere em nada com a identidade da equipa, uma vez que é esta identidade, que segundo LC (Anexo 2) prepara a equipa para todos os aspectos particulares e não apenas para aquele que foi observado ser o ponto mais débil da equipa adversária, aproveitando o exemplo lançado acima.

Para o autor, *“(...) preparando só para o particular, depois pode aparecer outro “particular” e esse provocar distúrbios na nossa equipa.”*. No fundo, a confirmar o referido acima.

Todo este conjunto de situações, vivenciadas na Formação do Futebol Clube do Porto têm portanto sustentação naquilo que foi encontrado na revisão da literatura, e confirmam que existe no clube uma relação de simbiose entre Modelo de Jogo, Análise do Jogo da própria equipa e observação das equipas adversárias.





5. Conclusões





5. Conclusões

Depois de tratada a informação recolhida, através das entrevistas e cruzando-a com a revisão da literatura, chegamos às seguintes conclusões:

- De acordo com os entrevistados as dimensões táctica e técnica terão preponderância relativamente às dimensões física e psicológica, na estruturação e regulamentação do processo de Treino do Clube, embora considerem que todas têm importância;
- A dimensão táctica assume-se como a dimensão de referência de todo o processo de treino e a dimensão técnica como a dimensão que permite que se dêem respostas práticas às situações de jogo (entendidas como situações tácticas);
- Na opinião dos entrevistados, na Formação, é extremamente importante que se considere o jogador como uma individualidade, mas uma individualidade que está inserida dentro de uma equipa, e que este só poderá ter sucesso se a equipa funcionar como um todo globalizante, em termos de organização de jogo;
- O Modelo de Jogo assume-se como o aspecto central que baliza o processo de Treino;
- No clube estudado existe um Modelo de Jogo global para todo o Departamento de Formação e depois este subdivide-se em vários, específicos de cada escalão, mas que contemplam normas idênticas entre eles;
- No clube estudado, o escalão de Sub-19 é o único no qual é permitido contemplar aspectos particulares, que se pretende que acrescentem algo ao Modelo de Jogo Adoptado. Esses aspectos referidos poderão ser fornecidos pelas ideias ou Concepção de Jogo do seu Treinador, por jogarem em sistemas de jogo alternativos, pela passagem momentânea dos jogadores pelos treinos da Equipa A, ou pelos jogos da Liga Intercalar;
- A Concepção de Jogo do Treinador apenas é contemplada como estruturante do Modelo de Jogo, e respectiva forma de jogar da equipa, no



escalão de Sub-19, sendo que em todos os restantes escalões esse facto não é permitido, contrariando a maioria das opiniões encontradas na literatura;

- O clube dispõe de um departamento autónomo, Departamento de *Scouting*, que funciona em paralelo com as diversas equipas técnicas, quer da Formação, quer com a Equipa Sénior, no sentido de os apoiar, no que diz respeito a aspectos referentes à Análise do Jogo;
- De acordo com os entrevistados, a Análise do Jogo constitui-se como um importante auxiliar de controlo do processo de treino, quer para o Futebol de Alto Rendimento, quer para o Futebol de Formação;
- A análise do jogo própria equipa, em situação de treino e competição, evidencia-se como fundamental para se avaliar, construir e re-construir o “Jogo” que se pretende para uma equipa;
- Entre Modelo de Jogo e análise do jogo da própria equipa existe uma relação de conformidade e de interdependência funcional;
- O conteúdo das informações retiradas da análise do jogo é utilizado não apenas pelo treinador, como conhecimento de apoio, mas também pelo Coordenador Técnico para realizar as suas avaliações e ainda pelos jogadores, uma vez que a informação é-lhes dada a conhecer, quer de forma individual quer de forma colectiva;
- A análise da própria equipa tem mais importância que a análise das equipas adversárias, no processo de Formação do clube estudado;
- Para os entrevistados, as informações recolhidas acerca das equipas adversárias não devem implicar alterações na forma de jogar da equipa;
- No Departamento de Formação do clube, a análise da equipa adversária, funcionará sempre como um acrescento de índole estratégica para a preparação de um determinado jogo;
- Existem diferenças ao nível da observação e análise das equipas adversárias, relativamente ao Futebol de Formação e ao Futebol Sénior, no clube estudado;
- No clube, nos diversos escalões, procuram que um dos aspectos primordiais a considerar seja a necessidade de impor o seu “jogo”, independentemente da equipa que defrontarem, sendo que quando os jogadores já forem portadores



de todo o manancial de informações e conhecimentos relativos ao Modelo de Jogo da equipa, aí sim aspectos como as informações acerca das equipas adversárias, poderão passar a fazer parte do processo de preparação do confronto contra essa equipa;

- Para os entrevistados, a preparação de um jogo comporta múltiplos factores: Modelo de Jogo; classificação das duas equipas em confronto; lesões; fase da época; volume de jogos dessa semana, das antecedentes, ou das próximas semanas; estado anímico dos jogadores e da equipa em geral. Contudo, o Modelo de Jogo estará sempre no topo da pirâmide em termos de preponderância;
- No Treino, o Modelo de Jogo assume-se como o seu elemento regularizador e estruturante, de acordo com a opinião dos entrevistados;
- No escalão de Sub-19 do clube, existe uma relação entre o Treino, Modelo de Jogo e a análise do jogo da própria equipa;
- A análise da própria equipa, *scouting* das equipas adversárias e a concepção de Jogo do treinador funcionam sempre como apoios, ou como um “acrescento estratégico”, ao Modelo de Jogo, clube estudado;

Portanto, com este estudo poderemos concluir, de uma forma geral, que no clube estudado, o Treino deverá ser estruturado e regulado pelo Modelo de Jogo Adoptado pelo Departamento de Formação Juvenil e que o controlo da aplicação deste poder-se-á auxiliar na Análise de Jogo da própria equipa. Constatamos também que o *Scouting*, entrará neste processo de Treino, como complemento de índole estratégica, nunca fazendo com que esse facto altere a identidade de jogo da equipa.





6. Sugestões para futuros estudos





6. Sugestões para futuros estudos

Este capítulo, na nossa opinião, assume-se como fundamental uma vez que o conhecimento acerca de um determinado assunto, por muito que seja estudado e explorado, nunca se esgota. Portanto, a realização de um trabalho deste género, mais do que responder às inquietações que o legitimaram, suscita ideias e, mais do que isso, dúvidas.

Como não é possível discuti-las em paralelo com o presente trabalho deixamos aqui algumas sugestões para futuros estudos:

- Realizar um estudo de caso numa equipa profissional de futebol e verificar se os resultados encontrados no nosso estudo serão correspondentes;
- Averiguar de que forma a concepção de jogo de um treinador influenciará o modelo de jogo de um clube que contemple como importante que este seja comum a todos os escalões de formação;
- Explorar a relação existente entre a dimensão táctica e a dimensão técnica, na estruturação e fundamentação dos factores de rendimento desportivo;
- Estudar um conjunto de microciclos de uma equipa, profissional ou dos escalões de formação, de forma verificar como é que a informação recolhida através do processo análise das equipas adversárias é depois utilizado em situação de treino;
- Tentar perceber se existem diferenças entre o Futebol Sénior e o Futebol de Formação, no que respeita à forma como se observam quer a própria equipa, quer as equipas adversárias.





7. Referências Bibliográficas





7.Referências Bibliográficas

Araújo, A. (1998). *Congruência entre o modelo de jogo do treinador e o futebol praticado pela equipa: o contra-ataque. Um estudo de caso em futebol de alto rendimento.* Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto – Desporto de Rendimento, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto.

Barbosa, D. (2003). *A importância do Modelo de Jogo na operacionalização de todo o processo de treino em Futebol.* Monografia de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Bardin, L. (2004). *Análise do Conteúdo* (3,ª ed.). Lisboa: edições 70.

Bertrand, Y. & Guillemet, P. (1994). *Organização: uma abordagem sistémica.* Lisboa: Instituto Piaget.

Bauer, G. & Ueberle, H. (1988). *Fútbol.* Barcelona: Martinez Roca.

Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora.

Bompa, T. (1999). *Periodization: Theory and Methodology of Training* (4th Edition). Champaign: Human Kinetics.

Bolt, B. (2000). Using computers for qualitative analysis of movement. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, 71 (3), 15 - 18.

Borrie, A. (2000). Conceptual principles underpinning the design of effective match analysis systems. *Insight*, 4 (1), 55 - 77



Brito, A. (1994). *Observação directa e sistemática do comportamento*. Cruz Quebrada: FMH.

Calligaris, A., Marella, M. & Innocenti, A. (1990). *Il calico al computer. Da Mexico'86 verso Italia'90*. Roma: Società Stampa Sportiva

Capra, F. (1996). *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (9ª Ed.). São Paulo: Editora Cultrix.

Carling, C. (2005). Applying match analysis to improve defending performance. *Insight Live*, 15 November.

Carling, C., Williams, M., & Reilly, T. (2005). *Handbook of Soccer Match Analysis. A systematic approach to improving performance*. London: Routledge.

Carvalho, C. (2000). As coisas duma «Mecânica Silenciada» (mas não silenciosa) ou... A Recuperação no Futebol de Rendimento Superior uma (des)abstracção. Monografia de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Carvalho, C. (2001). No treino de Futebol de rendimento superior. A recuperação é...muitíssimo mais do que “recuperar”. Braga: Edição Liminho, Indústrias gráficas Lda.

Castellano Paulis, J. & Hernández Mendo. (2002). Observation y análisis de la acción de juego en el fútbol. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos* (pp. 15-28). FCDEF-UP.

Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: FMH.

Castelo, J. (1996). *Futebol – A Organização do Jogo*. Edição do Autor.



Castelo, J. (1998). *Metodologia do treino desportivo (2ª Edição)*. Lisboa: FMH Edições.

Castelo, J. (2002). O exercício de treino. O acto médico versus o acto do treinador. *Ludens*, 1 (17), 35 – 54.

Castelo, J. (2006). *Futebol – Conceptualização e organização prática de 1100 exercícios de treino*. Lisboa: Visão e Contextos.

Comas, M. (1991). *Estatísticas y su utilidad: la tecnologia al servicio del baloncesto*. Madrid: Gymnos.

Contreras, M., & Pino Ortega, J. (2000). La observación en los deportes de equipo. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 18. [Em linha] Retirado a 14 de Outubro, 8 de <http://www.efdeportes.com/efd18a/dequipo.htm>

Cruyff, J. (1993). *Mis futbolistas y yo*. Barcelona: Ediciones B.

Cunha, P. (1998). A intervenção do treinador durante o tempo morto. *Treino Desportivo*, 2, 33 – 38.

Cunha e Silva, P. (1999). *O Lugar do Corpo – Elementos para uma Cartografia Fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.

Damásio, A. (2000). *O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência* (15ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América.

Davids, K., Araújo, D. & Shuttleworth, R. (2005). Applications of dynamical systems theory to football. In T. Reilly, J. Cabri & D. Araújo (Eds.), *Science and Football V* (pp. 537-550). London: Routledge.



Faria, R. (1999). *“Periodização Tática”. Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol.* Monografia de Licenciatura apresentada à FCDEF da Universidade do Porto.

Foppe de Haan, F. (1999). The match as seen through the eyes of Foppe de Haan. Preparation, analysis and evaluation. In H. Kormelink; T. Seeverens (Eds.), *Match Analysis and Game Preparation* (pp. 2-15). Pennsylvania: Reedswain Inc.

Frade, V. (1985). *Alta Competição – Que exigências do tipo metodológico?* Comunicação apresentada ao Curso de Actualização – Futebol. ISEF – UP.

Frade, V. (2006). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada I, Opção de Futebol.* Porto: FCDEF-UP.

Franks, I. & McGarry, T. (1996). The science of match analysis. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 363 - 375). London: E & FN Spon.

Franks, I., Goodman, D. & Miller, G. (1983). Analyse de la performance. Qualitative ou quantitative? *Science du Sport*, GY - 1, 1 - 7.

Franks, I., Hodges, N. & McGarry, T. (1998). Observation and instruction: Questions for established coaching practice. In M. Hughes & F. Tavares (Eds.), *IV World Congress of Notational Analysis of Sport* (pp. 15 - 22). Porto: FCDEF-UP.

Freitas, S. (2005). *A especificidade que está na “concentração tática” que está na ESPECIFICIDADE... no que deve ser uma operacionalização da “Periodização Tática”.* Edição do autor.



Gaiteiro, B. (2006). *A ciência oculta do sucesso – Mourinho aos olhos da ciência*. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1996). Modelação da Dimensão Tática do Jogo de Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Ed.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF-UP, pp. 63-82.

Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1998). Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos. Uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. *Horizonte*, vol. XIV (83), 7 – 14.

Garganta, J. (2000). Análisis del juego en el fútbol. El recorrido evolutivo de las concepciones, métodos e instrumentos. *Entrenamiento Deportivo*, XIV (2), 5 – 14.

Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1 (1), 57 – 64.

Garganta, J. (2003). Fútbol: del juego al entrenamiento, del entrenamiento al juego. *Training Fútbol*, 85, 14 – 17.

Garganta, J. (2004). Atrás do Palco, nas Oficinas do Futebol. In Júlio Garganta, José Oliveira e Maurício Murad (Eds.), *Futebol: de muitas cores e*



sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo (pp. 228 – 234). Porto: FCDEF-UP.

Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés ... e cabeça. In Duarte Araújo (Ed.), *O contexto da decisão. A acção táctica no desporto* (pp. 179-190). Lisboa: Visão e Contextos.

Garganta, J. (2008). *New trends of performance analysis in team sports. Bridging the gap between research, training and competition.* Conference presented to the Satellite Symposia of the European College of Sports Sciences: Sport Games Coaching and Performance. Lisboa.

Garganta, J. & Gréhaigne, J. F. (1999). Abordagem sistémica do jogo de Futebol: moda ou necessidade? *Revista Movimento*, 5 (10), 40-50.

Garganta, J.; Marques, A. & Maia, J. (2002). Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos* (pp. 51-66). FCDEF-UP.

Garganta, J. & Pinto, J. (1998). O Ensino do Futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Ed.), *O ensino dos jogos desportivos* (3ª ed.). Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos FCDEF-UP, (pp. 95-135).

Godinho, M., Mendes, R., Melo, F. & Barreiros, J. (2000). *Controlo motor e aprendizagem: trabalhos práticos.* Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - FMH.

Gréhaigne, J. F. (1992). *L'organisation du jeu en football.* Joinville-le-Pont: Actio.



Gréhaigne, J. F. & Godbout, P. (1995). Tactical knowledge in team sport from a constructivist and cognitivist perspective. *Quest*, 47 (4), 490-505.

Gréhaigne, J. F.; Billard, M. & Laroche, J-Y. (1999). *L'enseignement des sports collectifs à l'école: conception, construction et evaluation*. Paris: DeBoeck Université.

Guilherme Oliveira, J. (1991). *“Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-futebol”. Um factor condicionante do alto rendimento desportivo*. Monografia de Licenciatura. FCDEF – UP.

Guilherme Oliveira, J. (2003). Organização do jogo de uma equipa de Futebol. Aspectos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional. In *II Jornadas Técnicas de Futebol + Futsal*. Vila Real: UTAD.

Guilherme Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Guilherme Oliveira, J. (2008). Entrevista. *“O desenvolvimento do Jogar segundo a Periodização Tática”*. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. O treino da técnica elaborado em bases metodológicas. *Treino Desportivo*, 6, 22 – 36.

Hughes, M. & Bartlett, R. (2002). Editorial - Performance analysis. *Journal of Sports Sciences*, 20, 735 – 737.



Hughes, M. & Dawkins, N., David, D. & Mills, J. (1997). The perturbation effect and goal opportunities in soccer. *Journal of Sport Sciences*, 16, 20.

Hughes, M. & Franks, I. (1997). Notational analysis of sport. London: E & FN Spon.

Joyce, J. (2002). News from the Professional footballers association. Match analysis – a simple exercise? *Insight*, 5 (3), 52-54

Júlio, L. & Araújo, D. (2005). Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de futebol. In D. Araújo (Ed), *O contexto da decisão: A acção táctica no desporto* (pp. 179-189). Lisboa: Visão & Contextos.

Júnior, D., Gaspar, A. & Siniscalchi, M. (2002). Análise estatística do desempenho técnico colectivo no basquetebol. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 49. [Em linha] Retirado a 19 de Outubro de 2008, de <http://www.efdeportes.com/efdeportes.com/efd49/estatis.htm>.

Knudson, D. (1997). Using sport science to observe & correct tennis strokes. *Coaches' Infoservice*. [Em linha] Retirado a 25 de Outubro, 2008 de [http://www.coachesinfo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=348:tennis-observedstrokes-article&catid=95:tennis-genera articles&Itemid=173](http://www.coachesinfo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=348:tennis-observedstrokes-article&catid=95:tennis-genera%20articles&Itemid=173)

Lago, C. & Martin, R. (2007). Determinants of possession of the ball in soccer. *Journal of Sport Sciences*, 25 (9), 969-974

Leal, M. & Quinta, R. (2001). O treino no futebol. Uma concepção para Formação. Braga: Edições APPACDM.

Le Moigne, J. (1990). *La Modélisation des systemes complexes*. Paris: Bordas.



Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lopes, R. (2005). *O scouting em Futebol. Importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação do adversário*. Monografia de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Lucas, J. & Garganta, J. (2002). Comparação da percepção do treinador e dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva, em Futebol. Estudo de caso numa equipa de juniores A. In M. A. Janeira & E. Brandão (Eds.), *Estudos 3* (pp. 113 – 121). Porto: FCDEF-UP.

Lucas, J.; Garganta, J. & Fonseca, A. (2002). Comparação da percepção do treinador e dos jogadores, face à prestação táctica em futebol. Estudo de caso numa equipa de Juniores A. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos*: 169-178. FCDEF-UP.

Martins, M. (2000). *O Scouting no Basquetebol no escalão de cadetes*. Monografia de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Meinberg, E. (2002). Training: a special form of teaching. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4 (2), 115 – 123.

Mendes, L. & Janeira, M. (1998). Basketball performance – multivariate study in Portuguese Professional basketball male teams. In M. Hoghes & F. Tavares (Eds.), *IV World Congress of Notational Analysis of Sport* (pp. 103 – 111). Porto: FCDEF-UP.

Miguel Araújo, M. & Garganta, J. (2002). Do modelo de jogo do treinador ao jogo praticado pela equipa. Um estudo sobre o contra-ataque, em futebol de alto rendimento. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos* (pp. 161-168). FCDEF-UP.



Mombaerts, E. (1991). *Football: de l'analyse du jeu à la Formation du Joueur*. Joinville-le-Pont: Auditions Actio.

Moriello, S. (2003). Sistemas complejos, caos y vida artificial. *REDcientífica*. [Em linha] Retirado a 20 de Outubro, 2008, de <http://www.redcientifica.com/doc/doc200303050001.html>

Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo* (4ª Ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Morrison, C. (2000). Why don't you analyze the way I analyze? *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, 71 (1), 22 - 25.

Morris, D. (1981). *A tribo do Futebol*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Mourinho, J. (1999). Entrevista. In «*Periodização Tática*». *Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Monografia de Licenciatura apresentada à FCDEF da Universidade do Porto.

Moutinho, C. (1991). A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos colectivos: o exemplo do voleibol. In J. Bento e A. Marques (eds). *Actas do II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. As ciências do desporto e a prática Desportiva no Espaço de Língua Portuguesa*, 2ª Volume – desporto de rendimento, desporto de recreação e tempos livres, (pp. 265 – 275). Porto: F.C.D.E.F. – U.P.

Neto, J. & Matos, F. (2008). *Futebol – Tecnociência para o sucesso*. Edição dos autores.



Oliveira, J. (1993). A Análise do Jogo em Basquetebol. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *A ciência do desporto, a cultura e o Homem* (pp. 297 - 305). Porto: FCDEF-UP.

Oliveira Silva, P. (2006). *Análise do Jogo em Futebol. Um estudo realizado em clube da Liga Betandwin.com*. Dissertação de Mestrado apresentada à FMH.

Oliveira, J. & Graça, A. (1994). O ensino do Basquetebol. In *O ensino dos Jogos Desportivos*: 63–96. Porto: Centro de estudos dos jogos desportivos (pp.). FCDEF-UP.

Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N. & Barreto, R. (2006). *Mourinho: Porquê Tantas Vitórias?*. Lisboa. Gradiva.

Olsen, E. & Larsen, O. (1997). Use of match analysis by coaches. In T. Reilly, J. Bangsbo & M. Hughes (Eds.), *Science and Football III* (pp. 209 - 219). Cardiff: Spon Press.

Pacheco, R. (2005). *Segredos de Balneário. A palestra dos treinadores de futebol antes dos jogos*. Lisboa: Prime Books

Palut, Y. e Zanone, P. G. (2003). Tennis investigation as a nonlinear complex system. *International Journal of Computer Science in Sport*, 2 (2), 132-134.

Perl, J. (2004). Modelling dynamic systems basic aspects and application to performance analysis. *International Journal of Computer Science in Sport*, 3 (2), 19-28.

Pinto, J. (1991). A caracterização do esforço no futebol e algumas das suas implicações no treino. In Jorge Bento & António Marques (Eds.), *Actas do II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. – As ciências do desporto e a prática do desporto* (pp. 23 – 34). Porto: FCDEF-UP.



Pino Ortega, J. (2000). La observación en los deportes de equipo. *Lecturas Educación Física y Deportes, Revista digital*, 18. [Em linha] Retirado a 16 de Outubro, 2008, de <http://www.efdeportes.com/efd18a/dequipo.htm>

Pino Ortega, J.; Ibáñez Godoy, S. (2002). Desarrollo y aplicación de una metodología observacional para el análisis descriptivo de los medios técnico/tácticos del juego en fútbol. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos* (pp. 103-112). FCDEF-UP.

Pinto, J e Garganta, J. (1996). Contributo da Modelação da Competição e do Treino para a Evolução do Nível de Jogo no Futebol. In *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 83-94). J. Oliveira & F. Tavares (Eds.). CEJD, FCDEF-UP.

Prieto, R. (2001). Nuevas tendencias en el entrenamiento del fútbol. *Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital*, n.º 35. [Em linha] Retirado a 3 de Novembro, 2004, de <http://www.efdeportes.com/efd35/futbol.htm>

Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Rab, J. (1999). Analysis of the '98 World Cup. In H. Kormelink; T. Seeverens (Eds.), *Match Analysis and Game Preparation* (pp. 83-100). Pennsylvania: Reedswain Inc.

Raya Pugnaire, A.; Roales Nieto, J. (2002). Efecto diferencial del tipo de entrenamiento en el aprendizaje de algunos gestos técnicos en la iniciación al fútbol. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos* (pp. 113-120). FCDEF-UP.

Resende, N. (2002). *Periodização táctica. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de Futebol. Um estudo de caso ao microciclo*



padrão do escalão Sénior F.C. Porto 2002. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Ritschard, M. (1983). Tempo de aprendizagem em Futebol. Construção de um instrumento de medida para avaliar o tempo de aprendizagem em observação do treino. *Futebol em revista*, 4.^a série (4), 35 – 39.

Savelsbergh, G. & van der Kamp, J. (2005). A especificidade da prática: o futebol como exemplo (Araújo, D., trad.). In D. Araújo (Ed.). *O Contexto da Decisão: A Acção Táctica no Desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, (pp. 389-395).

Santos, P. (2006). *O Planeamento e Periodização do Treino em Futebol. Um estudo realizado em clubes da Superliga*. Dissertação de Mestrado apresentada à FMH.

Silva, M. (2008). “O desenvolvimento do Jogar segundo a Periodização Táctica”. Edição do autor.

Sousa, P. (2005). *Organização do jogo de Futebol. Proposta de mapeamento de situações tácticas a partir da revisão da literatura e do entendimento de peritos*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Sousa, P.; Garganta, J. & Fonseca, A. (2002). Perfil de prestação do ponta de lança de alto rendimento em futebol. Comparação do comportamento táctico-técnico do jogador com a percepção do treinador. In J. Garganta; A. Suarez & C. Peñas (Eds.), *A Investigação em Futebol. Estudos Ibéricos* (pp.189-200). FCDEF-UP.



Tamarit, X. (2007). *¿Qué es la “Periodización Táctica”? Vivenciar el «juego» para condicionar el Juego.* Pontevedra: MCSports.

Tani, G. (2001). Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In V.J. Barbanti, A. C. Amadio, J. O. Bento & A. T. Marques (Eds), *Esporte e actividade física: interacção entre rendimento e saúde* (pp. 145-162). São Paulo: Manole.

Tavares, J. (2003). *Uma noção fundamental: a Especificidade. O como investigar a ordem das “coisas” do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal.* Monografia de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Tavares, F. (1994). O processamento de informação nos jogos desportivos. In *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 35-46). A. Graça e J. Oliveira (Eds.). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP.

Teodorescu, L. (1984). Problemas de teoria e metodologia dos jogos desportivos. Lisboa: Livros Horizonte.

Vala, J. (1986). In *A análise do conteúdo* (pp. 101-128). Silva, A. S., Pinto, J. M. (Eds.). Porto: Edições Metodológicas das Ciências Sociais. Afrontamento.

Van Lingen, B. (1999). Analysis of the Opposing Team. In H. Kormelink; T. Seeverens (Eds.), *Match Analysis and Game Preparation* (pp. 25-35). Pennsylvania: Reedswain Inc.

Wrzos, J. (1984). La tactique de l’attaque. Broodecoorens: Bräkel

Zerhouni, M. (1980). *Principes de base du football contemporain.* Fleury: Org



8. Anexos





Guião para a Entrevista ao Coordenador do Gabinete de Scouting (FC Porto)

Dr. João Luís Afonso

Análise do Jogo – análise da própria equipa

- ➔ Qual a sua opinião acerca da importância da Análise do Jogo no Futebol de alto rendimento?
- ➔ Essa opinião mantém-se se o contexto for o Futebol de Formação?
- ➔ Enquanto Coordenador do Gabinete de Scouting do Clube, como perspectiva a relação de colaboração que deve existir entre os observadores e os treinadores de um clube? É o que acontece cá no clube?
- ➔ Entendendo as características específicas do Departamento de Formação na sua vertente técnica, considera a Análise do Jogo uma faceta importante no processo de construção do Jogo das equipas dos diversos escalões?
- ➔ Entendendo que o escalão de Juniores (SUB-19) é o último passo antes de se chegar aos Seniores, parece-lhe que aspectos como a análise do jogo da própria equipa e informações relativas às equipas adversárias poderão constituir-se como estruturantes no processo de preparação para a competição?
- ➔ De que meios dispõe o clube para realizar este tipo de análises? Pode especificar referindo-se quer à análise da própria equipa quer à análise das equipas adversárias?
- ➔ É frequente o Gabinete de *Scouting* realizar alguma tarefa referente à análise da própria equipa de SUB-19 do clube?
- ➔ Se sim, como é que esta é realizada em situação de treino? E em situação de jogo?



Scouting – Análise da equipa adversária

- ➔ Entendendo que o escalão de SUB-19 é o último antes dos seniores, e que nos seniores parece ser um dado adquirido que todos os treinadores do futebol profissional utilizam o *Scouting* como forma de preparação da sua equipa, como perspectiva a necessidade de utilização deste na formação?
- ➔ Existe alguma relação entre o Modelo de Jogo existente no clube e a forma como são realizadas as observações das equipas adversárias?
- ➔ Qual a sua opinião acerca do facto das observação das equipas adversárias poderem condicionar o Modelo de Jogo vigente no clube ou a forma como se perspectiva o treino?
- ➔ Qual o procedimento existente no Departamento, referente à realização das observações das equipas adversárias, no que diz respeito desde a fase de definição até à chegada da informação ao treinador da equipa da formação?
- ➔ Com que forma a informação acerca das equipas adversárias chega ao treinador da equipa da formação?
- ➔ Considera essa forma e o tipo de informação transmitida nela a mais adequada para o contexto da formação?
- ➔ Quem realiza as observações às equipas adversárias?
- ➔ Quantos jogos são observados por equipa?
- ➔ Existem preocupações no que diz respeito ao facto de se jogar em casa ou fora contra essa equipa a observar aquando do envio do observador para analisar uma equipa?
- ➔ Considera ser vantajoso os treinadores da formação observarem jogos mesmo sendo estes de escalões competitivos diferentes dos seus?
- ➔ Entende que este tipo de procedimentos está adequado apenas à Formação ou poderá constituir-se como parecido relativamente a uma equipa sénior?



Guião para a Entrevista ao Coordenador do Departamento de Futebol Juvenil (FC Porto)

Mister Luís Castro

Factores de Rendimento

- ➔ Considerando os vários factores/dimensões do rendimento desportivo (tácticos, técnicos, físicos e psicológicos), entende dever existir uma predominância de algum relativamente aos outros? Em caso afirmativo, parece-lhe que essa predominância pode variar ao longo da formação e/ou ao longo da época desportiva?
- ➔ Que importância atribui à dimensão táctica no processo de Formação de jogadores e de equipas de Futebol?

Modelo e Concepção de Jogo

- ➔ No clube existe um Modelo de Jogo comum, desde o escalão de Escolas até aos Seniores, ou existe um Modelo para o Departamento de Formação (e aqui um para cada escalão) e outro para a Equipa Sénior?
- ➔ Que traços culturais do clube determinam o Modelo de Jogo da equipa?
- ➔ Que características específicas (como por exemplo princípios de jogo, metodologia de treino, aspectos de formação de personalidade, entre outras) valorizam no processo de formação instituído a fim deste se aproximar o mais possível da realidade vivida pelos seniores do Clube?
- ➔ Como define e caracteriza o Modelo de Jogo vigente nos Juniores do FCP, ou no Departamento se for o caso? Pode dar exemplos práticos acerca disso?
- ➔ Qual o papel deste Modelo de Jogo referido na construção do Jogo que pretende para equipa de Sub-19 do clube?
- ➔ Quais as principais preocupações que tem, enquanto Coordenador, relativamente à forma de jogar da equipa de SUB-19?



- ➔ Como perspectiva o facto dos treinadores poderem terem uma determinada concepção de jogo que não seja congruente com o Modelo de Jogo do clube?
- ➔ Que tipo de adaptações terá de acontecer num caso específico desses?
- ➔ Podemos afirmar que o Modelo de Jogo é uma criação do treinador/clube que é recriada pelos jogadores?
- ➔ Qual será então o papel dos jogadores relativamente à construção e operacionalização do Modelo de Jogo do clube?

Análise do Jogo

- ➔ Enquanto Coordenador de um Departamento de Formação, considera a Análise do Jogo um meio importante no processo de Formação em Futebol?
- ➔ Qual a relação entre a Análise do Jogo da própria equipa e o Modelo de Jogo Adoptado pelo clube?
- ➔ Considera a Análise do Jogo um aspecto importante no processo de construção da forma de jogar de uma equipa?
- ➔ Quais as implicações que esta tem (ou pode ter) no processo de treino?
- ➔ No que diz respeito à análise da própria equipa, como, quando e por quem é realizada no Escalão de SUB-19, em situação de treino? E em situação de jogo?
- ➔ Entende que este tipo de informação deve funcionar apenas como conhecimento de apoio para o treinador ou deve ser dada a conhecer aos jogadores?
- ➔ No caso de ser dada a conhecer aos jogadores, de que forma esta deverá acontecer?
- ➔ Considera o exercício de treino como um meio para poder explicar e corrigir aquilo que poderá ter constatado estar menos bem através da análise da sua equipa?



Scouting – Análise da equipa adversária

- ➔ Entendendo as características específicas do Departamento de Formação na sua vertente técnica, considera o *Scouting* uma faceta importante no processo de construção do Jogo das equipas dos diversos escalões?
- ➔ Tendo o clube um Departamento específico nesta área, qual a relação que entende dever existir entre um treinador da formação e os observadores?
- ➔ No Departamento realizam observações das equipas adversárias? Qual o intuito destas observações?
- ➔ Qual a relação entre o *Scouting* das equipas adversárias e o Modelo de Jogo do Clube?
- ➔ Entende que a informação recolhida terá importância na forma como se estrutura, prepara e aplica o treino? De que modo?
- ➔ Considera a forma e o tipo de informação transmitida nela mais adequada para o contexto da formação?
- ➔ De que forma a observação das equipas adversárias poderá condicionar o Modelo de Jogo vigente no clube?

Treino – Operacionalização

- ➔ Sabendo-se que estamos perante um clube de top nacional e internacional, considera importante que no processo de treino a primeira preocupação seja a construção e aplicação de um tipo de organização de jogo ao qual todas as equipas adversárias tenham de se submeter?
- ➔ Qual a sua perspectiva acerca do Treino em termos de estruturação, objectivos e relação com a competição?
- ➔ Tendo em consideração a situação do clube no respeito a objectivos, intenções, metas a alcançar, normas orientadoras, como perspectiva o treino para a equipa de juniores?
- ➔ Tendo em consideração quatro aspectos (Modelo de Jogo, a sua Concepção de Jogo, Análise de Jogo e *Scouting*), perspectiva o treino integrando todos estes aspectos ou dá predominância a apenas alguns? Se sim quais e porquê?



- ➔ Poderão estes aspectos estar relacionados com determinados momentos da época ou são importantes em todos os microciclos?
- ➔ Como perspectiva um microciclo-padrão semanal, tendo em consideração aqueles aspectos? Pode especificar, dando exemplos?



Anexo 1

Entrevista realizada ao Dr. João Luís Afonso

(Coordenador do Departamento de *Scouting* do Futebol Clube do Porto)

Estádio do Dragão, 29 de Outubro de 2008

Pedro Ribeiro: Qual a sua opinião há cerca da importância da Análise do Jogo no Futebol de Alto Rendimento?

João Luís Afonso: Eu julgo que a importância é alta, é elevada, visto que é uma metodologia adoptada por todas as equipas do mundo. Eu não conheço nenhuma equipa que não faça esse estudo aos procedimentos de análise dos adversários, na medida que também entendo que é um importante complemento no processo de treino. Pelo menos é um complemento importante ao nosso microciclo de treino.

Pedro Ribeiro: Isto tratando-se do Futebol em termos de Alto Rendimento. Se nos reportarmos ao Futebol de Formação mantém essa opinião?

João Luís Afonso: Mantenho. Mantenho porque numa outra dimensão, com uma outra importância, apesar de não ser o resultado aquilo que é mais relevante, é extremamente vital ganhar. Formar a ganhar! O FC Porto, durante o seu processo de formação tem sempre presente a sua filosofia, os seus valores e os grandes objectivos. Se por um lado queremos formar jogadores com grande capacidade competitiva, de conquista, responsáveis e competentes, por outro, queremos também formar mas a ganhar e, em consequência deste grande pressuposto, desta filosofia, muitas vezes a observação dos adversários ajuda-nos a ganhar mais vezes porque nos permite conhecê-los melhor, permite-nos ter uma noção mais aproximada daquilo que vamos encontrar, reduzindo, deste modo, a margem de surpresa. Depois se ganhamos os jogos ou não, isso já é outro aspecto, porque muitas vezes não somos surpreendidos com uma determinada estratégia, mas sim, com as contingências próprias do jogo. Estamos assim melhor preparados para



sabermos, em princípio, aquilo que vamos encontrar e enfrentar. Nessa perspectiva, a observação do adversário é importante, não nos desviando nunca daquilo que é o principal objectivo que é formar segundo a nossa filosofia, pressupostos, a nossa doutrina.

No entanto, ainda temos, digo eu, um outro patamar que são os clubes que competem em outros patamares de rendimento, de outros níveis de competição, como é o caso das terceiras e segundas divisões, nas quais também considero importante designarem um técnico responsável para o mesmo efeito, numa outra dimensão, com outros meios, mas defendendo sempre que numa equipa técnica deverá ter sempre uma pessoa responsável pela análise do adversário. Eu sei que não há recursos mas, geralmente, as equipas técnicas têm dois treinadores adjuntos, porque não um deles ao domingo, em vez de acompanhar a equipa, ir fazer a análise ao jogo do próximo adversário?

Pedro Ribeiro: Esteve até agora a reportar-se à análise das equipas adversárias. Em relação à Análise do Jogo da própria equipa que perspectiva tem desse aspecto em relação ao Futebol de Formação, neste caso?

João Luís Afonso: O estudo da própria equipa é outro aspecto muito importante, diria eu, porque não acredito que haja algum treinador que não faça uma análise sistemática ao desempenho e ao nível da sua equipa. Se não existir essa avaliação permanente e sistemática não pode haver evolução porque, com certeza, para atingir os objectivos definidos, só se dia-a-dia formos melhorando o desempenho e o rendimento da equipa e assim sendo, teremos de fazer a análise, diria eu, diariamente quer na dimensão colectiva quer individualmente, quer ao jogador quer, no fundo, ao resultado final que é a dinâmica e o desempenho que conseguimos que esses jogadores produzam durante o treino e o jogo. Se queremos melhorar o nosso jogar, temos que o fazer durante o nosso processo de treino, construindo uma organização mais eficiente e eficaz, em função do futuro que pretendemos atingir. Portanto, não sei se consegui responder à sua pergunta mas, se calhar, não a fazemos da



mesma maneira que efectuamos a análise a uma equipa adversária, não é? De qualquer maneira, é mais importante a observação da nossa equipa do que a da equipa adversária.

Pedro Ribeiro: Pelo que disse entendo que existe um processo de acompanhamento das equipas adversárias que jogam contra qualquer escalão clube e que existe um tipo de análise à própria equipa do clube. Nesse tipo de análise é frequente o departamento de *scouting* ter um papel activo ou isso diz respeito ao treinador?

João Luís Afonso: Tem um papel activo. Embora não sendo um papel decisivo, tem um papel complementar. Ou seja, nós, sistematicamente, efectuamos reuniões com as diversas equipas técnicas, com os elementos que constituem as equipas técnicas, nas quais são discutidos variadíssimos assuntos. Muitas das vezes, se houver essa solicitação, a análise das nossas equipas é feita mas, não de uma forma, digamos, sistematizada, obedecendo a um protocolo, ou a critérios previamente definidos. Outra coisa é, recorrermos a sistemas e a meios específicos de observação e análise das nossas equipas, como é por exemplo, o programa AMISCO, que neste momento já estamos a implementar e a desenvolver, e que nos vai permitir uma recolha e análise de dados rigorosos, do nosso jogo. Mais tarde poderá ser utilizado não só pela nossa equipa principal mas também pelas equipas de formação, com certeza.

Pedro Ribeiro: É essa a intenção então do Clube, do Departamento em particular?

João Luís Afonso: Do clube em particular, não é do departamento. Isto é um investimento não do departamento mas do clube que, com certeza, nos vai transmitir uma ou outra informação mais, digamos, rigorosa, fidedigna e que seria impossível de conseguir que não através desta tecnologia. Não sei se já ouviu falar das possibilidades que estes meios que nos oferecem.



Pedro Ribeiro: Esse tipo de análise poderá ser realizada em treino? E em jogo?

João Luís Afonso: Quando e como quisermos, desde que o treino ou o jogo seja no Estádio do Dragão.

Pedro Ribeiro: Enquanto Coordenador do Departamento de *Scouting* do clube como perspectiva a colaboração que deve existir entre observadores e treinadores do clube?

João Luís Afonso: Já abordamos este tema na sua questão anterior. Os recursos que um clube dispõe têm que ser rentabilizados ao máximo e, na maior parte das vezes, só se consegue quando, digamos, todos esses meios têm um denominador comum ou trabalham em função de um denominador comum e assim sendo, os técnicos do departamento de observação têm de observar em função daquilo que lhes é solicitado no âmbito da especificidade de cada treinador. Ou seja, há uma base comum na observação. Há um método que está definido, há processos e procedimentos bem definidos mas, cada treinador quer que determinadas particularidades sejam ou não realçadas. Enquanto o treinador A, por exemplo, quer que no relatório se faça uma análise numa determinada direcção o treinador B já quer numa outra. Os pormenores que são fornecidos a um já não têm interesse para o outro e, nesse sentido, temos que os conhecer, temos que identificar muito bem os objectivos e os métodos que cada um gosta de utilizar e tentar prestar um serviço de excelência, porque nós no fundo prestamos um serviço, que procura ir ao encontro dos interesses, neste caso, do cliente que é o treinador. E só conseguimos isso depois de percebermos, no fundo, de compreendermos estas particularidades. Só conseguimos isso depois de muita discussão, de muita análise e de muitos feedback's.

Pedro Ribeiro: Que tipo de relação deve existir entre treinador e observador?



João Luís Afonso: A relação tem de ser o mais próximo e o mais cúmplice possível, quase que têm de ser um só. O ideal seria que a observação fosse sempre efectuada pelo treinador principal mas como isso nem sempre é possível, tem que ser realizada por um observador que se não estiver minimamente identificado com o processo de treino, como é que ele, treinador, gosta que se veja e se interprete o jogo e, como é que ele prepara a equipa, enfim, como é que ele vê o adversário, dificilmente conseguiremos ir ao encontro das suas pretensões. Tem de haver uma grande cumplicidade entre a equipa técnica e o observador. Na maior parte das vezes o observador...só aqui um aparte...não só trabalham para o departamento de *scouting* os técnicos que estão, digamos, destacados aqui no departamento mas também os treinadores das diferentes equipas. Um treinador dos Sub15 pode ir efectuar uma observação aos Sub14 através do departamento de *scouting*, percebe? Resumindo, temos de fazer tudo para melhorar os processos de treino e a qualidade da nossa formação de modo a conseguimos vencer todos os jogos e preparar jogadores para a nossa principal equipa, a “A”. Só o conseguimos com uma grande convivência entre todos. Todos temos que remar para o mesmo lado. Todos temos que estar completamente identificados com o projecto, com os objectivos, com a filosofia, com os métodos e com as funções de cada um....

Pedro Ribeiro: Considera vantajoso que os treinadores de formação observem jogos para outros escalões que não o seu tendo em consideração que de facto se pudessem observar para si a situação seria a ideal?

João Luís Afonso: A principal função deste departamento é coordenar e tentar uniformizar critérios, princípios, processos e procedimentos. O resultado final das observações será sempre a elaboração de um ou de um conjunto de relatórios que têm um grande objectivo, um grande fim, proporcionar informação o mais fidedigna possível para que as equipas técnicas preparem melhor os jogos e conheçam as particularidades das equipas adversárias. E como meios, muitas vezes, são utilizando técnicos que nós achamos que têm



perfil indicado para analisar esse escalão, essa equipa, esse jogo, esse jogador. Tudo do mais complexo para o mais simples.

Pedro Ribeiro: Considera então que a Análise de Jogo poderá constituir-se como uma faceta importante na construção do Jogo que o treinador pretende para a sua equipa?

João Luís Afonso: Um complemento importante, digo eu. Um complemento porque vai transmitir alguns dados, que poderão ajudar a preparar ainda melhor a equipa para o confronto contra esse adversário. Um complemento sim, muito importante, também! Mas para lhe responder melhor a essa questão deveria colocá-la aos próprios treinadores. Na minha perspectiva, é um complemento importante como já referi anteriormente. Quanto mais e melhor nós conseguirmos conhecer os nossos adversários, menos surpresas iremos ter.

Pedro Ribeiro: No fundo constituem-se como um conjunto de informações que poderão ser estruturantes do próprio processo de treino...

João Luís Afonso: Sim, não me compete a mim dizer isso, mas assumindo um papel de treinador, pensaria assim. Que serão importantes na preparação da estratégia para um jogo. Não são estruturantes no processo de formação dos jogadores. Isso julgo estar bem definido. Agora, como preparação da estratégia específica para um determinado jogo, pode ser muito importante! Repare, se soubermos por exemplo, no processamento defensivo do adversário, como é o posicionamento do bloco na construção do adversário, as referências defensivas dos laterais o nível de organização e agressividade, com certeza que prepararemos com mais competência a nossa equipa para esse jogo.



Pedro Ribeiro: Entende que o facto de se realizarem estas análises às equipas adversárias poderá levar a que estas alterem o modelo de jogo adoptado?

João Luís Afonso: Não, penso que não. O modelo, a identidade de uma equipa, não pode estar condicionada em função das observações que são consumadas, digamos, quase semanalmente. O clube tem de ter muito bem definida qual é a sua filosofia, qual é o seu modelo. O modelo é a identidade da equipa, que deve reproduzir de uma forma metódica e sistemática todo um sistema de relações, de tarefas e de comportamentos táctico-técnicos que se exigem aos jogadores, em função das específicas situações de jogo. Não acredito que haja treinadores que em função da análise de um relatório venham a alterar o seu modelo de jogo. Agora o modelo, na minha opinião, é um processo sempre em desenvolvimento, em construção e o objectivo é treino-após-treino melhorarmos globalmente todo essa complexa identidade. A observação serve, no fundo, como auxiliar da preparação da estratégia para o confronto que vamos ter ou para efectuarmos importantes correcções nos nossos processos e métodos.

Pedro Ribeiro: É portanto um possível acréscimo estratégico, que pode até estruturar parte do treino, mas não da forma a intervir com a identidade do clube?

João Luís Afonso: Uma equipa que altere a sua identidade em função de cada adversário terá certamente menos possibilidades de êxito. Efectuar determinadas adaptações em função da estratégia que queremos implementar num jogo, como refere “acréscimo estratégico”, isso sim, decididamente!

Pedro Ribeiro: Qual o procedimento existente no Departamento, referente à análise das equipas adversárias, no que diz respeito desde a fase de definição à fase de fazer chegar a informação ao treinador?



João Luís Afonso: Vamos falar então da equipa principal, penso que é o melhor exemplo. A equipa principal esta época utiliza um método em que se observa três vezes um adversário. Efectua três observações antes de defrontar essa mesma equipa. A própria equipa técnica tem um observador *residente*, que acompanha o processo de treino e todos os jogos. A primeira observação ao adversário é sempre feita pelos técnicos do departamento de *scouting*. A segunda observação é realizada pelo observador *residente* e a terceira é efectuada por um dos adjuntos, geralmente o Rui Barros ou o João Pinto. Depois da análise e estudo dos relatórios, para além de uma apresentação preparada pelo técnico *residente*, com um conjunto de particularidades e especificidades que vão ao encontro daquilo que o Professor Jesualdo Ferreira pretende transmitir aos jogadores, é planeado todo o trabalho a desenvolver durante o período de preparação desse jogo.

Pedro Ribeiro: Portanto, a informação que o Departamento recolhe de uma equipa adversária diz respeito a uma primeira análise a essa equipa?

João Luís Afonso: Sim...

Pedro Ribeiro: Com que forma essa informação chega depois à equipa técnica?

João Luís Afonso: Em forma de relatório escrito. Por vezes há solicitações muito específicas para determinados jogos mas, geralmente, a observação traduz-se na elaboração de um relatório que depois é entregue à equipa técnica. É a primeira base de trabalho.

Pedro Ribeiro: Reportando-nos à Formação, mais especificamente relativamente à equipa dos Juniores (Sub-19) o processo é parecido? Tem direcções diferentes?



João Luís Afonso: Tem. Na formação não há a mesma rotina no processo de observação. Nós só analisamos adversários quando nos é solicitado pelos treinadores... Para começar, temos muitas equipas em competição e, consequentemente, muitos adversários para numa só semana analisar. Depois há treinadores que dão mais importância a esse processo que outros. E assim, em função das solicitações que antecipadamente são feitas, partimos para a observação. Portanto, não existe uma rotina semanal na observação de adversários. Geralmente, nas fases finais, estando perto de atingir o objectivo final, todos os esforços são direccionados para tal, traduzindo-se, da nossa parte, num aumento da quantidade de trabalho devido às referidas exigências.

Pedro Ribeiro: Continuando na Formação. Numa situação de pedido de um treinador ao departamento, quantos jogos são observados no clube, para uma correcta análise de uma equipa?

João Luís Afonso: Eu diria que para uma análise aproximada, para que consigamos traduzir em relatório uma ideia fidedigna de um adversário, julgo que três observações são suficientes. Para podermos conhecer e para podermos dar a informação com rigor duas/três observações, porque com apenas uma é sempre difícil, só através de uma observação directa, sem o apoio de meios audiovisuais, elaboramos um relatório com qualidade. Se não temos depois o apoio de meios audiovisuais, se não temos o jogo gravado, é muito arriscado estarmos a produzir um relatório porque, de certeza absoluta, há determinados pormenores que não conseguimos, naquele momento, naqueles segundos, captar. Por isso, numa primeira observação, diria eu, que ficamos com uma ideia muito geral da equipa; na segunda, já vamos confirmar algumas sensações que possamos ter; e na terceira, digamos que, teremos capacidade para ter certezas em relação daquilo que queremos explicitar. Muitas das vezes é extremamente complexo porque, as equipas adversárias não têm um padrão de jogo definido, não têm rotinas, diria eu, com todo o respeito, que temos muita dificuldade em o cartografar, essencialmente nestas primeiras fases dos campeonatos, porque os níveis de “*anarquia*” são



elevados. Não conseguimos identificar regularidades no comportamento da equipa e dos jogadores. É difícil descortinar movimentos e relações que se estabeleçam em função de uma determinada fase ou momento do jogo, quer ao nível das acções individuais, quer ao nível das acções colectivas. Para o observador isso é a pior coisa que lhe pode acontecer. Não conseguir identificar um padrão. Em termos de organização ofensiva, defensiva, transições e, inclusive, de bolas paradas. Na maior parte das vezes as nossas equipas encontram adversários que funcionam um bocadinho por reacção, por inspiração. Numa bola parada dispõem-se quase que aleatoriamente dando a ideia que não abordam esses conteúdos durante as sessões semanais de treino. Nessas alturas é muito difícil transmitir isso para o papel e tentar ir ao encontro do que o treinador nos pede. Só temos que reportar o que vemos... muita inspiração...

Pedro Ribeiro: Portanto considera que entre duas a três observações é o mínimo indispensável...

João Luís Afonso: Digo eu que é o mínimo para termos algum rigor naquilo que vamos reportar.

Pedro Ribeiro: Transportando isso para a Formação, já entendi que só acontece quando há, no fundo, um pedido do treinador do escalão. Referiu também que nas fases finais dos campeonatos isso acontece com grande frequência no clube. Nesses casos será apenas uma observação, são duas, são três que procuram realizar?

João Luís Afonso: Não, não! Nós temos de ser pró-activos e se estamos aqui a dizer que duas/três observações são o mínimo para conseguirmos transmitir uma ideia o mais aproximada da realidade temos que...geralmente não é difícil perceber quem são as equipas que vão às fases finais e, nessa altura, já temos um conhecimento bastante concreto dos nossos adversários. Já foram observados diversas vezes e inclusive, através dos nossos treinadores. Já



conhecem, digamos, com grande rigor os adversários. Por isso, não será uma só observação mas sim três, quatro, cinco...

Pedro Ribeiro: Um acompanhamento quase que anual...

João Luís Afonso: Um acompanhamento quase ao nível da equipa principal, na fase final.

Pedro Ribeiro: Especificando um pouco, no que respeita a estas análises, o facto do confronto com a equipa acontecer em casa ou fora, este tem influência no aspecto onde e como se realiza a observação.

João Luís Afonso: Claro. Já houve uma altura em que fazíamos quatro observações. Observávamos duas vezes a equipa a jogar em casa e víamos duas vezes a equipa a jogar fora. É claro que há alterações a vários níveis, no comportamento das equipas, na forma com reagem aos factores extrínsecos, pormenores que podem ajudar a decidir um jogo. Ou seja, uma equipa tem muitas vezes desempenhos, atitudes e determinados estados de espírito quando joga em casa que não se manifestando da mesma maneira quando jogam fora. Acho importante que se transmitam essas sensações ao treinador para ele ter uma noção daquilo que vai encontrar quando joga em casa e quando joga fora. Portanto é importante, claro que é!

Pedro Ribeiro: Muito obrigado pela atenção, e continuação de bom trabalho.

João Luís Afonso: Obrigado.





Anexo 2

Entrevista realizada ao Mister Luís Castro

(Coordenador do Departamento de Formação Juvenil do Futebol Clube do Porto)

Centro de Estágio PortoGaia, 31 de Outubro de 2008

Pedro Ribeiro: Considerando os vários factores/dimensões do rendimento desportivo (tácticos, técnicos, físicos e psicológicos) entende dever existir uma predominância de algum destes relativamente aos outros?

Luís Castro: Claramente um jogador que não tenha capacidade técnica e táctica evoluída não pode dar resposta da melhor forma a tudo aquilo que o jogo solicita. Penso que estas duas estarão no topo. Poderemos colocar depois as outras como extremamente importantes mas já mesmo na minha carreira sentia que, em períodos difíceis em que eu não me encontrava tão bem mentalmente e mesmo fisicamente, eu e colegas meus, dotados de alguma capacidade técnica e inteligência de jogo que nos permitisse tacticamente ter comportamentos correctos dentro do campo, conseguíamos apagar, de certa forma, algum défice que pudesse existir dos outros factores, das outras dimensões, quer a psicológica quer a física. Portanto entendo, claramente, que a dimensão técnico-táctica será sempre predominante, embora ache que todas elas, enquanto treinadores, devemos ter um cuidado absoluto sobre elas porque elas determinam o rendimento dos jogadores no dia-a-dia.

Pedro Ribeiro: Entende portanto que existe uma predominância dessas duas dimensões (a técnica e a táctica). Mas considera, e voltando às quatro dimensões do rendimento, que a predominância delas poderá variar ao longo do processo de formação do atleta e por exemplo ao longo da época desportiva?



Luís Castro: Predominância...eu acho que nós nunca iremos, em detrimento de aspectos técnico-táticos, colocar as outras e sobrepor as outras dimensões acima destas. Temos claramente muitos cuidados com a recuperação dos jogadores, com a preocupação de um jogo, com o pós-jogo, como pré-jogo e com tudo isso. Aspectos físicos e psicológicos são pormenores tidos em conta, claramente. Temos em conta o bom momento (ou não) mental de um jogador perante um jogo mas na dúvida, quando um jogador se nos apresenta técnica e tacticamente evoluído mas com um ou outro défice mental e psicológico, em determinado momento, e um outro jogador que tacticamente não consiga dar resposta tão positiva e tecnicamente não seja evoluído, mesmo que mentalmente esteja bem, o outro continua a ganhar. Só para lhe dar uma imagem da importância que tem realmente o nosso dia-a-dia, as dimensões de rendimento. Agora, temos em conta todas elas e muitas vezes, ou sempre, elas são trabalhadas na sua globalidade. Não as separamos. Não vou agora ter preocupação com esta e não ter com aquela. Não. Vemos o jogador como um todo. Vemos a nossa equipa também de uma forma globalizante, em termos de dimensões de rendimento. Agora, penso que sim. Já o pensava e sempre reflecti muito sobre as dimensões de rendimento. Acho que no processo de formação o aspecto técnico-tático tem que ser salvaguardado permanentemente pelos treinadores, porque se nós podemos dar, em determinado momento uma maior valência a nível mental ou físico a um jogador aos dezoito, aos dezassete, aos dezasseis anos, de forma a prepará-lo para desenvolver um jogo com maior qualidade, já em termos técnicos e táticos se um jogador aos dezassete, aos dezoito ou aos dezanove anos não tiver uma capacidade técnica para dar resposta a pensamentos táticos e se não perceber o jogo nessa altura, se não tiver inteligência no jogo para desenvolver tacticamente o jogo, não é muito fácil dar-lhes isso, nessa altura. Enquanto mentalmente posso acrescentar-lhe alguma coisa de repente, mesmo até no aspecto físico. Técnica e tacticamente isso não é possível. Ou desde muito cedo eu o preparo, desde os seis/sete/oito anos o vou preparando ou é muito difícil. Embora eu saiba claramente que há correntes diferentes, penso que mais à frente a entrevista vai tocar nisso e eu explicarei melhor



porque é que nós temos tantas preocupações a nível de trabalho de volume técnico com os nossos jogadores.

Pedro Ribeiro: Considera que a dimensão táctica e a dimensão técnica, as duas aliadas, que no fundo fundamentam o trabalho na formação? Com os aspectos físicos, psicológicos e sociológicos, que quisermos integrar nestas duas vertentes?

Luís Castro: Quando um jogador sente que é sempre capaz de dominar o jogo técnica e taticamente coloca esta dimensão, a psicológica, claramente no top, a par destas. Quando ele consegue desenvolvê-las técnica e taticamente, claramente, assessoria a estas dimensões o aspecto físico e também o consegue desenvolver. Consegue prestar também atenção a este, a par destas três dimensões.

Pedro Ribeiro: No fundo, tudo isto para dar aos jogadores a possibilidade de terem o mesmo tipo de possibilidade que uma equipa de seniores, neste caso o plantel do FC Porto, terá?

Luís Castro: Sim.

Pedro Ribeiro: Então que as características específicas, como por exemplo princípios de jogo, inteligência de treino, aspectos de formação de personalidade entre outros, valorizam os processos de formação a fim deste se aproximar do realizado no plantel sénior?

Luís Castro: Nós, na nossa Formação, o nosso pensamento é este: nós não podemos subir equipas ao plantel sénior. Inequívoco, nós só subimos jogadores. Portanto, temos de criar contextos de facilitação para o crescimento desses jogadores e isso nós criamos através da nossa metodologia de treino, dos ensinamentos dos princípios de jogo e todo esse crescimento é feito sempre visando a Equipa A. Nós não podemos estar muito preocupados,



embora estejamos também porque sabemos que só uma equipa saudável em termos de produção de jogo e com um bom jogo é que produz individualidades para fazer chegar à Equipa A. Mas nós não nos cingimos só aquilo que a equipa produz. A equipa ganhou “está tudo bem.” A equipa perdeu “está tudo mal”. Não. A equipa pode perder e estar tudo bem, porque emergiu dela um ou dois jogadores. E a equipa ganhou e pode estar tudo mal porque não conseguiu destacar nenhum jogador, nenhum jogador brilhou e nenhum jogador está a brilhar, numa sequência de jogos. Portanto, para nós é preocupante quando se ganha um campeonato nacional e olhamos e não reconhecemos nessa equipa individualidades para subir à Equipa A. A nossa preocupação é clara. É criar uma metodologia de treino em que emergem esses jogadores. Dotar esses jogadores com os princípios básicos do jogo para depois aumentarmos a complexidade desse jogo à medida que ele vai crescendo na nossa formação, até ao patamar máximo - Juniores – que é onde ele tem de estar preparado para atacar a Equipa A. Isso é aquilo que nós temos a certeza que vai acontecer dentro de muito pouco tempo. E temos a certeza que também que já é capaz de acontecer aqui ou ali. Aqui e ali já temos esses jogadores, ainda que não na quantidade desejada, sendo que o que nós queremos é ter jogadores permanentemente com essas capacidades.

Pedro Ribeiro: Tendo esse objectivo de colocar jogadores na Equipa Sénior, existe no clube um Modelo de Jogo comum desde o escalão de Escolas até aos Seniores, ou existe um Modelo para o Departamento de Formação (e aqui um Modelo específico para escalão) e outro para a Equipa Sénior?

Luís Castro: A Formação tem, como eu disse atrás, a responsabilidade de formar jogadores para subirem à equipa sénior. Os modelos dentro do Modelo, porque não posso querer, que a equipa de Sub-11 jogue da mesma forma que a de Sub-19, ou a equipa de Sub-17 igual à de Sub-13. Há um Modelo mas dentro desse Modelo há vários modelos. Mas há a mesma forma de entendimento de jogo, a mesma explicação daquilo que é o nosso jogo na formação, aos jogadores. A nossa principal preocupação, a primeira



preocupação do FC Porto, é dotar os jogadores tecnicamente com todas as valências possíveis e que eles possam desenvolver enquanto entidades que vão servir o nosso jogo. Dar-lhes o máximo de capacidades técnicas para eles desenvolverem o jogo que nós queremos, durante o seu percurso de formação. Esse jogo vai aumentando a sua complexidade táctica. Queremos, claramente, muitas mais combinações nos Sub-19 do que queremos quando eles são Sub-14. Agora, eles têm que ter capacidade técnica para dar respostas a todas essas solicitações que vão sendo feitas ao longo da “caminhada”. Não é nossa preocupação clara ter um Modelo de Jogo igual ao da Equipa A, embora o sistema de base seja o mesmo, neste momento. Há uma cultura própria dentro do FC Porto. O FC Porto foi um clube que cresceu ao longo de décadas e décadas, sempre uma cultura de vitórias. Claramente, uma cultura porque não dizê-lo de 1-4-3-3. É habitual vermos os sócios/massa adepta perdoarem o insucesso de 1-4-3-3 do que se um 1-4-4-2 estiver instalado, já pode ser por outras situações. Portanto, o nosso sistema de base é um sistema de 1-4-3-3, em que também é facilitador para a aprendizagem do jogo e para a ocupação racional dos espaços. Portanto, é muito mais fácil o jogador perceber o que é uma cobertura, o que é uma abertura, o que é uma ocupação de espaço, o que é uma compensação, num modelo 1-4-3-3 do que será num modelo de 1-4-4-2. É mais fácil ensiná-lo, portanto vamos aumentando a complexidade do jogo, desde muito cedo, mas sempre com a preocupação do jogador saber dar respostas a tudo aquilo que lhe for solicitado tecnicamente.

Pedro Ribeiro: A minha próxima pergunta era mesmo essa. Que traços culturais do clube determinam o Modelo de Jogo do clube ou o Modelo da Equipa? Penso que já respondeu, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa.

Luís Castro: Influencia, porque nós estamos habituados a formar os alas, os pontas de lança, os médios interiores, o pivot. Estamos habituados. É uma cultura nossa e se nós agora, de repente, mudarmos o nosso Modelo de Jogo temos claramente de olhar o nosso treino e a nossa metodologia de uma forma



muito diferente da que está instituída. Temos de entrar em ruptura e não o queremos fazer. Queremos sim dar continuidade à cultura que está instalada no clube com as nossas ideias, de quem está neste momento denominador do processo, mas respeitando sempre a cultura do clube.

Pedro Ribeiro: Qual o papel deste Modelo de Jogo referido na construção do Jogo que pretende como Coordenador para a Equipa de Sub-19 do clube?

Luís Castro: Quero que a equipa de Sub-19 do clube seja uma equipa em que, embora eles tenham crescido no Modelo de Jogo que está, claramente, definido num documento interno, quero que eles sejam sujeitos nos Sub-19, a solicitações diversas, não só por um ou outro traço do seu treinador, por um ou outro traço de solicitações que sejam exigidas a esses jogadores de Sub-19 quando frequentam a Liga Intercalar, de uma ou outra solicitação diferente quando vão trabalhar com a equipa sénior. Portanto, quero que eles quando chegam a esse patamar, quero que a construção de um jogar, se fugiu um pouco aquilo que norteou o crescimento até essa altura, até esse escalão, que eles possam dar uma resposta positiva aquilo que é solicitado, mesmo que algumas solicitações sejam díspares em relação aquilo a que estavam habituados. Portanto, o que é que nós queremos? Queremos nesse patamar provocar, aqui e ali, choques e rupturas com aquilo que foi feito até então para ver a capacidade que o jogador tem em se adaptar e dar respostas positivas a essas solicitações.

Pedro Ribeiro: Portanto o Modelo instituído no escalão de Sub-19 comporta isso mesmo? Comporta culturas e se calhar situações de readaptação em função de situações diversas?

Luís Castro: Sim, porque é isso que os espera. Eu não posso esperar pela chegada à Equipa A para ver se eles são capazes de responder ou não a essas solicitações novas. Portanto, a construção do Jogo na equipa de Sub-19



não é a mesma construção de jogo da equipa de Sub-17. É um patamar em que nós já permitimos algumas coisas diferentes.

Pedro Ribeiro: Não se importa de especificar um bocadinho mais? Que tipo de preocupação tem com o Jogar da equipa de Sub-19?

Luís Castro: Eles saberem jogar num dos nossos sistemas alternativos. Por exemplo no 1-3-4-3, imprimindo novas dinâmicas, novas culturas, novas coberturas, novas rupturas, novos aparecimentos nos espaços, novas saídas de bola, tudo isso é-lhes exigido. Permitir que eles, em determinado momento, se nós precisarmos de jogar num 1-4-4-2, em que nós em vez de jogarmos com um único pivot passemos a jogar com dois pivot's, para libertar mais os interiores, para espaços dos corredores interiores e para haver mais combinações entre dois da frente, também a isso teremos de considerar para lhe provocar essas novas dinâmicas. Portanto as nossas preocupações nos Sub-19 são provocar novas dinâmicas, novas exigências, novas preocupações e novas formas de pensar aos jogadores e ver se realmente eles são capazes de responder de uma forma positiva a todas essas solicitações que lhes são feitas com novas propostas de trabalho, em treino e em jogo. Essas são as preocupações que também temos no escalão de Sub-19 e que são evidentes em determinados momentos da época e determinados jogos.

Pedro Ribeiro: Falou há pouco que um dos aspectos que pode considerar como ruptura com o processo habitual de construção de um Modelo de Jogo desde o escalão de Escolas é o facto de os treinadores terem uma Concepção de Jogo própria e única. Como perspectiva o facto de um treinador ter a sua própria Concepção de Jogo e o clube ter um Modelo de Jogo o qual pretende implementar e que estas possam ser manifestamente diferentes.

Luís Castro: Só permitimos aos Sub-19. Não permitimos a nenhum outro escalão. Em todos os outros escalões estão, claramente, definidas as regras de crescimento do jogador. Há três sistemas de base que provocam, natural e



consequentemente, dinâmicas diferentes mas sempre com privilégios em termos de percentagem de crescimento sobre esse sistema de base, o nosso 1-4-3-3. Depois puxando um elemento ao meio, vindo da frente, passa a 1-4-4-2. Puxando um elemento ao meio, vindo de trás, passa a 1-3-4-3. Isto, claramente, implica ajustamentos quando ele vem de frente ou quando ele vem de trás, para o sector intermédio. Vai provocar dinâmicas diferentes mas queremos que os jogadores sejam sujeitos a isso com muita mais frequência na equipa de Sub-19 e não tanto nos outros escalões abaixo deste. Sabendo que nós temos, por exemplo, as nossas equipas de Sub-11, Sub-12 e Sub-13 e que estas jogam muitas vezes no sistema de 1-3-4-3, porque nós com o domínio total do jogo que naturalmente temos nestes escalões, quando em processo ofensivo os nossos jogadores que jogam na zona central defensiva são jogadores pouco solicitados. Portanto, temos permanentemente dois jogadores fora do jogo. Se nós fizermos subir essa unidade, esse jogador vai participar activamente e a outra unidade fica com muito mais concentração perante o jogo, porque sabe que é uma unidade só naquele espaço de jogo é que é o ultimo homem da nossa estrutura defensiva, fora o guarda-redes, portanto aumenta a responsabilidade e cria situações de 1vs1 permanentemente porque as outras equipas provocam um futebol muito directo sobre a nossa e que ele tem de ir buscar muitas vezes. Mas se souber que tem um outro jogador ao lado dele isso torna-se um elemento facilitador para ele, e é um conforto que vai ter em campo. Tudo isto é pensado no nosso Modelo, nos nossos escalões, para promover sempre o desenvolvimento individual do jogador e sujeitá-lo, porque para nós é confortável jogarmos num 1-4-3-3 e estamos a ganhar por dois ou por três. É confortável estarmos a ganhar não sujeitando-os ao mínimo de risco, mas não é isso que nós queremos. Nós queremos sujeitar-nos a um risco e criar sistemas de base que provoquem o risco e uma grande frequência de actividades aos jogadores em campo, no jogo.



Pedro Ribeiro: Portanto, no escalão de Sub.19, o treinador terá um pouco mais de liberdade para que a sua Conceção de Jogo possa ser parte integrante da forma como estrutura o processo?

Luís Castro: Sim, sem haver um grande desvio àquilo que é o modelo de jogo. Mas concedemos ao treinador alguma liberdade num ou noutro jogo para jogar em situação de risco, para ter um maior controlo do jogo, aqui e ali. Deixamos que isto aconteça.

Pedro Ribeiro: Sempre com normas orientadoras mas com graus de liberdade maiores...

Luís Castro: Sim, maiores. Com os princípios de jogo lá bem colocados no caso daquilo que eles vivenciaram no dia-a-dia do seu crescimento, mas com dinâmicas diferentes. Deixamos fazer.

Pedro Ribeiro: Podemos afirmar que o Modelo de Jogo é uma criação do treinador/clube que é recriada pelos jogadores?

Luís Castro: Podemos. Podemos e devemos, porque o jogador deve, claramente, ser a entidade que transporta esse pensamento em campo, daquilo que é a cultura do clube, daquilo que é o nosso Modelo de Jogo.

Pedro Ribeiro: Qual será então o papel dos jogadores relativamente à construção e operacionalização do Modelo de Jogo do clube?

Luís Castro: Construção, como nós falamos até agora, foi feita sem base, sem termos em conta aquilo que nos servia, que são os jogadores, que servem esse modelo. Operação, claramente, são todos esses que operacionalizam tudo aquilo que está pensado, escrito em documento, tendo em conta todos aqueles factores que nós falamos até agora e que levaram a formar modelo de jogo do FC Porto. São eles que ao operacionalizam tudo aquilo que nós



pensamos. E ao operacionalizar, levam-nos às decisões de verificar qual é o jogador que tem as aptidões para chegar ou não à Equipa A.

Pedro Ribeiro: Procuram, por exemplo, jogadores para determinada forma de jogar? Ou os jogadores podem condicionar a forma de jogar da equipa?

Luís Castro: Não, os jogadores não podem condicionar a forma de jogar da equipa. Eles transportam com eles valências, daí a nossa preocupação a nível técnico e tático. Transportam com eles valências que lhes permitem dar respostas claras àquilo que lhes é solicitado. O trabalho técnico que nós desenvolvemos quando eles têm os seus seis/sete/oito anos, que vão crescendo tendo como base nesse trabalho, permite-lhes estar muito à vontade e permite-lhes terem ritmos de intensidade no jogo muito bons, porque o trabalho técnico tem como base fundamental a relação com a bola. O jogador e a bola têm uma relação muito forte. Não é um objecto estranho, é um objecto que o acompanha e que se relaciona com ele de uma forma estética bastante agradável, nos nossos jogadores. Ao ter essa relação obriga o jogador estar em actividade permanente, no treino. Não é por acaso que o FC Porto quer uma bola para cada jogador. Obriga o jogador a estar em permanente movimento. Há uma habituação do corpo ao movimento e este provoca-lhe extrema agilidade no seu corpo. Fica um corpo muito mais ágil, quando ele se relaciona com a bola. O jogar com o pé direito, com o pé esquerdo, com a cabeça, com o tronco, com as coxas, o domínio, o passe de trivela, o passe interior com o direito, com o esquerdo, com o calcanhar, o drible, provoca jogadores intensos. Esses jogadores intensos vão fazer com que as dinâmicas do próprio jogo também o sejam. Portanto, este ganho, com este trabalho, reflecte-se permanentemente nos jogos e não é por acaso que o aumento do trabalho técnico influenciou directamente o aumento da intensidade dos jogos do FC Porto, na sua formação.



Pedro Ribeiro: Passando para um tema relacionado com a Análise do Jogo. Enquanto Coordenador de um Departamento de Formação, considera a Análise do Jogo um meio importante no processo de Formação em Futebol?

Luís Castro: A análise de jogo é a consequente apresentação da imagem do jogo. A imagem tem uma força tremenda junto dos jogadores. Eu se estiver a ter um discurso com um jogador “olha tu, lembras-te daquela jogada aos trinta minutos, em que fechas-te pelo meio? Não devias ter fechado tanto. Devias ter ficado mais no limite da linha do corredor porque isso permitiu que nas tuas costas...”. Esqueçam! O jogador quando lhe estou a dizer “nas tuas costas...” já foi...ele já não está a ouvir nada, já não quer saber de nada. Se eu chegar com a imagem parada do jogo e disser “olha aqui, olha o que tu fizeste...”, fácilímo, está tudo ali escrito. Já não sou eu que lhe vou explicar mas ele é que me vai explicar a mim aquilo que está a acontecer e que não devia ter acontecido com ele. É totalmente diferente o médico dizer aquilo que eu tenho ou eu contar ao médico aquilo que eu tenho. E é essa análise do jogo, mas com apresentação da imagem, é hoje uma arma fortíssima e o FC Porto está a salvaguardar isso, claramente. Tem um departamento de imagem e de análise de jogo que vai fazer evoluir muito não só o jogador como o nosso modelo de jogo. Porque vamos ter a noção exacta daquilo que aconteceu no jogo e porque é que aconteceu, como é que se deve resolver esse problema que aconteceu no jogo e como é que o jogador se deve comportar perante aquilo que aconteceu de errado no jogo num futuro próximo, no próximo jogo, no próximo treino. E nós poderemos direccionar muito melhor o nosso treino em função daquilo que aconteceu no jogo, de forma positiva também, não é só dizer que aconteceu de errado, é mostrar também aquilo que aconteceu de positivo para nós continuarmos a fazer.

Pedro Ribeiro: Está-se a referir à equipa sénior ou aos escalões de formação?



Luís Castro: Formação, formação. Não me estou a referir à equipa sénior. Estou-me a referir somente aos escalões de formação do clube. Estou a falar enquanto director técnico da formação, não estou a abordar sequer a equipa A.

Pedro Ribeiro: Qual a relação entre Análise do Jogo da própria equipa e o Modelo de Jogo Adoptado pelo clube?

Luís Castro: A relação tem de ser total. A análise do jogo tem que “bater” com as directrizes do nosso modelo de jogo. Se nós temos um jogo colectivo e se o analisarmos como aconteceu recentemente na Liga Intercalar, em que a nossa equipa era constituída maioritariamente por jogadores de formação, e chegamos à conclusão nessa análise que transportamos muito o jogo, que individualizamos muito o jogo, claramente, não cumprimos o plano e a regra que determinam e que imanam o nosso modelo de jogo. Portanto alguma coisa esteve de errada e temos de corrigir rapidamente. A análise está sempre relacionada com o modelo. Uma análise tem que ter sempre como base algo e esse algo é a análise em função do modelo de jogo instituído no FC Porto. Porque um jogo pode ser muito bem conseguido, para a opinião pública e para quem está a ver enquanto comunicação social, e pode não ser para nós enquanto departamento de formação do FC Porto. Há objectivos claros a cumprir em cada jogo.

Pedro Ribeiro: Considera a Análise do Jogo um aspecto importante no processo de construção da forma de Jogar de uma equipa?

Luís Castro: Claro. Claro, só com essa análise é que se vai construindo melhor o jogar.

Pedro Ribeiro: Que tipo de implicações esta poderá ter no processo de treino?

Luís Castro: Toda. Aquilo que acabamos de falar há bocadinho. Se chegarmos à conclusão que não cumprimos as leis, as regras, tudo aquilo que



determina o nosso modelo de jogo...Tivemos já, durante este primeiro período da época, em alguns escalões nos quais os jogos influenciaram de uma forma drástica o nosso planeamento de treino, o nosso ciclo semanal de treino. Detectamos que não estavam a ser cumpridos determinados pressupostos que deveriam ser cumpridos e alteramos. Muito mais a nível da equipa de Sub-19 porque, claramente, este ano, fruto de algumas coisas que aconteceram, ela teve de ser construída de novo. Tentaremos que não venha a acontecer mais, mas houveram algumas coisas que aconteceram e que nós, em determinados momentos, somos humanos e as situações tiveram de ser rectificadas, e houveram jogos que influenciaram a nossa semana de trabalho.

Pedro Ribeiro: No que respeita à Análise do Jogo da própria equipa, como, quando e por quem é realizada no escalão de Sub-19, em situação de treino?

Luís Castro: Pelos treinadores. É avaliada pelos treinadores. A nossa análise de imagem, neste momento, é feita só nos jogos.

Pedro Ribeiro: Portanto em situação de jogo é analisado o jogo com recurso a imagens, presumo por um vídeo/dvd?

Luís Castro: Sim, e é tratado, é desmontado e é através de um programa próprio e é apresentado aos jogadores.

Pedro Ribeiro: Entende que este tipo de informação deve funcionar apenas como conhecimento de apoio para o treinador/equipa técnica ou deve ser dada a conhecer aos jogadores?

Luís Castro: Aos jogadores também. Aos jogadores, ao departamento de formação e ao seu líder porque essas avaliações são aquelas que vão fazer com que os jogadores subam ou não subam à Equipa A do FC Porto. A informação do FC Porto é muito bem tratada e é muito filtrada, tem canais muito próprios e a informação é um elemento decisivo para tomar decisões.



Pedro Ribeiro: No caso de ser dada a conhecer aos jogadores, de que forma esta deverá acontecer?

Luís Castro: Individual e colectiva, conforme a situação. Se é um problema que influenciou negativamente o colectivo, vamos apresentá-lo de uma forma colectiva. Se achamos que é mais eficaz chamar o jogador, para o seu desenvolvimento, e falar em privado com ele, falamos. Mas isso aí não. Eles têm de estar preparados para tudo. Temos algum cuidado mas não é aquele cuidado extremo, agora mostrar a este jogador que falhou, não. Temos que o responsabilizar muitas vezes à frente do grupo e fazemo-lo. Agora se entendermos que não há necessidade disso chamamo-lo em privado fazemo-lo à parte. Agora fazemos é sempre que alguma coisa de errada aconteça. É um processo que fazemos e vai ser feito com mais eficácia porque estamos na fase terminal do nosso projecto de imagem e análise. Há meios que ainda estamos a colocar que vão ser fundamentais para isso, sendo que este está mesmo na sua fase terminal.

Pedro Ribeiro: Como Coordenador utiliza a Análise do Jogo também para uma avaliação mais concreta e específica do jogador...

Luís Castro: Sim, é essa que me leva a tomar decisões. É essa que me confirma se o jogador está pronto, ou não, para chegar à Equipa A.

Pedro Ribeiro: Considera o exercício de treino como um meio para poder explanar e corrigir aquilo que poderá ter constatado ter estado menos bem num possível jogo, num possível treino?

Luís Castro: Só pode ser por aí Pedro. Não pode ser por outra coisa. O treinar é criar exercícios para rectificar ou potenciar situações positivas. A plasticidade do exercício é sempre fundamental para nós direccionarmos o exercício para onde nós queremos, em função daquilo que nós vimos.



Pedro Ribeiro: Outro âmbito da Análise do Jogo é a análise das equipas adversárias. No Departamento realizam análises às equipas adversárias?

Luís Castro: Pontualmente. Não podemos ter muito em conta. Quem quer fazer evoluir os jogadores não pode estar preocupado se a outra equipa joga assim ou joga de maneira x, y ou z. Há tempo para tudo. Vai chegar o tempo em que nós vamos ter essa preocupação, porque nós somos um clube que quer formar a ganhar e quando chegarem as grandes decisões temos de ter em conta alguns factores que as equipas adversárias apresentam. Mas na maioria dos microciclos não podemos ter isso em conta. Temos que chegar aos estádios e impor o nosso modelo de jogo e fazer com que através dele nós saíamos vitoriosos dos jogos que disputamos. Não é uma atitude de prepotência perante os campeonatos, porque nós também perdemos, e temos perdido algumas vezes, até mais que o normal agora nesta primeira fase do campeonato, mas sabemos porque é que temos perdido, sabemos o que é que queremos e sabemos que estamos a evoluir e sabemos que vamos ganhar muitas mais vezes. Não é por uma questão de prepotência mas é por uma questão estratégica. Eu não posso direccionar a atenção dos nossos jogadores para os outros. Tenho que direccionar para eles próprios. Tenho que direccionar para o nosso modelo de jogo e como essa é a nossa preocupação maior, porque eles ainda não estão totalmente formados, a nossa preocupação é formá-los bem. Prepará-los para eles no primeiro e segundo anos de juniores já estarem preparados para irem para a Equipa A e para que isso aconteça não posso desviar as atenções do que é fundamental.

Pedro Ribeiro: Qual o intuito então dessa observação?

Luís Castro: Quando realizamos é para verificarmos quais são os pontos mais fortes e os pontos mais débeis da equipa adversária. O que é que eles nos poderão dar. Vamos procurar antecipar aquilo que nos espera. E ao antecipar aquilo que nos espera entramos muito mais preparados em campo. Nesta fase



ainda queremos que os jogadores sejam sujeitos ao inesperado e a forma como eles ultrapassaram o inesperado.

Pedro Ribeiro: Portanto numa fase mais adiantada da época se calhar na fase final...

Luís Castro: Vamos fazer, quando eles já estão portadores e transportadores de todo o nosso modelo e de toda a nossa exigência, aí já podemos acrescentar algo mais. Antes de chegarmos à fase final já fazemos algumas análises, já os preparamos para aquilo que vem na fase final.

Pedro Ribeiro: Considerando a equipa de Sub-19 o último passo antes de se chegar aos seniores, e que nos seniores é um dado adquirido que todas as equipas de topo utilizam a análise da equipa adversária como um complemento para a preparação, entende que na equipa de Sub-19 essa situação deverá acontecer com maior regularidade?

Luís Castro: Quem sabe jogar, sabe jogar sempre. Tendo isto como base, a equipa adversária jogar desta ou daquela forma não criará dar problemas aos jogadores. Agora como eu disse há pouco, antecipar os problemas que nos vão aparecer, claramente, torna-nos mais fortes. Acho que será muito bom antecipar um pouco aquilo que esperamos que nos venha a acontecer e o escalão de Sub-19 é também um dos escalões que estamos a privilegiar com observações às equipas adversárias e depois em alguns jogos também jogar em função...não é jogar em função, porque nós quando preparamos uma equipa, o FC Porto não é diferente dos outros, quando se prepara um jogo. é um pouco diferente porque ganha mais vezes, tem as melhores equipas normalmente é aí a diferença dos outros. Mas a preparação do jogo tem sempre à volta vários factores que influenciam essa preparação. Mas o primeiro que influencia será sempre o modelo de jogo. Sempre, sempre, sempre. O modelo de jogo é algo que está no topo na pirâmide e que influencia a preparação do nosso jogo. Depois há várias desde a classificação em que



nos encontramos, a classificação do adversário, as lesões que temos, a fase da época em que nos encontramos, o volume de jogos que temos durante essa semana, para além desse jogo que nós apontamos como preparação fundamental. Portanto, há aqui um conjunto de factores em que entra também a análise da equipa adversária. Agora se nós a estes seis ou sete itens, nós lhes dermos uma percentagem de importância...ou estado anímico do jogador também influencia...Se nós dermos uma percentagem em importância, claramente, para aí o modelo de jogo absorve 80% das nossas preocupações. Mas, o modelo de jogo depois comporta todas as outras. Absorve-as todas. Mas, tudo em função do nosso modelo de jogo, sempre. Não podemos "tenho o modelo de jogo, há agora observei uma equipa, e a análise levou-me...e ela tem maior percentagem de importância consoante a equipa". Não. Eu tinha muito mais em conta a análise de jogo quando estava na Super Liga, no Penafiel, das equipas adversárias, do que hoje enquanto líder do processo de formação. Tinha muito mais lá do que quando treinava a Segunda Divisão B. Teria muito menos preocupação com o adversário se treina-se uma equipa do top nacional do que estando no Penafiel. Mas isso é uma coisa lógica, influencia de formas diferentes não é? Quando há uma lesão num jogador influencia. Agora influencia de forma diferente num plantel vasto e de qualidade do que um plantel reduzido e com menos qualidade. Tudo isto se tem de ter em conta, e com a análise de jogo é igual.

Pedro Ribeiro: Portanto considera que, na Formação, a análise da equipa adversária funcionará como um complemento estratégico para o jogo?

Luís Castro: Claramente.

Pedro Ribeiro: Tendo o clube um Departamento específico nesta área (Departamento de *Scouting*), qual a relação que entende dever existir entre um treinador da formação e os observadores desse Departamento específico?



Luís Castro: Têm reuniões mensais. Portanto, a partir do momento em que lhes damos reuniões mensais está tudo dito. Damos uma importância larguíssima e muito forte à relação entre o departamento de *scouting* e o técnico, este através dos seus treinadores e director técnico e de *scouting* através de todos os *scouts* que trabalham nesse departamento.

Pedro Ribeiro: Entende que a informação recolhida nessas análises terá importância na forma como se estrutura, prepara e aplica o treino?

L.C.: Pode influenciar, entroncando em tudo aquilo que já foi dito anteriormente, não pode influenciar de uma forma decisiva, muito forte. Pode influenciar pontualmente um posicionamento ou outro sector. A inter-relação entre elementos do mesmo sector há, aqui e ali, um conjunto de coisas que nós podemos ajustar. Agora não podem mudar, claramente, a nossa forma de jogar. Isso não pode.

Pedro Ribeiro: Considera que a observação das equipas adversárias poderá condicionar o Modelo de Jogo vigente no clube? Ou não condiciona?

Luís Castro: Não. Nunca podemos perder a identidade. Perdendo a identidade é um passo para perder o jogo. É mais fácil ganhá-lo com a nossa identidade.

Pedro Ribeiro: Considera a forma e o tipo de informação recolhida nestas análises a mais adequada para o contexto da Formação? Têm preocupações com a forma da informação é recolhida?

Luís Castro: Não. Procuramos que o padrão de análise seja uniforme. É feita de uma forma transversal, essa análise. Depois o treinador trata-a como entender tratá-la. Mas a análise é feita da mesma forma em todos os escalões.

Pedro Ribeiro: Reportando-nos agora mais especificamente ao Treino. Sabendo-se que estamos perante um clube de top nacional e internacional,



considera importante que no processo de Treino a primeira preocupação seja a construção e aplicação de um tipo de Organização de Jogo ao qual todas as equipas adversárias tenham de se submeter?

Luís Castro: Sabemos uma coisa. Sabemos que só com organização, liderança, disponibilidade, solidariedade, companheirismo, sofrimento, tudo isso, sabemos que todos estes componentes são fundamentais para se formar uma boa equipa. E sabemos que se nós conseguirmos tudo isto vamos chegar a qualquer jogo e vamos impormo-nos pela positiva. E também sabemos que, com todos estes factores que acabamos de falar, é mais fácil fazer emergir dentro da própria equipa, individualmente, este ou aquele jogador. E hoje destaca-se um, amanhã destaca-se outro, porque têm valor. Num dia até se destacam todos e a equipa esteve sublime, na sua produção. Portanto, sabemos que através do cumprimento do nosso modelo de jogo, da nossa organização, da nossa liderança, de tudo isso que acabamos de falar, conseguimos ser fortes em campo e conseguimos controlar os jogos. E conseguimos chegar ao objectivo que é ganhar também, para além de promover os jogadores individualmente.

Pedro Ribeiro: Qual a sua perspectiva acerca do Treino em termos de estruturação, objectivos e relação com a competição?

Luís Castro: O treino está sempre estruturado por forma a trabalharmos de uma forma antecipada tudo aquilo que nos é solicitado em jogo. Não pode, nunca, um treinador prescrever uma actuação da equipa para determinado jogo sem a ter trabalhado previamente através da operação de treino. Muitas vezes sentimos que este ou aquele aspecto não foi tão salvaguardado. Nota-se logo que não foi salvaguardado, na operacionalização da semana de trabalho. A nossa semana de trabalho está toda ela prevista. Está toda ela salvaguardada em termos daquilo que vai ser necessário trabalhar para a abordagem de um jogo e os jogadores são todos eles trabalhados de forma a não serem surpreendidos, por isto ou aquilo que lhes apareça em determinado jogo. A



análise de jogo, como falamos atrás, pode também precaver um pouco daquilo que pode acontecer no jogo, mas aquilo que realmente prevalece para termos todo esse cuidado será sempre o treino. É ele que vai fazer com que cheguemos ao jogo e o abordemos de uma forma confortável e sem qualquer tipo de problemas.

Pedro Ribeiro: Tendo em consideração a situação do clube no que respeita a objectivos, intenções, metas a alcançar, normas orientadoras, como perspectiva o Treino para a equipa de juniores?

Luís Castro: O treino tem de ser sempre direccionado para promover desenvolvimento. Mas, desenvolvimento individual que se reflecta numa prestação colectiva. Desenvolvimento colectivo que perspetive, depois nessa prestação colectiva, o desenvolvimento individual. Portanto, nós temos sempre aqui uma relação muito forte entre o colectivo e o individual, porque sabemos, claramente, que não subimos equipas. Subimos jogadores. Mas também sabemos que para subir jogadores temos de ter equipas. Portanto, o treino terá sempre isto em consideração. Muitas vezes vemos um trabalho mais individualizado nesse treino, outras vezes vemos um trabalho mais colectivo nesse treino, mas sempre com o pensamento único, que é jogarmos bem colectivamente para emergir individualmente. É esse sempre o nosso pensamento do FC Porto.

Pedro Ribeiro: Tendo em consideração estes quatro aspectos (Modelo de Jogo, a Concepção de Jogo do Treinador, Análise do Jogo e *Scouting* das equipas adversárias) perspectiva o Treino integrando todos estes aspectos ou dá predominância maior a um em detrimento de outro(s)?

Luís Castro: Temos de ser coerentes e já que assumimos aqui, ao longo de toda a nossa conversa, que o modelo de jogo determina e determinará sempre o processo. Sempre, sempre, sempre. Porque o modelo de jogo é algo que foi muito pensado. É algo que foi fruto de análise. E analisamos em função de



quê? Da subida de jogadores à Equipa A. Nada pode tolher este processo. Nada pode minimizá-lo, nenhuma influência sequer. Porque o nosso modelo de jogo da formação está pensado para contemplar dos sete aos dezoito anos. Então neste trajecto nada se pode ferir. Foi muito pensado. Nós sabemos o que fazer à terça, à quarta, à quinta, à sexta, ao sábado, o que fazer quando temos três jogos por semana, o que fazer quando temos dois jogos por semana, o que fazer quando jogamos ao sábado, ou quando jogamos ao domingo, o que fazer após o trabalho de quarta-feira, o de terça-feira está relacionado com o jogo e está relacionado com o de quarta-feira, o de quarta-feira está relacionado com o treino de terça e em função daquilo que se vai fazer quinta-feira. Portanto, eu não posso alterar isto só porque vimos um adversário e ele nos diz isto. Não posso alterar só porque analisamos um jogo e detectamos que a equipa fez isto ou aquilo de errado. Posso ajustar. Não posso mudar, não posso mudar totalmente.

Pedro Ribeiro: Portanto, Concepção de jogo, Análise do Jogo e *Scouting* sempre como um acrescento...

Luís Castro: Só como acrescento. Sempre! São fornecedores. O cliente é sempre o modelo de jogo. Os fornecedores são todos esses factores que nós falamos.

Pedro Ribeiro: Como perspectiva um microciclo-padrão semanal, tento em consideração estes aspectos? Por exemplo, foi analisada a equipa adversária. Esse aspecto entra no planeamento de treino, no microciclo durante todos os treinos? Em apenas alguns?

Luís Castro: Em apenas alguns. Dou-lhe um exemplo. Vimos que a equipa adversária bate os cantos ao segundo poste de uma forma muito forte. É aí o grande poderio dela. Temos que promover treinos em que, estrategicamente, vamos guardar um espaço largo de finalização da equipa adversária. Vimos que a equipa adversária tem o ala da esquerda que é um jogador que provoca



diagonais interiores. Nós, ajustamos posicionamentos, embora ele já esteja preparado para ajustar, tudo em função daquilo que aparece pela frente. Chamamos à atenção e somos capazes de fazer, aqui e ali, alguns períodos em que colocamos na frente do elemento que vai ter pela frente esse jogador observado, um jogador que promova essas diagonais interiores constantes, para ele criar naquele momento, em função daquele jogo, aquele hábito concreto. Agora, não fazemos isso de uma forma muito vincada, porque podem aparecer pela frente outras situações que não sejam aquelas que nós trabalhamos. Então trabalhar só em função do adversário e esquecer aquilo que é nosso, pode-nos levar a perder, claramente, um jogo. E nós temos de nos preparar para o todo e não para o particular. Temos que nos preparar para tudo que engloba todos os particulares. Agora, preparando só para o particular, depois pode aparecer outro “particular” e esse provocar distúrbios na nossa equipa.

Pedro Ribeiro: Como conclusão, penso poder referir então que, o microciclo semanal é gerido pelo Modelo de Jogo; a Análise do Jogo ajuda a gerir esse Modelo de Jogo, a Análise da equipa adversária poderá ajudar a trabalhar um complemento estratégico para o jogo; e a Concepção de Jogo poderá acrescentar alguma coisa a esse Modelo de Jogo?

Luís Castro: Mais a esse modelo de jogo. Exactamente. Nós quando fazemos um planeamento, fazemo-lo sempre em função do desenvolvimento individual dos jogadores. Sempre. Sempre tendo em consideração isto. Sem perder o contexto colectivo, que deve ser uma equipa do FC Porto. Ainda por cima que é uma, que é toda ela solidária e vive de princípios fundamentais de uma cultura orientativa do clube. Agora ele tem sempre, como não poderia deixar de ser, em função, o desenvolvimento claro e inequívoco que todos quantos cá trabalham, em termos de jogadores neste caso. Essa é a nossa preocupação e vai continuar a ser. É aquilo que nos preocupa permanentemente. É fazer chegar jogadores com qualidade e prepará-los cada vez mais cedo para a Equipa A. Percorremos esse caminho com estratégias muito bem definidas,



assentes num documento interno, que demorou algum tempo a elaborar, mas que está em clara aplicação e que foi entendido por todos. Neste momento é só deixar fluir o processo, transmitir a confiança do processo e não termos duvidas dele, em que vamos atingir objectivos e vamos ser cada vez melhores na formação.

Pedro Ribeiro: Muito obrigado pela atenção Mister...

Luís Castro: De nada, Pedro.